

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE ARTES E LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

**FLUXO DE INFORMAÇÃO EM FANFICTION: UMA PROPOSTA DE ANÁLISE  
SISTÊMICO-FUNCIONAL**

**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

**Noara Bolzan Martins**

**Santa Maria, RS, Brasil, 2015**

**FLUXO DE INFORMAÇÃO EM FANFICTION: UMA PROPOSTA DE ANÁLISE  
SISTÊMICO-FUNCIONAL**

**Noara Bolzan Martins**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós Graduação em  
Letras, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), como requisito para  
obtenção de grau de  
**Mestre em Letras.**

**Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Sara Regina Scotta Cabral**

**Santa Maria, RS, Brasil  
2015**

Ficha catalográfica elaborada através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Central da UFSM, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Bolzan Martins, Noara  
Fluxo de informação em fanfiction: uma proposta de  
análise sistêmico-funcional / Noara Bolzan Martins.-2015.  
114 p.; 30cm

Orientador: Sara Regina Scotta Cabral  
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa  
Maria, Centro de Artes e Letras, Programa de Pós-Graduação  
em Letras, RS, 2015

1. GSF - Metafunção Textual 2. Fluxo de informação 3.  
Progressão temática e remática 4. Estágios textuais 5.  
Fanfiction I. Scotta Cabral, Sara Regina II. Título.

---

© 2015

Todos os direitos autorais reservados a Noara Bolzan Martins. A reprodução de partes ou do todo deste trabalho só poderá ser feita mediante a citação da fonte.

E-mail: noarabolzan@gmail.com

---

**Universidade Federal de Santa Maria  
Centro de Artes e Letras  
Programa de Pós-Graduação em Letras**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova a  
Dissertação de Mestrado

**FLUXO DE INFORMAÇÃO EM FANFICTION: UMA PROPOSTA DE ANÁLISE DE  
ANÁLISE SISTÊMICO-FUNCIONAL**

elaborado por  
**Noara Bolzan Martins**

como requisito para obtenção do grau de  
**Mestre em Letras – Estudos Linguísticos**

**Comissão Examinadora**



---

**Sara Regina Scotta Cabral, Dr. (UFSM)**  
(Presidente/Orientadora)



---

**Raymundo da Costa Olioni, Dr. (FURG)**



---

**Valeria Iansen Bortoluzzi, Dr. (UNIFRA)**

Santa Maria, 23 de fevereiro de 2015.

*Cada linha, à minha família*

*Emancipate yourselves from mental slavery.  
None but ourselves can free our minds.  
(Bob Marley)*

*Agradeço todas as dificuldades que enfrentei; não fosse por elas, eu não teria  
saído do lugar.  
(Chico Xavier)*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, pela vida e proteção, e ao meu anjo da guarda, pela paciência e pelas muitas ideias aqui apresentadas.

Agradeço infinitamente aos meus pais, minha amada mãe, Tania Maria Bolzan, e ao meu amado e inesquecível pai, Alci Pube Pereira Martins (*in memoriam*), pela inspiração de vida, por terem desejado o meu nascimento, por terem me ensinado valores e a fé, por terem me proporcionado o crescimento espiritual e profissional, por sempre acreditarem em minhas capacidades, por perdoarem minhas insuficiências e pela força nos momentos em que me encontrei incapaz de prosseguir. O carinho e as orações de minha mãe são minha maior fonte de energia.

Às minhas lindas irmãs, Fabrina Bolzan Martins e Gisene Bolzan Martins, pela inspiração, companheirismo, *inigualável* afeto, pelos acalentadores abraços e doces sorrisos Desejo que sejam companheiras eternas. Ao meu querido cunhado, Marcos Vinícius Marques Pinheiro, por trazer alegria para minha família.

Ao meu amado Bruno Brondani Toller, pela inspiração, companheirismo, pela ternura inabalável, por serenar meus dias e projetar boas perspectivas de vida.

Agradeço também...

à professora Sara Regina Scotta Cabral, pelo seu conhecimento, pela sua paciência, pela orientação e principalmente por sua contagiante paixão pela língua.

Aos meus colegas e amigos Lucas Saldanha da Cruz e Angélica Lunardi, pela amizade, pelo riso fácil e por abrandarem meus dias de estudos. À minha professora e colega Nara Augustin Gehrke, pelo olhar mais gracioso da UFSM e por acreditar tanto em minha competência. Aos colegas do Núcleo de Estudos em Língua Portuguesa, pelo companheirismo.

À coordenação, professores e funcionários do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria, em especial ao Jandir Martins e à Emília Leitão, pela atenção e dedicação.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)  
pela bolsa de estudos.



## RESUMO

Dissertação de Mestrado  
Programa de Pós-Graduação em Letras – Estudos Linguísticos  
Universidade Federal de Santa Maria

### FLUXO DE INFORMAÇÃO EM FANFICTION: UMA PROPOSTA DE ANÁLISE SISTÊMICO-FUNCIONAL

Autor: Noara Bolzan Martins  
Orientadora: Sara Regina Scotta Cabral, Dr<sup>a</sup>  
Data e Local da defesa: Santa Maria, 23 de Fevereiro de 2015.

A perspectiva teórica adotada neste estudo insere-se numa visão sistêmico-funcionalista da linguagem. A linguagem pode ser analisada de diferentes ângulos, conforme os postulados da Gramática Sistêmico-Funcional (GFS), que considera os textos como construções metafuncionais que englobam complexos de significados ideacionais, interpessoais e textuais. A metafunção textual organiza a linguagem em uma unidade de sentido (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004) que permite averiguar de que forma se constrói o fluxo de informação em textos. Na *internet*, uma gama de publicações explode diariamente e percebemos muitos gêneros textuais novos advindos do intenso uso das tecnologias e suas interferências nas atividades comunicativas diárias. Dentre esses novos gêneros estão as chamadas *fanfictions*. Nesse sentido o objetivo deste estudo concentra-se em analisar como se processa o fluxo de informação textual de *fanfictions*, ou seja, a forma como se constroem esses textos como unidade de sentido. Os textos são escritos em língua portuguesa e publicados nos dois maiores *sites* de publicações de *fanfictions* do Brasil. Os resultados mostram que as unidades funcionais Tema-Rema se manifestam principalmente ao nível da oração e que a fronteira entre o Tema e o Rema se situa imediatamente após o primeiro elemento frásico com uma função ideacional ou de representação. A noção de Tema, inicialmente equacionada ao nível da oração, pode fornecer elementos válidos para a análise de estruturas textuais. Os resultados mostram ainda que, em cada estágio do texto, é possível haver distintos conjuntos semânticos de Temas e N-Remas oracionais, o que é determinante na progressão textual dos estágios e, por conseguinte, da globalidade dos textos. Consideramos os Temas oracionais e a análise do conjunto de N-Rema como elementos importantes para a análise de diversas dimensões acima da oração — designadamente a progressão e o desenvolvimento temáticos e remáticos e, de um modo geral, a construção da estrutura textual.

**Palavras-chave:** GSF - Metafunção Textual. Fluxo de informação. Progressão Temática e Remática. Estágios textuais. *Fanfiction*.

## **ABSTRACT**

Master's Dissertation  
Post-Graduate Program in Languages  
Universidade Federal de Santa Maria, RS, Brazil.

### **FLOW OF INFORMATION IN FANFICTION: A PROPOSAL OF SYSTEMIC FUNCTIONAL ANALYSIS**

Author: Noara Bolzan Martins  
Advisor: Sara Regina Scotta Cabral.  
Date e Local of presentation: Santa Maria, February 23<sup>th</sup>, 2015,

The theoretical perspective adopted in this study is part of a systemic-functionalist view of language. The language can be analyzed from different angles, as the postulates of Systemic Functional Grammar (SFG), which considers the texts with metafunction encompassing ideational, interpersonal and textual meanings. The textual metafunction organizes the language in a unit of meaning (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, 2014) that allows us to recognize how we build the flow of information in texts. On the internet, a range of publications explodes daily and we realized many new textual genres arising from the heavy use of technologies and their interference in daily communication activities. Among these new genres are the fanfiction. In this sense, the objective of this study focuses on analyzing how to process the flow of textual information in fanfiction, that is, how we can build these texts as a unit of meaning. The texts are written in portuguese and published in the two largest sites of fanfiction publications in Brazil. The results show that the functional units of amusement - Theme occur mainly at the level of the clause and that the boundary between the subject and the Rheme is located immediately after the first phrasal element with a representation or representational function. The notion of theme, initially equated in terms of the clause, can provide valuable input for the analysis of textual structures. The results also show that in each phase of the text, there may be different sets of semantic topics and N-Rheme, which is essential stages of progression in the textual and therefore all the texts. We consider Theme and N-Rheme as important elements for the analysis above surfaces of sentence - in particular the thematic and rhematic progression and development, and in general, the construction of textual structure.

**Key-words:** SFG - Textual Metafunction. Flow of information. Thematic and Rhematic Progression. Textual Stages. Fanfiction.

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Categorias de registro e sua relação com as metafunções_____	37
Quadro 2 - Resumo dos conceitos de Registro e Gênero sob a perspectiva teleológica de gêneros textuais_____	39
Quadro 3 - Resumo explicativo de Tema e Rema_____	56
Quadro 4 – Síntese: Estrutura Temática e Estrutura de Informação_____	58
Quadro 5- Dados do website Spirit_____	69
Quadro 6 – Relação dos exemplars selecionados para análise textual_____	72
Quadro 7 - Etapas que constituem a análise da organização composicional_____	73
Quadro 8 - Etapas que constituem a análise linguística_____	76
Quadro 9 - Divisão da <i>fanfiction</i> em estágios composicionais_____	79
Quadro 10 - Relação quantitativa de Temas_____	88
Quadro 11 – Esquema textual do gênero Episódio_____	92
Quadro 12 - Análise da F#1_____	107
Quadro 13 - Análise da F#2_____	108
Quadro 14 - Análise da F#3_____	109
Quadro 15 - Análise da F#4_____	110

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Gêneros cujo princípio é “Envolver” e estágios_____	42
Tabela 2 - Gêneros cujo princípio é "Informar" e estágios_____	43
Tabela 3 - Gêneros cujo princípio é "Avaliar" e estágios _____	44
Tabela 4 - Divisão da <i>fanfiction</i> em estágios e fases_____	79
Tabela 5 - Divisão em estágios, fases e conteúdos da F#2_____	80
Tabela 6 - Organização retórica do gênero narrativa e os processos mais frequentes_____	82
Tabela 7 - Exemplo dos estágios e fases do gênero narrativa_____	83
Tabela 8 - Organização retórica do gênero relato_____	83
Tabela 9 - Exemplo dos estágios e fases do gênero relato_____	84
Tabela 10 - Exemplo de constituintes em posição temática que representam conjunto de personagens_____	87
Tabela 11 - Exemplo de Temas em elipse_____	88
Tabela 12 - Exemplos de Temas Textuais sequencializadores_____	88
Tabela 13 - Exemplo de Temas de mesmo campo semântico_____	90
Tabela 14 – Exemplos do conjunto de N-Rema_____	90
Tabela 15- Exemplo de PT Constante ou Contínua de F#1_____	91
Tabela 16 - Relação das 50 fanfictions_____	111

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>15</b>
<b>1 TECNOLOGIA E ESCRITA</b>	<b>19</b>
1.1 As novas tecnologias de informação	19
1.2 <i>Fanfiction</i>	25
<b>2 GÊNEROS TEXTUAIS</b>	<b>30</b>
2.1 Concepções teóricas do gênero textual	30
2.2 Esquematização dos gêneros sob a perspectiva sistêmico-funcional	39
<b>3 LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL (LSF) E A METAFUNÇÃO TEXTUAL</b>	<b>45</b>
3.1 Bases da LSF	45
3.2 Metafunção textual	49
3.2.1 Estrutura Temática	50
3.2.2 Estrutura de Informação	56
3.2.3 Progressão Temática e Método de desenvolvimento textual	59
<b>4 METODOLOGIA</b>	<b>66</b>
4.1 Universo de análise	67
4.2 Seleção do corpus	71
4.3 Procedimentos de análise	72
4.3.1 Análise da organização composicional	73
4.3.2 Análise da organização linguística	74

<b>5</b>	<b>ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS</b>	<b>77</b>
5.1	Análise da organização composicional da fanfictions	77
5.2	Análise do fluxo de informação da <i>fanfictions</i>	86
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>93</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>96</b>
	<b>ANEXOS</b>	<b>102</b>
	Anexo 1 - Relação dos estágios presentes em cada fanfiction	102
	Anexo 2 - Quadros analíticos das <i>fanfictions</i> para análise de Tema e N-Rema	105
	F#1 - Fanfiction Masquerade	105
	F#2 - Fanfiction Romeu e Julieta no Jardim do Éden	107
	F#3 - Fanfiction Último Suspiro	108
	F#4 - Fanfiction “Após a morte”	109
	Anexo 3 - Tabela das 50 <i>fanfictions</i> para análise da estrutura composicional	110

## INTRODUÇÃO

Este trabalho de dissertação de mestrado está vinculado à Linha de Pesquisa "Linguagem no Contexto Social", bem como ao grupo de pesquisa "Linguagem como Prática Social" (no CNPq), do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria. Essa linha de pesquisa tem desenvolvido estudos voltados para a linguagem em uso nos mais diversos contextos, caracterizados por práticas sociais e culturais distintas. Este estudo vincula-se, também, ao Núcleo de Estudos em Língua Portuguesa (NELP) (CABRAL, 2010), desenvolvidos sob a coordenação da orientadora desta pesquisa, Profa. Dr. Sara Regina Scotta Cabral. O NELP (GAP nº 026308) reúne pesquisadores cujo objetivo é o desenvolvimento de estudos que analisem e descrevam a Língua Portuguesa em contextos variados.

A presente pesquisa, centrada no âmbito da Linguística Aplicada, surgiu do interesse da autora deste trabalho em averiguar de que forma se constrói o fluxo de informação em textos narrativos ficcionais chamados *fanfictions*, escritos em língua portuguesa e publicados na *internet*. A finalidade é verificar que expressões da materialidade linguística são responsáveis, nestas produções, por marcar o ponto de partida do locutor em relação à mensagem pretendida, bem como em que posição na oração são colocadas informações mais relevantes para o interlocutor, na expectativa de mapear um contínuo da informação veiculada.

A perspectiva teórica adotada nesta pesquisa insere-se numa visão funcionalista da linguagem que percebe a língua como instrumento de interação social em situações próprias de comunicação, de modo que os aspectos linguísticos se inter-relacionam com a situação comunicativa.

Ressaltamos que diversos pesquisadores têm se preocupado com o uso da linguagem em diferentes contextos. Como exemplos, citamos trabalhos desenvolvidos com base na Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), de Halliday e Hasan (1989), Halliday (1994), Halliday e Matthiessen (2004, 2014). Dentre os brasileiros, Vian Jr. (2002) dedicou-se ao contexto educacional, Bortoluzzi (2008) preocupou-se com o contexto jurídico e Cabral (2007) contemplou o contexto midiático. Ainda citamos estudos como de Ventura e Lima-Lopes (2002), Feitosa (2009), Olioni (2010) e Fuzer e Bárbara (2014) que buscam descrever as funções do

Tema e Rema oracionais e compreender melhor o fluxo de informações em diferentes gêneros (incluindo legendagem de filmes, notícias e resumos de áreas de atuação específicas). Dessa maneira, o estudo do contexto social é muito importante na medida em que, conforme Halliday (1989), o texto é considerado uma unidade de sentido, sendo a sua organização motivada pelo contexto discursivo. A língua não é considerada um sistema autônomo, mas está relacionada à adequação do locutor a distintas situações de comunicação.

Esta pesquisa fundamenta-se teoricamente na Gramática Sistêmico-Funcional (GSF) de M. A. K. Halliday (1994; 2004; 2014) com relação ao conceito funcional de Tema; nos estudos de Martin e Rose (2008) e Rose e Martin (2012) no sentido de entender os estágios e a organização estrutural dos textos; nos estudos de Daneš (1974) sobre Progressão Temática e Fries (1981; 1994; 1995a; 1995b 1997) sobre método de desenvolvimento textual.

Este estudo apresenta caráter de descrição da língua portuguesa, ao examinarmos, em textos narrativos ficcionais escritos em português, oriundos de *websites* específicos para publicação de *fanfictions*, como suas orações são estruturadas em relação à sua Estrutura Temática e à sua Estrutura de Informação. Além disso, são averiguadas características comuns nestas produções com relação à Progressão Temática em cada estágio do texto, constatando-se como esta, ao longo dos estágios composicionais, tem influência sobre o fluxo de informação. Pretendemos, assim, perceber de que forma se processa o modo de organização discursiva nessas narrativas e como tais textos são apresentados nos *websites*, a fim de que identifiquemos os mecanismos utilizados pelo locutor para induzir o leitor na apreensão do ponto de vista desejado sobre o assunto em cada movimento retórico e no texto como um todo.

O interesse inicial pelo gênero estudado nesta pesquisa, a *fanfiction*, surgiu das práticas pedagógicas da autora deste trabalho em salas de aula de turmas de 6º ao 9º ano do ensino fundamental em escola pública e privada. Nove em cada dez alunos pediam que se trabalhasse em aula a *fanfiction*, o que me motivou, mas, ao mesmo tempo, preocupou-me visto que não conhecia essa prática discursiva. Na busca pela sua compreensão, deparei-me com o mundo maravilhoso das redes sociais de histórias, que conectam milhares de jovens e milhões de histórias em todo o mundo. Da necessidade de saber mais sobre esse



gênero, dediquei-me a investigar sua composição estrutural e o funcionamento de seu fluxo de informação.

Nossa hipótese inicial com relação à análise de gênero é de que as *fanfictions* fazem parte do grupo de gênero “histórias ficcionais”, cujo princípio é “envolver” (esquematisação de gênero proposta por MARTIN e ROSE, 2008). Sobre a análise temática, acreditamos inicialmente que os Remas contêm as informações mais relevantes do texto e os Temas referem-se às informações Dadas e os mais frequentes são os Temas ideacionais não arcados, como se espera de discursos simples. Assim, essas hipóteses levam à necessidade de lançar mão dos seguintes questionamentos: a que gênero textual pertence a *fanfiction*? E como se processa seu fluxo de informação?

A relevância deste estudo apoia-se no desenvolvimento dos estudos sistêmico-funcionalistas que possibilitem discussões sobre (a) a compreensão da metafunção textual em Tema que contribui para o fluxo de informação; (b) mapeamento de modelos de organização textual em *fanfictions*; (c) descrição linguística de fenômenos da língua portuguesa em uso, mais precisamente, no que se refere à identificação de funções como Tema; e (d) entendimento de organização composicional dos textos referidos, ainda desconhecidos das comunidades escolares.

No que se refere à proposta deste trabalho, temos por objetivo geral analisar como se processa o fluxo de informação textual, ou seja, a forma como se constrói o texto como unidade de sentido em textos narrativos ficcionais, as chamadas *fanfictions*, escritos em língua portuguesa e publicados na *internet*. Os objetivos secundários são: verificar as etapas dos referidos textos, no sentido de entender a estrutura composicional do gênero *fanfiction*; identificar, nos textos analisados, os Temas de cada oração sob a perspectiva da GSF; localizar as Informações Novas nas orações, caracterizando o foco do texto; constatar como se constrói o fluxo de informação nos textos, a partir do mapeamento dos Temas e Remas oracionais; constatar os tipos de progressão temática apresentados, assim como sua relação com o modo de desenvolvimento textual dos referidos textos.

Esta dissertação está estruturada em seis capítulos: salvo a INTRODUÇÃO, o Capítulo 1 - TECNOLOGIA E ESCRITA - apresenta reflexões

acerca das tecnologias de comunicação e informação, enfatizando o processo de letramento digital. Além disso, nesse capítulo, é conceituado o gênero textual *fanfiction*, focalizando aspectos como sua origem e funcionamento, além da estrutura dos *websites* onde são publicados os textos.

O Capítulo 2 - GÊNEROS TEXTUAIS - apresenta reflexões acerca do conceito de gênero, pautando-as nos conceitos da abordagem sistêmico-funcional. Este capítulo apresenta, sistematicamente, a esquematização dos gêneros propostos por Martins e Rose (2008) que definirão as *fanfictions* como gênero.

O Capítulo 3 - LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL (LSF) E A METAFUNÇÃO TEXTUAL dedica-se a apresentar os conceitos-chave da teoria sistêmico-funcional, mais especificamente da metafunção textual. Este capítulo é fundamental para este estudo, uma vez que o mapeamento, a identificação e a classificação dos Temas serão significativos para a caracterização da Progressão Temática e do Fluxo de Informação, constituindo o Método de Desenvolvimento Textual de *fanfiction*.

O Capítulo 4 - METODOLOGIA aborda as etapas seguidas na realização do trabalho. O Capítulo apresenta três tópicos: universo de análise, seleção do *corpus* e procedimentos de análise. Este último, subdivide-se em outros tópicos fundamentais, como Análise da organização composicional, Análise contextual e Análise linguística.

O Capítulo 5 - ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS dedica-se a apresentar os resultados por meio de uma análise individual que serve como exemplo de análise da *fanfiction*, obtendo uma visão tanto da estrutura e do gênero como do fluxo de informação. Dessa forma, apresentamos os resultados referentes à análise do gênero com o exame de 50 *fanfictions*, sob o subtítulo “Análise da organização composicional da *fanfictions*”, logo, apresentamos a análise linguística contendo o exame de 4 *fanfictions* na seção “Análise da organização linguística”

Por fim, no Capítulo 6 - CONSIDERAÇÕES FINAIS, terminaremos este trabalho com uma síntese dos achados ao longo do estudo e com uma análise integrada e comparativa dos resultados obtidos no Capítulo 5. Deste modo, procuramos determinar a pertinência da análise temática para o estudo e compreensão de *fanfiction*.

# 1 TECNOLOGIA E ESCRITA

Neste capítulo, apresentamos algumas reflexões sobre a tecnologia de informação e comunicação, incluindo o processo de escrita no espaço da *internet*, além da busca pela conceituação do gênero *fanfiction*. O capítulo está dividido em duas seções: 1.1 - As novas tecnologias de informação e 1.2 - Fanfiction.

## 1.1 As novas tecnologias de informação

Nas últimas décadas, o desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação (TICs) imprimiu à sociedade novos rumos tecnológicos, econômicos, sociais e culturais (STAHL, 1997). Tal como salienta Marcuschi (2005b), a escrita conduziu a uma cultura letrada nos ambientes em que ela floresceu, e tudo indica que hoje a introdução da escrita eletrônica, pela sua importância, está conduzindo a uma cultura eletrônica<sup>1</sup>, com uma nova economia da escrita.

Esse novo contexto, como nota Marcuschi (2005b), é denominado “mídia virtual” e foi identificado, centralmente, na tecnologia computacional a partir dos anos 70 do século XX, a qual revela um novo tipo de comunicação, conhecido como “Comunicação Mediada por Computador” (CMC) ou “comunicação eletrônica”. Ela desenvolve uma espécie de “discurso eletrônico”, por se tratar de um objeto socialmente construído que, com vistas à comunicação interpessoal, requer mecanismos linguísticos intercambiadores de significados” (SOUZA, 2002, p. 46), que impulsionam (e exigem) novas práticas discursivas.

Com a expansão da comunicação eletrônica, revelaram-se também diversas possibilidades de interação, fazendo-nos pensar sobre a natureza das comunidades, sua relativa fragmentação e o engajamento dos indivíduos em comunidades alternativas (MARTINS, 2005). Comunidade, para Hall (2002, p. 50), é uma construção discursiva, uma maneira de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos. Tendo isso em vista, torna-se inegável que a CMC proporcione uma imensa interação de diferentes

---

<sup>1</sup> Com base em Lévy (1999), o termo cultura eletrônica, ou cibercultura, é a cultura que surgiu, ou surge, a partir do uso da rede de computadores através da comunicação. É também o estudo de vários fenômenos sociais associados à internet e outras novas formas de comunicação em rede, como as comunidades *on-line*, jogos de multiusuários, jogos sociais, mídias sociais, realidade aumentada, mensagens de texto, e inclui questões relacionadas à identidade, privacidade e formação de rede.

peças dispersas no mundo através da qual podem criar, divulgar, opinar, compartilhar e recriar diferentes ideologias e valores, consolidando (variadas e fragmentadas) comunidades eletrônicas.

As atuais tecnologias de comunicação têm influenciado o comportamento dos indivíduos, permitindo a eles diferentes e dinâmicas formas de relação, de organização no/do mundo, de aprendizagem, de interpretação, produção, enfim, novos modos de expressão. Conforme Stahl (1997), desde a invenção da escrita e da imprensa, nada tem causado mais impacto social e estimulado tantas mudanças mundiais quanto as TICs.

Esse fenômeno é bem representado pela expressão “letramento digital” que, conforme explica Soares (2002), é a capacidade de um indivíduo em responder adequadamente às demandas sociais que envolvem a utilização dos recursos tecnológicos e da escrita no meio digital. Mas, para além de conhecimentos técnicos, o letramento digital inclui as habilidades para construir sentidos a partir de textos multimodais, ou seja, textos que misturam linguagens verbal, imagética, sonora em uma mesma superfície. Inclui, ainda, a capacidade para localizar, filtrar e avaliar de forma crítica as informações disponibilizadas eletronicamente e a competência de manusear naturalmente e com agilidade as regras da comunicação em ambientes digitais. Nessa era das linguagens líquidas, como chama Santaella (2007, p.78), são exigidas competências variadas. Falamos em mover o letramento para os multiletramentos. Os textos multimodais, típicos e comuns na esfera da comunicação digital, conduzem os indivíduos a se tornarem, para além de letrados, multiletrados, pois são necessárias novas ferramentas, como de áudio, vídeo, tratamento de imagem, edição e diagramação, o que, com efeito, faz com que o caráter engessado, fechado e único das comunicações seja substituído por um caráter de diálogo e relações, já que agora ele é *multi*<sup>2</sup> (ROJO; MOURA, 2012)

Stahl (1997) salienta que a tecnologia da sociedade de informação desenvolve uma capacidade até agora não imaginada de ampliar o intelecto humano, de armazenar informações e utilizá-las para o progresso e bem-estar, colocando conhecimentos os mais variados à disposição dos que necessitam,

---

<sup>2</sup> O termo *multi* faz referência a muitos recursos. No contexto expresso no texto, *multi* faz referência a termo da cibercultura, a *multimídia*. *Multimídia* é a combinação, controlada por computador, de pelo menos um tipo de mídia estática (texto, fotografia, gráfico), com pelo menos um tipo de mídia dinâmica (vídeo, áudio, animação) (CHAPMAN; CHAPMAN, 2000), recursos que garantem a dinamicidade da comunicação mediada por computador.

quando necessitam e onde quer que estejam. Contudo, apesar de haver uma infinidade de informação, não pode haver o equívoco de considerar informação sinônimo de conhecimento. O fato de o leitor/navegador interagir constantemente nas páginas da *web* não significa que ele tenha condições de fazer um uso competente da linguagem. O que fazer com tanta informação expressa de formas *multi* pode ser o maior impasse dos tempos atuais. O processo de transformar informação em conhecimento e, a partir do multiletramento, adquirir letramento de fato depende do ambiente cultural em que vivemos e aprendemos, pois ele interfere nas dimensões de nossa percepção (STAHL, 1997).

Dessa maneira, como define Stahl (1997), uma das maiores contribuições das TICs é a de propiciar o contato com a matéria-prima do conhecimento, a informação, de modo ágil e não oneroso. Se as pessoas puderem acessar a informação por diversos meios tecnológicos e compartilhar seus textos, isso significa que as novas tecnologias provocaram mudanças, sobretudo, na educação. Nesse sentido, os centros acadêmicos foram redutos da informação e da produção de conhecimento e o que assistimos, hoje, é a uma descentralização desse poder, tanto em relação à institucionalidade quanto à prática docente. Já aceitamos que o professor atua como mediador em diversos aspectos (intelectual, emocional, ético) e não mais é o responsável por transferir informações, já que estas são menos dependentes dele e são supridas pela tecnologia de tal modo que, no que concerne à educação, o princípio da hierarquia é substituído pelo da participação social.

O impacto das mídias digitais na vida contemporânea e na educação já se fez sentir. Segundo Santaella (2001), a convergência do texto escrito (livros, periódicos científicos, jornais, revistas), do audiovisual (televisão, vídeo, cinema) e da informática (computadores e programas informáticos), associada às tecnologias da informação digital, popularizou a *internet* e isso produziu uma nova forma de cultura - a cultura do ciberespaço (ou cibercultura), cujos aspectos mais importantes se concentram na hipermídia como linguagem. Hipermídia é a integração sem suturas de dados, textos, imagens de todas as espécies e sons dentro de um único ambiente de informação digital.

No espaço hipermídia, há o hipertexto, conceituado por Theodore Nelson, na década de 60, cujo propósito era representar um modelo de leitura e escrita personalizado, que se realizasse de forma única para cada leitor, por meio de um

arquivo de textos que poderia ser acessado sem uma hierarquia pré-estabelecida. Ramal (2000) expande a ideia de hipertexto como uma nova forma de escrita e de comunicação da sociedade informático-midiática que equivale a uma nova mediação para produzir conhecimento que se insere na hipermídia. Já Marcuschi (2007, p 146) afirma que “o hipertexto se caracteriza como um processo de escritura/leitura eletrônica multilinearizado, multissequencial e indeterminado, realizado em um novo espaço”.

Mesmo que conceituar hipertexto não seja uma tarefa fácil, pensar nele como uma inovação no uso da linguagem e na textualidade exige novos letramentos, novas formas de ler e escrever, devido à sua natureza híbrida, não linear e com base em uma estrutura reticular (MARCUSCHI, 2007).

Nessa evolução das tecnologias da informação e comunicação e do uso delas como ferramentas interacionais, o leitor/autor/navegador tem sido desafiado constantemente a desenvolver novas habilidades de leitura e escrita que possibilitem a exploração do texto no suporte virtual - a *web*. A linearidade comum no texto impresso esbarra na versatilidade e na interatividade próprias do hipertexto em ambiente virtual (MARCUSCHI, 2003) e, nesses diversos contextos de *multi* e *hiper*, os modos de relação e a aprendizagem, conseqüentemente, alteram-se. Os alunos não são mais prisioneiros de um prisma único de um autor ou teórico e, até mesmo, do professor. Ele podem, agora, libertar-se, interagindo com outros textos, imagens e sons e, por conseguinte, com outros discursos e conhecimentos. Tudo o que é trabalhado em educação, na perspectiva do multiletramento e nas comunidades virtuais é interativo, colaborativo, transgressivo, híbrido e fronteiro (ROJO; MOURA, 2012).

A pedagogia do multiletramento, como ressaltam Rojo e Moura (2012), exige e incentiva um aluno crítico e autônomo o qual não é mais objeto nos estudos, não devendo ser um depósito onde os professores inserem seus conhecimentos. Para o ensino via TICs, o aluno passa a ser sujeito de sua aprendizagem, transformando-se, inclusive, em criador de sentido. Nos dias de hoje, torna-se necessário, portanto, renovar e atualizar a didática, a prática escolar e a própria escola. Sob o ponto de vista do trabalho do professor, principalmente o professor de línguas, Rojo e Moura (2012, p. 8) salientam que

[...] trabalhar com multiletramentos pode ou não envolver (normalmente envolverá) o uso de novas tecnologias da comunicação e de informação

(‘novos letramentos’), mas caracteriza-se como um trabalho que parte das culturas de referência do alunado (popular, local, de massa) e de gêneros, mídias e linguagens por eles conhecidos, para buscar um enfoque crítico, pluralista, ético e democrático - que envolva agência – de textos/discursos que ampliem o repertório cultural, na direção de outros letramentos.

Segundo as orientações dos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Fundamental- PCNs (BRASIL, 1998) de Língua Portuguesa, o programa de trabalho ideal para o desenvolvimento da leitura e produção de texto é aquele construído a partir de uma diversidade textual, uma vez que o aluno convive com uma infinidade de gêneros textuais. Os PCNs propõem um agrupamento de gêneros, os quais devem ser apresentados em todos os ciclos. Este trabalho deve ser direcionado levando em consideração vários fatores de construção do educando, tais como idade, interesses e necessidades. Os PCN’s (BRASIL, 1998, p. 21) rezam: “Todo texto se organiza dentro de determinado gênero em função das intenções comunicativas, como parte das condições de produção dos discursos, os quais geram usos sociais que os determinam”. Neste sentido, a leitura e produção de gêneros textuais fornecem elementos para que os alunos construam sentidos, extraindo do texto significação para a vida cotidiana. Portanto, essa perspectiva favorece uma visão de ensino atrelada à natureza social da linguagem, associando o estudo da língua a seus aspectos sócio-discursivos.

Para disputar o universo simbólico dos jovens, o mundo contemporâneo lança mão de suportes os mais variados (imagens, fotografia, sons, música, corpo) veiculados de forma também variada a partir da internet, da TV, da comunicação visual de ambientes públicos, da publicidade, do celular, entre outros. Nesse contexto, a escola precisa focalizar a competência para ler e produzir em seu contexto e abrir oportunidades para que os alunos acessem outros tipos de suportes e veículos, com o objetivo de selecionar, organizar e analisar criticamente a informação aí presente. Desse modo, o texto, bem como os gêneros, devem ser o objeto máximo de ensino. O aluno precisa ler textos de gêneros variados, de modo a reagir diante deles e, com atitude crítica, apropriar-se desses textos para participar da vida social e resolver problemas. Além disso, o aluno necessita produzir textos de modo seguro e autoral, não apenas em situações cotidianas da esfera privada, como em esferas públicas de atuação social. Dessa forma, o currículo dos professores de

língua portuguesa (não excluindo outras esferas do saber) deve estar preparado para esse novo tipo de contexto de ensino e aprendizagem.

Dentre os novos meios tecnológicos conhecidos, a *internet* é, sem dúvida, o mais revolucionário, popular e um dos maiores suportes tecnológicos da comunicação (MARCUSCHI, 2005a). Ela permite, por exemplo, organizar, transformar e processar informações em velocidade e capacidade cada vez maiores com custos cada vez menores. Por meio dela, milhões de pessoas encontraram uma forma prática de produzir textos multimodais e atingir o maior número de leitores com os mesmos interesses que os seus. Aí está uma das grandes relações da tecnologia com a escrita: criar e compartilhar textos e gêneros em tempo real.

Nos últimos anos, percebemos uma gama de gêneros textuais novos advindos do intenso uso das tecnologias e suas interferências nas atividades comunicativas diárias. Marcuschi (2005a) declara que a internet tem uma presença primordial nas atividades comunicativas da realidade social e, por consequência disso, ela possibilita a criação e o posicionamento de novos gêneros textuais. Disto surgem formas discursivas novas, as hipermídias, tais como bate-papo virtual, os *tweets*, *e-mails*, aulas e conferências virtuais, as *fanfics*, entre outros tantos.

Os gêneros textuais emergentes nesse novo contexto tecnológico são relativamente variados, mas muitos deles têm similares em outros ambientes, tanto na escrita quanto na oralidade. Todavia, por serem muito recentes, esses “gêneros eletrônicos provocam polêmicas e debates quanto à natureza e proporção de seu impacto na linguagem e na vida social” (MARCUSCHI, 2005a, p. 13). O ensino da língua portuguesa (LP), principalmente as atividades de produção textual, tem sido uma difícil tarefa para o professor, pois exige práticas pedagógicas inovadoras que deem conta do atual contexto tecnológico dos alunos, tornando a sua participação mais significativa. Correspondendo a essa lógica, saber escrever e ler (interpretar) são fatores essenciais para a vida, tendo em vista que é por meio de diversas práticas sociais e discursivas que se amplia a perspectiva do aluno sobre o que seja um mundo possível de interações e uso da linguagem (MOTTA-ROTH, 2006).

Por esse motivo, é urgente que as práticas educativas no ensino de LP (não eximindo outras esferas do saber) levem em consideração as mudanças que ocorrem na sociedade, principalmente para explorar os novos letramentos exigidos na vida contemporânea, como os hipertextos. Para tornar o ensino de PL efetivo, é



fundamental que os docentes orientem as suas práticas de produção textual de acordo com as novas tendências de ensino e uso da linguagem (MOTTA-ROTH, 2006).

Explorar as hipermídias e os hipertextos para implementar a prática de ensino de produção textual pode ser uma boa alternativa, já que a interação proporcionada no contexto digital ocorre, principalmente, por meio de textos verbais e visuais que permitem a manifestação do aluno nas diferentes situações comunicativas, por meio de diferentes gêneros ou ferramentas interativas. Já reconhecemos o impacto das atuais tecnologias de informação na vida contemporânea, na educação e no processo de ensino e aprendizagem de textos. Todavia, ainda há um certo distanciamento entre escola e universidade que atrasa a inserção e testagem de possíveis aplicações do uso de tecnologias no currículo de línguas maternas. Os estudos sobre tecnologias aplicadas à educação ainda precisam ser aprofundados para se estabelecerem métodos e técnicas de ensino. O grande desafio que ainda há é justamente em criar métodos para trabalhar com os textos da *internet* de forma a garantir alunos multiletrados e cada vez mais aptos para agirem no atual contexto (SOUZA, 2001).

## **1.2 *Fanfiction***

Muito além dos autores reconhecidos cujas publicações circulam em meio impresso, sabemos que há outros muitas vezes anônimos, cujas obras podem ser encontradas somente em meio eletrônico. As *fanfictions* são histórias produzidas por autores/internautas e disponibilizadas na *internet*, em *websites* que não possuem um caráter educacional como os pertencentes a escolas, onde abundam trabalhos produzidos para o cumprimento de requisitos em diferentes disciplinas (VARGAS, 2005). Como afirma Vargas (2005), essas obras, de caráter ficcional, são resultado de horas de trabalho e dedicação espontâneos dos autores/internautas e são publicadas em *websites* construídos e gerenciados por outros internautas, também autores. As histórias “nascem de uma atividade extra-escolar, que possui a especificidade de ser completamente voluntária, muitas vezes desconhecida das comunidades escolar e familiar, mas altamente absorvente para quem com ela se envolve” (VARGAS, 2005, p. 9).

Os jovens navegadores da *internet* que possuem a característica de serem fãs de textos produzidos pelos meios de comunicação em massa, por músicas, por *games* e *mangás* e divulgados pelos meios de comunicação em massa, têm realizado a recontextualização para a rede de uma prática de leitura e escrita que é desenvolvida tendo como base os originais por eles apreciados. A *fanfiction* (ou *fanfic*), cujas origens são anteriores do advento da *internet*, garante a esses fãs/navegadores/consumidores a oportunidade de se constituírem em fãs/navegadores/autores (VARGAS, 2005). A *fanfiction* é uma prática de letramento *online* ainda muito desconhecida para a comunidade educativa no Brasil, porém, já reconhecida nos Estados Unidos. Jenkins (1992) explica que a origem da *fanfiction* remete ao universo do *fandom*, ou comunidade de fãs, que compreende os fãs de obras difundidas através dos meios de comunicação de massa, especificamente pela televisão. Sobre a origem do termo *fanfiction*<sup>3</sup>, este resulta da fusão de duas palavras da língua inglesa, *fan* e *fiction* (ficção criada por fãs) e designa uma história fictícia, derivada de um determinado trabalho ficcional preexistente, escrita por um fã daquele original (VARGAS, 2005, p. 14).

Vargas (2005) e Black (2007) destacam que a produção da *fanfiction* iniciou nos Estados Unidos através da iniciativa de fãs que sentiam necessidade de estender o contato com o universo ficcional por eles apreciado para além do material disponível, como o capítulo semanal de um seriado televisivo. No início, escrever *fanfic* era simplesmente uma prática que possibilitava a adição de capítulos extras às séries das quais o autor era fã. De acordo com Vargas (2005), a prática dos fãs escritores de *fanfiction* ainda hoje envolve o esforço em preencher as lacunas deixadas pelos autores das séries, ao mesmo tempo em que conexões entre os episódios são criadas. A autora explica que os fãs se comprazem em especular “o que poderia ter acontecido se...” e usam evidências coletadas por eles ao longo da série, para comprovar seu ponto de vista, prática que já ocorreria oralmente há várias gerações. Vargas esclarece

O autor de *fanfiction* é aquele leitor que, ao fazer esse preenchimento das lacunas, vai além no seu processo de interpretação e encoraja-se a registrar seu trabalho, fruto de suas especulações, que se torna mais elaborado à

---

<sup>3</sup> O vocábulo é utilizado no mundo inteiro, independentemente da língua em que a *fanfiction* é escrita, inclusive no Brasil. Ainda se podem encontrar termos sinônimos de *fanfiction* como *fanfic*, *fics* ou, simplesmente, *fic*.

medida em que passa a ser escrito. Embora atualmente a criação de episódios extras ainda seja o grande atrativo da prática, também podem ser encontradas *fanfictions* cuja extensão e trama permitem classificá-las como verdadeiros romances, e mesmo os originais que lhes dão vida não estão mais restritos a séries televisionadas (2005, p. 15).

As *fanfictions* tiveram origem das chamadas *fanzines* (*fan* e *magazine*), que, caso conquistassem destino outro que não o enclausuramento nas gavetas do autor, circulavam, em formato impresso, entre um público muito restrito, naturalmente fãs do seriado em questão (VARGAS, 2005). Estas publicações, comuns desde a década de 70, apresentavam uma estrutura basicamente caseira, com tiragem e circulação bastante modestas. Com o passar do tempo e com a ampliação do alcance dos meios de comunicação de massa, os textos chamados *fandoms* e publicados nas *fanzines*, foram ganhando maior sofisticação, ainda que nunca perdessem sua característica de publicação voltada para um grupo específico de fãs, fosse de um seriado televisivo, de um filme, de uma banda, ou de um artista.

Com o advento da *internet*, as *fanzines* passaram a agregar um número cada vez maior de pessoas, rompendo barreiras geográficas e até mesmo linguísticas e, por meio disso, a produção de *fanfictions* cresceu, particularmente, na década de 1990. Os fãs consumidores desses produtos encontraram, na *internet*, um instrumento poderoso para a organização das ficções e para a divulgação de seus trabalhos como autores. Eles passaram a criar *websites* com a finalidade de agregar *fanfictions* e disponibilizá-las para a leitura por outros fãs. Dessa forma, a internet passou a desempenhar o papel de instrumento de sociabilização e de divulgação da prática, possibilitando a multiplicação não apenas de seus participantes, mas dos temas que servem de base para ela, numa velocidade nunca antes experimentada (VARGAS, 2005).

Ao se abordar a organização dos *websites* nacionais, reconhece-se o caráter dialógico das páginas de *fanfictions*. Podemos conceber esses *sites* como um ambiente de filiação, aprendizagem, construção e troca de experiências. Os produtores e leitores (chamados de *fictores*) relacionam-se de forma amistosa; os leitores contribuem para melhorar e ampliar a escrita dos produtores, constituindo, assim, uma escrita colaborativa.

Os *websites* apresentam o que chamamos, em pesquisa anterior, de Estrutura de Compartilhamento<sup>4</sup> (EC), que são as etapas pré-definidas pelo próprio *site* para a publicação da *fic*. Da análise dessas etapas, percebemos até que ponto essa estrutura permite a troca e interação entre seus participantes. Cada uma das etapas da EC tem uma função dentro do *site* e contribui com parte de seu propósito que é aproximar escritores e leitores fãs.

Os *websites* de *fanfictions* possuem uma estrutura semelhante para a publicação dos textos, ou seja, para que a história seja postada nos *sites*, é necessário passar por alguns passos, recursos, que são: publicar uma sinopse, definir a localização e a recomendação do texto, bem como o aviso legal, a publicação do texto em si, as notas finais e um espaço para comentários.

O recurso “sinopse” permite ao autor apresentar seu texto para sua audiência, comentando a respeito da temática da história. O produtor usa este espaço no *site* para cativar e chamar o leitor a sua leitura. O recurso “localização” permite ao autor localizar a *fanfic* no tempo, indicando a data de sua atualização e publicação, e no espaço, indicando os personagens, o número de visualizações, de comentários, sua finalização ou não. O recurso da “recomendação” permite que o produtor da *fanfic* recomende seu texto a uma audiência específica de acordo com o nível do conteúdo, salientando a idade mínima para proceder à leitura do texto, algumas vezes esclarecendo os motivos para limitar a idade (conteúdos impróprios como violência, nudez, sexo, etc.). No recurso de “Aviso Legal”, o autor da *fanfic* pode advertir sua audiência sobre plágio, permitindo ou não a cópia dos elementos do texto (personagens, lugares, fatos). No recurso de “notas do autor”, o autor pode explicar, antes que o leitor chegue ao texto, as condições em que este foi produzido ou pode tecer comentários gerais sobre a *fanfic*, a fim de orientar a compreensão do leitor sobre o texto que está por vir. A seguir, a sequência de etapas/recursos da página do *website*, o texto, a *fanfic* propriamente dita, é publicado e, após isso, há o recurso chamado “notas finais”, que permite ao produtor da *fanfic* convidar o leitor para comentar, criticar, opinar sobre o texto além de avaliá-lo, consentindo uma participação mais efetiva do leitor em sua escrita. Por último, há o recurso dos “comentários”, que têm a função de permitir que os *fictores* se conectem de forma

---

<sup>4</sup> Estudo sobre a Estrutura de Compartilhamento consta em artigo ainda não publicado desenvolvido por esta pesquisadora na disciplina de Teoria de Gêneros Discursivos, ministrada pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Désirée Mota-Roth, no primeiro semestre de 2013.

mais ativa ao texto. Os leitores podem apreciar, avaliar, comentar, reformular, corrigir, criticar etc., e manifestar sua satisfação ou não de forma direta. Este espaço no *site* possibilita também que o produtor receba um *feedback* rápido de sua audiência.

As *fanfictions* podem ser concebidas não só como arquivo para ficções concluídas, mas também como um espaço destinado a maximizar a discussão e a socialização entre fãs e reforçar o poder autoral, principalmente, dos jovens em idade escolar.

Black (2007) sugere que as *fanfictions* tenham caráter metalinguístico, uma vez que os autores começam a pensar sobre como escrevem, sobre seu domínio da língua, especialmente a partir dos comentários que recebem a cada capítulo publicado e que moldam e remoldam seu texto, em forma e conteúdo, de maneira essencialmente colaborativa. Infelizmente, por hibridizar a cultura popular e a literatura (canônica), o gênero *fanfiction* tem sido mantido na periferia da esfera acadêmico-escolar. Mas, por que não pensarmos maneiras de transpor esse gênero para a esfera escolar? Trabalhos como de Azzari e Custódio (2013) mostram-nos que trabalhar com *fanfic* em atividades de produção textual em língua inglesa, além de estimular a colaboração verdadeira, trabalhar a escrita em esfera escolar apoiados pelos estudos referentes às novas tecnologias, favorece o ensino e aprendizagem sob uma perspectiva dos multiletramentos, porque facilita a construção multimodal e a diversificação de diferentes situações de interação socioculturais. Assim, é possível transpor o gênero *fanfic* para a escola, se enxergarmos o aluno em sala de aula como o nativo digital que é o construtor-colaborador das criações conjugadas na era das linguagens líquidas (SANTAELLA, 2001, p.78).

No Capítulo a seguir, explanamos conceitos sobre a gênero usados nesta pesquisa, com base na Linguística Sistêmico-Funcional.

## 2 GÊNEROS TEXTUAIS

Neste capítulo, apresentamos algumas reflexões sobre gênero textual, perpassando diferentes, mas não tão distantes, perspectivas teóricas sobre o tema. Este capítulo contempla as seguintes seções: 2.1 Concepções teóricas de gênero textual e 2.2 Esquematização dos gêneros sob a perspectiva sistêmico-funcional. Este capítulo é importante neste estudo, uma vez que buscaremos reconhecer como se processam estruturalmente as *fanfictions*, com base na perspectiva sistêmico-funcional.

### 2.1 Concepções teóricas do gênero textual

Apesar de o conceito de gênero ter sido explorado desde a antiguidade com a *Retórica* de Aristóteles, foram os trabalhos de Mikhail Bakhtin, mais especificamente nos escritos *Os gêneros do discurso* e *O problema do texto*, da obra *Estética da criação verbal*, que desenvolveram conceitos centrais sobre esse tema. Na Linguística Aplicada, o conceito de gênero assumiu um novo papel a partir do início da década de 80, quando pesquisadores comprometidos com a educação linguística passaram a usar o termo com frequência. Exemplo de marcos teóricos são as pesquisas de John Swales (1990) sobre as introduções em artigos acadêmicos, Carolyn Miller (1984) sobre os gêneros como ação social e trabalhos de Martin (1985/ 1989) sobre o ensino de redação na escola como uma prática concreta de exploração de desafio da realidade social (MOTTA-ROTH, 2008, p. 343). Esses estudos deslocaram-se na história, variando seu foco de interesse e alternando a perspectiva teórica sobre o mesmo objeto de estudo, transformando a própria representação do conceito de gênero.

Apesar das diferenças, os autores citados guardam um ponto em comum – a análise de textos, em seu conteúdo temático, organização retórica e formas linguísticas, em função dos objetivos comunicativos compartilhados por pessoas envolvidas em atividades sociais e em contextos culturais específicos (MOTTA-ROTH, 2008). Bakhtin (2003), sob o ponto de vista de uma abordagem sociodiscursiva, desenvolveu sua noção de gênero associada com noções de interação verbal, comunicação discursiva, língua, discurso, texto, enunciado e

atividade humana, pois, somente na relação com esses conceitos pode-se aprender, sem reduzir, a noção real de gêneros. A escola britânica de ESP (*English for Specific Purposes*), formada por Swales (1990) e Bathia (1993), tem o foco na organização retórica dos tipos de textos, definidos por suas propriedades formais e por seus objetivos comunicativos em contextos sociais (MOTTA-ROTH, 2008). A Escola Americana da Nova Retórica, representada por Bazerman (1988) e Miller (1984), tem o foco nos contextos sociais e nos atos de fala realizados pelos gêneros numa dada situação (MOTTA-ROTH, 2008). A Escola Sistêmico-Funcional de Sydney, representada por Halliday e Hasan (1989) e Martin (1985), tem o foco das análises na léxico-gramática e nas funções desempenhadas por ela em contextos sociais.

Para fins de análise do gênero, nosso foco concentra-se nos estudos de gênero da Linguística Sistêmico-Funcional – a Pedagogia de Gênero da Escola de Sydney, desenvolvida por Martin, Rose e Rothery. A justificativa por seguir essa perspectiva teleológica dá-se porque, para a LSF, a linguagem é usada para atingir determinados fins. No intuito de entender melhor as noções de gênero colocadas pela Escola de Sydney, buscamos fundamentar nosso estudo nos textos de Bakhtin, Meurer, Vian Jr, entre outros estudiosos.

No contexto da Linguística Aplicada, os estudos, as problematizações e as ideias colocadas pelo estudioso da teoria da literatura Mikhail Bakhtin impulsionaram diversas discussões teóricas e metodológicas no ensino de línguas. Para Bakhtin (2003), a língua materna (sua composição vocabular e estrutura gramatical) não chega ao entendimento de seus usuários por meio de dicionários e gramáticas, mas por meio de enunciados concretos que as pessoas escutam e reproduzem na comunicação discursiva viva com outras pessoas em diferentes contextos. O estudioso salienta, ainda, que as formas da língua e as formas típicas dos enunciados, que são os gêneros do discurso, chegam à nossa experiência e à nossa consciência estreitamente vinculadas. Aprender a falar, portanto, significa, para o autor (2003), construir enunciados, pois falamos por meio deles e não por orações nem por palavras isoladas.

Interação verbal social, para Bakhtin (2003), quer dizer a realidade fundamental da língua e seu modo de existência fixada na comunicação discursiva concreta que, por sua vez, está vinculada à situação social imediata e ampla. A verdadeira

substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas, ou por uma enunciação monológica isolada, ou seja, língua como expressão de uma consciência individual, e menos ainda pelo ato psicofisiológico de sua produção. A substância da linguagem está constituída pelo fenômeno social da interação verbal realizada pelos enunciados. Em uma perspectiva dialógica, nosso dizer é uma reação-resposta a outros enunciados. Rodrigues (2005) explica que, no processo da interação verbal, as palavras nos vêm de outros enunciados e remetem a outros. Portanto, como elementos do enunciado, as palavras não são neutras – trazem consigo sentidos, visões de mundo. Neste sentido, Bakhtin (2003) percebe o enunciado como a unidade real e concreta da comunicação discursiva. O uso da língua realiza-se em forma de enunciados, orais e escritos, concretos e únicos, proferidos pelos participantes de uma ou outra esfera da atividade humana, em um evento único, por isso eles não se repetem. O enunciado conclui determinadas situações, representa a sua solução valorativa, ou seja, sempre cria algo novo e irrepetível (RODRIGUES, 2005).

Do enunciado, partimos para o entendimento de texto. Há dois polos em um texto: de um lado, os elementos repetíveis e reproduzíveis como a língua (sistema de signos); de outro lado, está o texto na sua qualidade de enunciado, que se materializa na situação social e em relação com outros textos. Texto, portanto, aliado à interação verbal social resulta nos enunciados (BAKHTIN, 2003). Rodrigues salienta que

(...) dois aspectos determinam um texto como um enunciado, que são o seu projeto discursivo (o autor e seu querer dizer) e a realização desse projeto (a produção do enunciado vinculada às condições/coerções da situação de interação, da língua, do gênero, etc.), sendo que a inter-relação dinâmica entre esses aspectos determina o caráter do texto. O texto visto como enunciado tem uma visão ideológica particular, autor e destinatário, mantém relações dialógicas com outros textos (textos enunciados) etc., i. e., tem as mesmas características do enunciado, pois é concebido como tal (2005, p. 158).

Os gêneros do discurso foram definidos por Bakhtin (2003) como tipos relativamente estáveis de enunciados. Bakhtin percebe os gêneros a partir de sua historicidade (não são unidades convencionais) e atribui a eles a mesma natureza dos enunciados – social, discursiva e dialógica. Gêneros, sob a perspectiva sociodiscursiva, são correlacionados com as esferas da atividade e comunicação



humanas, com as situações de interação dentro de determinadas esferas sociais (esferas jurídicas, educacionais, do trabalho, religiosas, entre outras). O que constitui um gênero é, portanto, a sua conexão com uma situação social de interação e não com suas propriedades formais (embora os gêneros mais estabilizados possam ser reconhecidos pela sua dimensão linguístico-textual). Os gêneros estabilizam-se historicamente por meio de novas situações de interação verbal social que vão se estabilizando no interior das esferas de atividade humana.

Contudo, há uma variedade de gêneros discursivos, todos muito diversos entre si. Por exemplo, na esfera artística, há o romance (em que um estilo individual faz parte de seu objetivo); já na esfera jornalística, há a carta do leitor (que é curta, orientada para a editora e para seus leitores). As esferas de atividade humana são inesgotáveis e cada uma delas possui seu repertório de gêneros próprios que se diferenciam à medida que a esfera se desenvolve e se torna mais complexa (RODRIGUES, 2005).

Por meio da distinção entre gêneros primários e secundários, Bakhtin (2003) desenvolveu algumas das bases para muitas das teorias de gênero em vigor. Para os estudiosos os

(...) gêneros secundários do discurso – o romance, o teatro, o discurso científico, o discurso ideológico etc. – aparecem em circunstâncias de uma comunicação cultural mais complexa e relativamente mais evoluída, principalmente escrita: artística, escrita, sociopolítica. Durante o processo de sua formação, esses gêneros secundários absorvem e transmitem os gêneros primários (simples) de todas as espécies, que se constituíram em circunstâncias de uma comunicação verbal espontânea (2003, p. 281).

Essa distinção entre gêneros primários e secundários ampliou o conceito de gênero, pois inclui não só o que tradicionalmente se compreendia como produção literária, mas também nos fez entender a produção dos gêneros do cotidiano. Ao expandir o propósito da noção de gênero, Bakhtin antecipa o que, hoje, vemos nas pesquisas linguísticas de Hasan (1989) e Martin (1985).

Com referência aos estudos de Hasan (1989), os gêneros textuais possuem convenções recorrentes utilizadas pelos usuários e materializadas em seus textos. Para a autora (idem), há a necessidade e a possibilidade de analisarmos a linguagem como um sistema sociossemiótico. Hasan (1989) adota essa teorização para discutir o sistema de relações necessárias entre linguagem e seu contexto de uso. A visão hallidayana da gramática deixa evidente o caráter dialético entre a

situação (fazer) e sua materialização no léxico, na gramática e em todos os níveis de significação da linguagem (dizer). O texto, portanto, é a instância de uso da linguagem viva que está desempenhando um papel em um contexto da situação (HALLIDAY, 1989).

Sob esse ponto de vista, Hasan (1989) elaborou um construto que oferece possibilidades para análise de diferentes gêneros - a Estrutura Potencial de Gênero (traduzido por Motta-Roth e Heberle, 2005 - EPG, no original em inglês, *generic structure potencial*). Motta-Roth e Heberle (2005) ressaltam que, na relação funcional entre linguagem e contexto de situação, cada gênero corresponde a padrões textuais recorrentes e, desse modo, para atingir um determinado objetivo sociocomunicativo, valemo-nos do registro de linguagem comumente associado ao contexto onde ocorre a situação de experiência humana. Nesse sentido, as três variáveis da configuração contextual (campo, relações e modo) são necessárias para definir o contexto da interação pela linguagem (HALLIDAY, 1989, p. 10). Essas variáveis são necessárias, pois nos permitem fazer previsões sobre qualquer texto apropriado a um dado contexto, ou seja, de qualquer texto que possa ser considerado um exemplo em potencial de gênero. Enquanto a configuração contextual determina uma classe de situações, o gênero configura-se na linguagem que desempenha o papel apropriado àquela classe de acontecimentos sociais.

Hasan (1989) definiu, basicamente, dois tipos de elementos para os gêneros: os estágios obrigatórios e os opcionais. Entretanto, um gênero configura-se, de fato, pela presença dos estágios obrigatórios em sua estrutura. Esses elementos dispostos em uma ordem padrão permitem que reconheçamos, como membros de uma comunidade e conhecedores dos gêneros usados nela, se o texto está completo ou não. Já os opcionais são os elementos que podem ocorrer na estrutura do texto, mas não obrigatoriamente. As possibilidades dos elementos obrigatórios e opcionais que podem ser constituintes de um gênero e a ordem em que tais elementos ocorrem estabelecem a estrutura potencial desse gênero. A ocorrência desses elementos não é condição necessária, pois é prevista por um elemento contextual não definidor do gênero. Há ainda um terceiro elemento textual denominado recursivo que não segue uma ordem rígida e pode aparecer mais de uma vez em um evento comunicativo.

A configuração contextual (CC), situação na qual o gênero se constitui, e a EPG, linguagem que medeia a atividade social nessa situação, conforme o exposto por Motta-Roth e Heberle (2005), são por essência conectados: a CC oferece pistas para a compreensão do significado em função da EPG e vice-versa, de modo que traços específicos do contexto correspondam a elementos do texto de um gênero e à ordem na qual aparecem. Para as autoras (Idem), o construto da EPG assemelha-se a um plano capaz de esclarecer quais elementos devem ou podem ocorrer em cada instância de um determinado discurso e, também, como esses elementos relacionam-se entre si.

Martin (1985) faz críticas ao modelo da Estrutura Potencial de Gênero de Hasan. Ele argumenta que, até certo ponto, a EPG impõe uma visão linear e objetiva de gêneros, o que a coloca como uma categoria desconectada do evento que a originou. Um modelo como a EPG, quando prioriza a representação abstrata, não dá conta da individualidade e dinâmica de cada evento particular (MOTTA-ROTH; HEBERLE, 2005, p. 27).

A perspectiva teleológica adotada por Martin (1985), Martin e Rose (2003, 2008) e Rose e Martin (2012) para a análise de gêneros escolares originou-se de diversos trabalhos como o de Halliday (1989), bem como na elaboração das noções de contexto de situação e registro do mesmo autor. Além desses estudos, o modelo de contexto utilizado por Martin baseia-se em seus trabalhos anteriores (1985) e nos escritos de Ventola (1987). Martin utiliza-se dos conceitos de gênero, conforme formulado por Bakhtin, e da relação entre texto e contexto proposta por Halliday e Hasan (1989).

Nos estudos de Martin e Rose (2003), gêneros referem-se a diferentes textos que encenam vários tipos de contextos sociais. Os gêneros, para os autores, são processos linguísticos na prática social que, na sua orientação para um fim comunicativo específico, organizam-se em etapas. Os gêneros são estruturados em etapas, porque são normalmente organizados em mais do que um momento (ou etapa) de significação; são orientados para um fim específico, porque o seu desdobramento em etapas se operacionaliza para alcançar algo na cultura; são sociais, porque são tomados e instanciados social e interativamente pelos falantes (MARTIN; ROSE, 2003).

O caráter teleológico imprime aos gêneros e a qualquer outro sistema semiótico um caráter mutável, uma vez que se trata de um sistema aberto sujeito a cada atividade humana. Por outro lado, cada atividade, sob o ponto de vista comunicativo, é diferenciada pelos gêneros que produz.

A perspectiva funcional adotada nos estudos de Martin e Rose (2003, 2008) e Rose e Martin (2012) tem o foco e a organização da linguagem e sua relação com o contexto social em que é produzida se interrelacionam de modo que um realize o outro. A língua traduz elementos do contexto social e é por este retraduzida.

Vian Jr. e Lima-Lopes (2005) ressaltam que a organização do contexto e da linguagem são funcionalmente diversas, apesar de estarem intimamente ligadas, pois, no caso da linguagem, ela é funcionalmente organizada por meio das três metafunções de Halliday (1994): a ideacional (constrói os significados das experiências humanas), a interpessoal (representa a interação e os papéis assumidos pelos participantes) e a textual (ligada ao fluxo de informação). Essas três metafunções realizam linguisticamente o registro e o gênero.

Dessa forma, dado um texto, é possível deduzir o contexto em que foi produzido, porquanto as características linguísticas selecionadas num texto codificam dimensões contextuais, tanto do contexto de produção imediato, situacional (quem diz o quê a quem), como do contexto mais geral, cultural (que tarefa o texto a desempenha na cultura (EGGINS; MARTIN, 1997).

Ao introduzir as noções de registro e de gênero, relacionando-as com os dois níveis contextuais referidos (de situação e cultura), o registro e o gênero dos textos correspondem a dois planos de realização do texto: os termos registro (contexto de situação) e gênero (contexto de cultura) identificam as duas camadas do contexto que têm um impacto no texto, e são, portanto, as duas principais dimensões de variação entre textos. Na abordagem teleológica, as variações de registro e de gênero são dois planos realizacionais numa visão semiótica do texto (MARTIN; MATHIESSEN; PAINTER 1997).

Os conceitos de gênero e de registro no domínio da LFS permitem-nos, portanto,

[...] por um lado, lidar analiticamente com a variação funcional dos textos, com o modo como os textos são diferentes e com as motivações para tais diferenças; e por outro, trabalhar com a relação probabilística entre o texto e o seu contexto, configuradora tanto de uma previsão textual, a partir do contexto, como de uma dedução contextual, a partir do texto (GOUVEIA, 2009, p. 27).

Assim, há uma correlação direta entre a organização funcional da linguagem e o contexto de situação, estabelecendo uma relação entre as metafunções e as variáveis do contexto, como resumido no Quadro 1.

<b>Tipo de significado veiculado</b>	<b>Metafunção (organização da língua)</b>	<b>Registro (organização do contexto)</b>	<b>Lexicogramática (nível da realização)</b>
Papéis assumidos pelos participantes da interação	Significados interpessoais (recursos para interação)	Relações (estrutura de papéis)	Oração como troca de informação ou bens e serviços (sistema de modo)
A representação das atividades sociais	Significados experienciais (recursos para construção de conteúdo)	Campo (ação social)	Oração como representação (sistema de transitividade)
O papel simbólico e retórico da linguagem	Significados textuais (recursos para organização do texto)	Modo (organização simbólica)	Oração como mensagem (sistema temático)

Quadro 1 - Categorias de registro e sua relação com as metafunções  
 Fonte: adaptado de EGGINS e MARTIN, (1997, p. 239)

Sob o prisma funcional, por meio da interrelação entre gênero e registro, e entre contexto de cultura e de situação, o gênero será considerado a partir de duas perspectivas – uma delas é que o registro é o ponto de partida para a análise; e a outra é que o registro funciona como instanciação do gênero (MARTIN, 1992).

Na perspectiva da Estrutura Potencial de Gênero, Hasan (1989) toma o registro (situacional) como ponto de partida para as análises, pois a autora considera que a estrutura textual é a realização de uma série de escolhas no nível do registro, sendo que cada combinação possível resulta na configuração contextual. Na perspectiva teleológica, Martin parte do gênero, pois é ele que pré-seleciona as variáveis do registro, associando-as a partes específicas da estrutura textual, a chamada estrutura esquemática. A interrelação gênero-registro-linguagem, dessa forma, estrutura-se no plano esquemático.

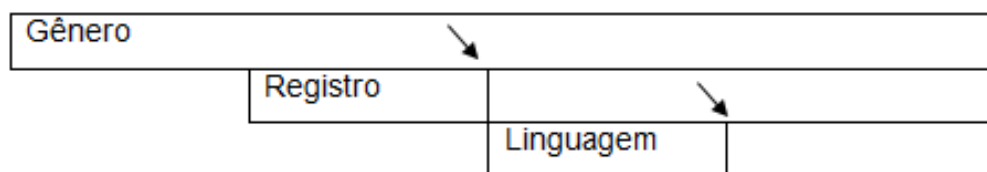


Figura 1 - Planos de conteúdo da linguagem.  
 Fonte: adaptado de MARTIN (1992, p. 495)

Tanto o modelo de Martin (1992) quanto o de Hasan (1989) propõem uma correlação entre a estrutura esquemática e as variáveis do registro. Todavia, os modelos divergem pelo fato de que, para Martin, existe uma rede de relações entre os diferentes tipos de textos, o que não pode ser mapeado partindo do contexto de situação (VIAN JR.;LIMA-LOPES, 2005, p. 37).

Há cinco razões para estabelecer como ponto de partida o gênero e não o registro, como citamos a seguir: (1) se partirmos de um nível não organizado com base nas metafunções, é possível realizar análises que abarquem vários tipos de significados e que não associem o gênero a uma função de linguagem específica; (2) ao partirmos do gênero como elemento definidor do registro, é possível explicar por que nem todas as combinações entre campo, relações e modo ocorrem; (3) ao tomarmos o gênero como responsável pela estrutura esquemática, fica mais prático analisar as mudanças ocorridas nos estágios de um gênero; (4) quando distinguimos gênero e registro tomando-os como dois planos diferentes, damos conta das diferentes formas de desenvolvimento que um texto pode apresentar, pela realização de elementos tanto do contexto de cultura quanto de situação; por último, (5) ao observarmos um texto a partir do contexto de cultura complementamos os significados alcançados na análise do registro – proposta esta que sugere o estudo do gênero e registro conjuntamente (MARTIN, 1992).

Sobre registro e gênero, o quadro 2 apresenta o seguinte resumo.

Registro	Gênero
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Todos os textos têm um objetivo sociocomunicativo</li> <li>• Utilizamos os textos para concretizar coisas, ações e tarefas.</li> <li>• O falante “escolhe” os propósitos sociocomunicativos dos seus textos, mas não os “inventa”.</li> <li>• Os propósitos são condicionados pelo contexto de cultura (aquilo que digo não pode fazer sentido apenas para mim).</li> <li>• Por vezes, explicitamos os propósitos sociocomunicativos dos textos, mas muito frequentemente deixamos-los implícitos, sendo inferidos a partir dos próprios textos.</li> </ul>	<p>Propósitos sociocomunicativos semelhantes dão origem a textos semelhantes.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• É possível agrupar os textos em função dos propósitos sociocomunicativos.</li> <li>• Podemos eleger o propósito sociocomunicativo como principal critério de classificação dos tipos de texto.</li> <li>• Propósito sociocomunicativo vs. o quê, quem, como dos textos (registro).</li> </ul>

Quadro 2 - Resumo dos conceitos de Registro e Gênero sob a perspectiva teleológica de gêneros textuais.

Fonte: adaptado de MARTIN (1992)

Os trabalhos de Martin e Rose (2003, 2008) e de Rose e Martin (2012) formularam um tipo de sistema de gêneros, baseado no propósito básico de cada um deles com a distinção fundamental dos que se destinam a instruir, informar e os que são voltados para envolver o leitor/ouvinte. Este sistema está esquematizado na seção seguinte.

## 2.2 Esquematização dos gêneros sob a perspectiva sistêmico-funcional

Após desenvolver suas noções de gênero, Martin, juntamente com os colegas Rose e Rothery, desenvolveram a proposta de ensino de produção textual com base em gêneros da escola australiana. O Ciclo de Ensino (*Teaching Cycle*), protagonizado pelos linguistas Jim Martin e Joan Rothery, em 1980, desenvolveu um trabalho sobre letramento incentivado pelos fracos resultados produzidos pela pedagogia “facilitadora” na Austrália. O objetivo central do Ciclo era familiarizar as

crianças com todos os gêneros de texto pressupostos pelo *currícula* australiano. Três projetos foram desenvolvidos no Ciclo, a saber: *Writing* (1980-85) cujo objetivo era estudar, do ponto de vista sociocultural e linguístico, as dificuldades demonstradas pelos alunos na interpretação e produção de texto; *Language & Social Power* (1985-90), cujo objetivo era desenvolver os níveis de letramento de alunos oriundos de setores socioeconômicos mais débeis, com alguma predominância de alunos cuja língua materna não era o inglês (aborígenes); *Write it Right* (90-95), cujo objetivo era estender o trabalho de letramento, desenvolvido pelos linguistas no ensino fundamental e médio a três setores de trabalho: ciência, mídia e administração.

Desses trabalhos, os linguistas, junto de David Rose, desenvolveram uma pedagogia “intervencionista”<sup>5</sup> para responder às exigências de letramento impostas pelos currículos e ajudar professores e alunos nas tarefas de ensinar e aprender (projeto *Reading to Learn* - ROSE; MARTIN, 2012). Nesse projeto, foi formulada a proposta d’A Roda (*The Wheels*), que ressalta o ensino explícito da estrutura léxico-gramatical e do modo como se produzem os significados disponibilizados pela linguagem. Jim Martin, David Rose e Joan Rothery, da Escola Australiana, dentro do Programa de Letramento de Gêneros junto a escolas carentes, propuseram uma esquematização de gêneros escolares, com foco na educação linguística do ensino fundamental (MOTTA-ROTH, 2008). O ensino de textos da Pedagogia de Gêneros da Escola de Sydney é pensado em termos das funções sociais a que a linguagem se propõe; logo, a linguagem é ensinada como texto que faz parte de um contexto.

Algumas questões colocadas no Ciclo de Ensino foram pertinentes para desenvolver o esquema de gêneros escolares e a pedagogia de gêneros da Escola de Sydney: (a) que gêneros de textos liam e escreviam os alunos na escola primária; (b) quais desses gêneros eram importantes para a aprendizagem do currículo; (c) como ensiná-los, de modo a tornar essa aprendizagem eficaz (ROSE; MARTIN, 2012). Para Gouveia (2013), conhecer os gêneros escolares em uso em cada uma das disciplinas curriculares e promover na escola, nas várias disciplinas, um ensino

---

<sup>5</sup> Intervencionista, pois o professor tem um papel bem definido, equivalente ao assumido por qualquer pai ou qualquer adulto que se ocupe da criança, ajudando-a, das mais diversas formas, no seu desenvolvimento, seja como modelo na aprendizagem da língua, seja na partilha de experiências, funcionando como educador. Essa pedagogia reserva ao aluno um papel ativo na aprendizagem, contrariando, também, a pedagogia tradicional, na qual ele era um mero espectador, receptor da ciência transmitida pelo mestre (ROSE; MARTIN, 2012).



baseado em gêneros não só garantiria melhores produtores textuais, como também melhores alunos, uma vez que a experiência com os gêneros desenvolve as capacidades e habilidades mentais dos alunos e promove a aquisição das estruturas esquemáticas e padrões de língua característicos das várias disciplinas. Para o autor (idem), os gêneros escolares correspondem às configurações estruturais dos diferentes textos que os alunos são chamados a produzir em contexto escolar, a partir da categorização desses textos em razão do seu propósito de comunicação e do modo como, em função de tal propósito, estes se concretizam em etapas sucessivas, estrutural e discursivamente dependentes uma das outras.

O projeto *Write it Right* mapeou a maioria dos gêneros que os estudantes necessitavam controlar para obter sucesso na escrita no ensino fundamental nas escolas públicas no contexto australiano (ROSE; MARTIN, 2012). Desse mapeamento resultou a categorização de gênero escolares descritos nas tabelas 1, 2 e 3, que mostram os gêneros mais comuns produzidos pelos alunos junto de seus devidos estágios, classificados para que cada gênero possa atingir o seu propósito social.

As categorias dos gêneros escolares desenvolvidos por Rose e Martin (2012) e Martin e Rose (2008) circundam três grandes princípios: o princípio “envolver” (*engaging*), “informar” (*informing*) e “avaliar” (*evaluating*). Para cada um desses princípios, Rose e Martin (2012) categorizaram diferentes gêneros, como visto nas Tabelas 1, 2 e 3. Seguindo o princípio “envolver”, as histórias comportam cinco tipos principais de histórias ficcionais: um relato simplesmente narra uma série de eventos, mas, em uma narrativa, os personagens centrais resolvem uma complicação; no episódio, o foco está em compartilhar sentimentos sobre uma complicação que não é resolvida, enquanto em um *exemplum*, o foco está no julgamento do comportamento e do caráter de uma determinada personagem (ROSE; MARTIN, 2012, p. 129).

Tabela 1 - Gêneros cujo princípio é “Envolver” e estágios.

	<b>Gênero</b>	<b>Propósito sociocomunicativo</b>	<b>Etapas</b>
Histórias ficcionais	Relato	Relatar uma série de eventos	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Orientação</li> <li>• Rol de eventos</li> </ul>
	Narrativa	Resolver uma complicação	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Orientação</li> <li>• Complicação</li> <li>• Avaliação</li> <li>• Resolução</li> </ul>
	Exemplum	Apreciar/ajuizar comportamentos (numa complicação que não é resolvida)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Orientação</li> <li>• Complicação</li> <li>• Avaliação</li> </ul>
	Episódio	Partilhar emoções (numa complicação que não é resolvida)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Orientação</li> <li>• Complicação</li> <li>• Avaliação</li> </ul>
	Notícia Jornalística	Relatar eventos significativos e apresentar diferentes ângulos sobre os mesmos	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Lead</li> <li>• Ângulos</li> </ul>

Fonte: adaptado de ROSE, MARTIN (2012, p. 130)

O conjunto de gêneros que Rose e Martin (2012, p. 129) agruparam como "estruturações históricas", dentro do princípio "informar", inclui relatos autobiográficos, em que o escritor narra os principais acontecimentos em sua vida; relatos biográficos, em que o escritor conta fatos e etapas de vida de uma outra pessoa; relatos históricos, que cobrem os eventos de um período da história. O conjunto de gêneros agrupados nas "explicações" diz respeito aos textos preocupados com as causas e efeitos: explicações sequenciais explanam sobre uma sequência de eventos; explicações fatoriais explicam várias causas para um efeito; explicações consequenciais apresentam múltiplos efeitos para uma causa. Os procedimentos incluem instruções que são explicações para fazer experimentos e observações, usando a tecnologia, assim como algoritmos ou operações em matemática; protocolos que são os textos os quais dizem o que não fazer, como regras e avisos; relatos de procedimento definem as medidas que devem estar em um procedimento, como relatórios de experimentos e relatórios de observação. Quanto aos "relatórios", há os descritivos, que classificam e descrevem um tipo de coisa, os classificativos, que classificam e descrevem diferentes tipos de coisas, e os composicionais, que descrevem partes da totalidade de algo.

Tabela 2 - Gêneros cujo princípio é "Informar" e estágios.

		<b>Gênero</b>	<b>Propósito sociocomunicativo</b>	<b>Etapas</b>
<b>Informar</b>	<b>Estruturas históricas</b>	Relato Autobiográfico	Relatar etapas da minha vida	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Orientação</li> <li>• Etapas</li> </ul>
		Relatos Biográficos	Relatar etapas da vida de outra pessoa	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Orientação</li> <li>• Etapas</li> </ul>
		Relatos Históricos	Relatar etapas na história	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Pano de fundo</li> <li>• Etapas</li> </ul>
	<b>Explicações</b>	Sequencial	Explicar uma sequência de acontecimentos	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Fenômeno</li> <li>• Explicação</li> </ul>
		Fatorial	Explicar causas múltiplas para uma consequência	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Fenômeno</li> <li>• Explicação</li> </ul>
		Consequencial	Explicar várias consequências de uma causa	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Fenômeno</li> <li>• Explicação</li> </ul>
	<b>Procedimentos</b>	Instrução	Como fazer uma atividade (algoritmo: receita, experiência, montagem de equipamentos)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Objetivo</li> <li>• Equipamento/ Materiais</li> <li>• Passos</li> </ul>
		Protocolo	O que fazer e o que não fazer (regras, avisos, leis)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Lista</li> </ul>
		Relato procedimento de	Relatar experiências e observações (relatório de um trabalho experimental)	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Objetivo</li> <li>• Método</li> <li>• Resultado</li> </ul>
	<b>Relatórios</b>	Descritivo	Classificar e descrever um tipo de coisa	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Classificação</li> <li>• Descrição</li> </ul>
		Classificativo	Classificar e descrever diferentes tipos de coisas	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Classificação</li> <li>• Descrição</li> </ul>
		Composicional	Descrever diferentes partes de um todo	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Classificação</li> <li>• Descrição</li> </ul>

Fonte: adaptado de ROSE, MARTIN (2012, p. 130)

No princípio “avaliar”, há o conjunto de gêneros “reações a textos” que avaliam textos de diferentes modalidades (visual, verbal, musical); as opiniões expressam sentimentos sobre um texto, frequentemente com uma releitura da história; a resenha descreve o texto tecendo um julgamento sobre ele; no gênero interpretação, como o nome indica, o escritor interpreta a mensagem que um texto simboliza. Os gêneros argumentativos avaliam assuntos apresentando pontos de vista: as exposições defendem um ponto de vista, enquanto as discussões debatem dois ou mais pontos de vista sobre um tema (ROSE, MARTIN, 2012; MARTIN, ROSE, 2008).

Tabela 3 - Gêneros cujo princípio é "Avaliar" e estágios

		Gênero	Propósito sociocomunicativo	Etapas
	Argumentos	Exposição	Defender um ponto de vista	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Tese</li> <li>• Argumento</li> <li>• Reiteração</li> </ul>
		Discussão	Discutir/Debater dois ou mais pontos de vista	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Questão</li> <li>• Lados</li> <li>• Resolução</li> </ul>
Avaliar	Reações a textos	Opinião	Expressar sentimentos	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Avaliação</li> <li>• Reação</li> </ul>
		Resenha	Avaliar um texto verbal, visual ou musical	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Contexto</li> <li>• Descrição do texto</li> <li>• Avaliação</li> </ul>
		Interpretação	Interpretar a mensagem de um texto	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Avaliação</li> <li>• Descrição do texto</li> <li>• Reafirmação</li> </ul>

Fonte: adaptado de ROSE, MARTIN (2012, p. 130)

Mesmo com exaustivas explicações sobre os projetos desenvolvidos no Ciclo de Ensino, essa abordagem foi acusada de se voltar apenas para a forma e de reforçar uma visão centrada no leitor ao enfatizar a ideia de que o texto deve responder às expectativas de uma comunidade acadêmica discursiva ideal (MOTTAROTH, 2008, p. 365 - 366). Contudo, o contra-argumento é que, para o aluno ser capaz de interagir em um contexto social, ele precisa aprender a socialização naquela comunidade. Devitt (1993) explica ainda que, sem esse conhecimento sistematizado e profundo sobre as tradições retóricas de uma dada comunidade, o sujeito novato nessa comunidade conta com a sorte para aprender com a experiência como participar de um gênero.

Neste capítulo apresentamos conceitos-chave sobre gênero textual que nos forneceram a base para a compreensão do gênero *fanfiction*. Para sua análise linguística, contudo, faz-se necessário conceitos pontuais referentes a linguagem, principalmente visando à análise da metafunção textual.

### **3 LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL (LSF) E A METAFUNÇÃO TEXTUAL**

Neste capítulo, apresentamos conceitos básicos da Linguística Sistêmico Funcional, mais especificamente, da metafunção textual da linguagem, que é o foco desta pesquisa. Este capítulo visa a desenvolver o conceito de Tema a ser adotado neste trabalho, utilizando a abordagem da Gramática Sistêmico-Funcional e dos estudos de Peter H. Fries (1981, 1994, 1995a, 1995b, 1997) e Olioni (2010) sobre Tematização. Aqui, são privilegiados os seguintes aspectos: definição e identificação do Tema a partir de suas implicações para a oração como mensagem; classificação do Tema (função ideacional, interpessoal e textual); estabelecimento de critérios de marcação temática, segundo o sistema de modo oracional. Essa seção é fundamental para o trabalho, visto que o mapeamento, a identificação e a classificação dos Temas serão significativos para a caracterização da Progressão Temática e do Fluxo de Informação, constituindo o Método de Desenvolvimento Textual.

#### **3.1 Bases da LSF**

Para a Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), a linguagem é um fenômeno social; há uma íntima relação entre o sistema gramatical e as necessidades sociais e individuais que a linguagem necessita atender (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, 2014). Segundo os autores, a linguagem é um sistema sociossemiótico, que veicula diferentes significados dependendo das intenções dos interlocutores, do lugar de que se fala, da situação de interação e do contexto de cultura onde se dá o evento discursivo. De orientação social, portanto, a LSF elege o texto como unidade fundamental, “a partir da constatação facilmente verificável, de que este é a unidade de comunicação em qualquer evento discursivo” (GOUVEIA, 2009, p. 18).

Halliday (1994) afirma que todo texto possui variáveis contextuais que permitem aos interlocutores reconhecerem as condições em que o texto foi produzido (campo), as relações que se estabelecem entre seus interlocutores (relações) e as estratégias linguísticas utilizadas na produção da linguagem (modo). Campo, relações e modo referem-se às dimensões do contexto de situação e

constituem o entorno mais imediato em que o texto se insere (HALLIDAY, 1989), conforme exposto na Figura 1.

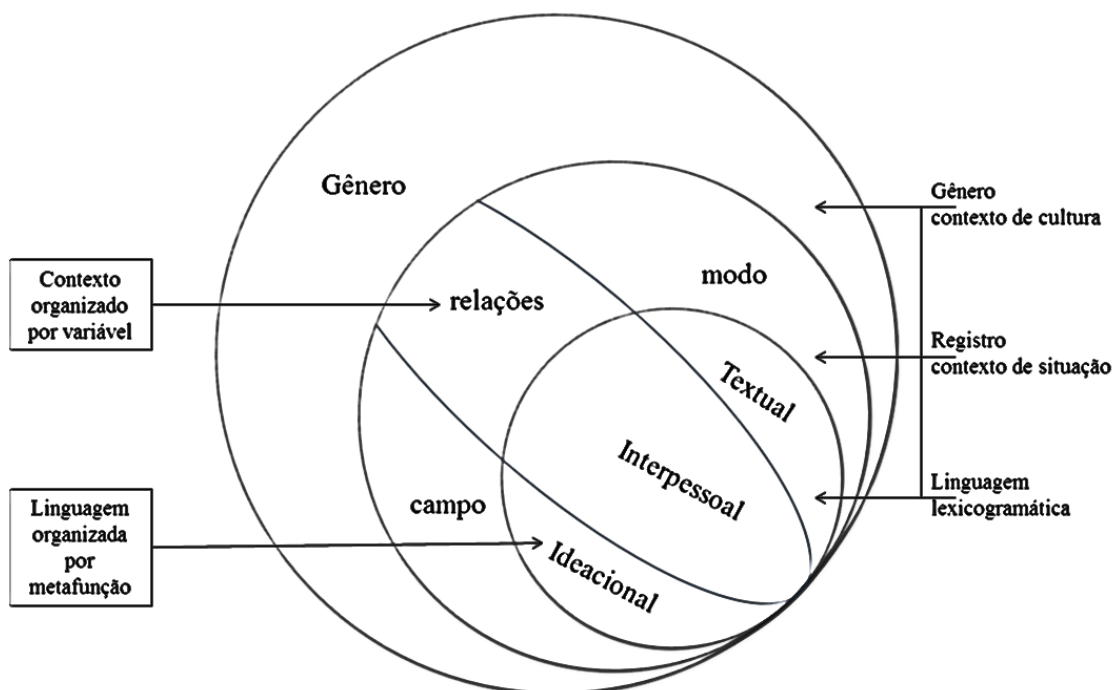


Figure 2 - Modelo estratificado da linguagem no contexto.  
 Fonte: adaptado de EGGINS e MARTIN (2003) e MARTIN e ROSE (2008).

As três variáveis encontram-se no nível do registro, conforme mostra a Figura 1, nos limites entre o texto (aspectos formais e semântico da linguagem - lexicogramática) e o gênero (aspectos discursivos – contexto de cultura).

A relação entre cada um dos estratos da linguagem e do contexto social é, à luz da LSF, moldado como uma “realização”, representada na Figura 1 pelas linhas que traspassam os estratos (MARTIN, ROSE, 2008). Martin e Rose (2003) descrevem o conceito de realização como uma espécie de recodificação – a gramática recodifica (simboliza) o discurso, assim como o discurso recodifica (simboliza) a atividade social.

Segundo Halliday (1989), a análise da variável campo considera o exame do assunto principal do texto; a variável relação leva em conta quem são os participantes (produtor e consumidor) do texto e seu nível de relação (quanto à hierarquia - relação simétrica ou assimétrica; quanto à distância entre os participantes – relação máxima, média ou mínima). A variável modo, por sua vez,

considera o papel exercido pela linguagem (constitutivo ou auxiliar), a participação do leitor no processo de escrita (passiva ou ativa), o meio (escrito ou fônico) e o canal (gráfico ou falado) pelo qual a mensagem é transmitida. Considerar o contexto de situação, portanto, permite reconhecer a efetiva conexão que existe entre o texto e o seu contexto de produção.

Para a LSF, com base na Gramática Sistêmico-Funcional (GSF), os textos são como construções metafuncionais que englobam complexos de significados ideacionais, interpessoais e textuais e a cada um dos elementos da configuração contextual corresponde uma metafunção, quais sejam: ao campo corresponde a metafunção ideacional; às relações corresponde a metafunção interpessoal; ao modo corresponde a metafunção textual.

A metafunção ideacional experiencial permite-nos “codificar a nossa vivência e experiência do mundo; faculta-nos imagens da realidade (física ou mental). Ajuda-nos, portanto, a codificar significados da nossa experiência” (GOUVEIA, 2009, p. 16). A metafunção ideacional organiza-se em dois níveis distintos ou subfunções: um nível ou subfunção experiencial, muitas vezes correlacionado diretamente com a função que o comporta, construindo-se assim experiencial e ideacional como termos sinônimos, e um nível lógico. Esta metafunção realiza-se pelo sistema de transitividade que se define como um recurso gramatical para construir o fluxo da experiência em termos de um processo realizado gramaticalmente como uma oração (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004). Na oração, o mundo das experiências se converte em significados configurados como um conjunto de processos (materializados pelos grupos verbais), participantes (materializados pelos grupos nominais) e circunstâncias (materializados pelos grupos adverbiais e preposicionais). Halliday e Matthiessen (2004, 2014) dividem os processos em seis: os processos materiais, os mentais, os processos relacionais, comportamentais, verbais e existenciais.

Os processos materiais expressam valores do fazer e do acontecer e representam experiências dos participantes, ao mesmo tempo que coisas ou eventos do mundo exterior - coisas que acontecem, pessoas ou outras entidades que fazem ou constroem algo. Os processos mentais expressam valores do pensar, do sentir, do desejar e do perceber. Representam experiências de consciência, do mundo interno do indivíduo. A natureza dos processos relacionais é identificar uma

entidade em relação a outra. Os processos comportamentais são a manifestação da consciência e dos estados fisiológicos. Os processos verbais representam as manifestações das relações simbólicas construídas na consciência humana e são desempenhadas em forma de linguagem e, por último, os processos existenciais reconhecem a existência de todo tipo de fenômeno e representam algo que existe.

Já a metafunção interpessoal permite-nos reconhecer as relações sociais representadas pela linguagem. Segundo Halliday e Matthiessen (2004), o significado interpessoal organiza a oração como um evento interativo que envolve o falante, o ouvinte e o público, por isso a oração é um espaço de interação social. As interações não são somente trocas de informações ou bens e serviços como propõe Halliday (1994), mas, também, como troca de emoções, julgamentos e valores ideológicos, que tomam lugar na negociação dos significados expressos pelas escolhas léxico-gramaticais dos participantes da interação.

Os papéis de fala, para Halliday e Matthiessen (2004, 2014) correspondem a dar e solicitar informações ou bens e serviços. Isso quer dizer que o falante pode trocar informações (como declaração ou pergunta) e bens e serviços (como oferta ou comando). Quando há troca de informações, a oração tem a forma de uma proposição, e quando há troca de bens e serviços, a oração tem forma de proposta. Halliday (1989) explana que a análise de trocas linguísticas dá conta do tipo de proposição ou proposta que está ocorrendo, das atitudes e julgamentos encapsulados na camada verbal e das trocas retóricas que a constituem como um ato simbólico interpessoal.

Os modos oracionais também dizem das relações interpessoais entre os interactantes e a natureza da negociação que está sendo realizada. As orações podem se apresentar no modo<sup>6</sup> declarativo, interrogativo ou no imperativo (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004). A polaridade e a modalidade também são recursos interpessoais que marcam a natureza do diálogo. A polaridade refere-se às escolhas entre o positivo e o negativo e decorre da presença de termos de sentido positivo (é, foi, está, tem, faz, entre outros) e negativo (não, não foi, não está, não tem, não faz, entre outros). A modalidade refere-se aos graus intermediários que situam a fala humana entre um polo positivo e outro negativo (HALLIDAY, 1989). Com relação à modalidade, Halliday e Matthiessen (2004) definem quatro tipos que

---

<sup>6</sup> Sistema de MODO é o recurso que possibilita a realização dos movimentos interativos no diálogo (MARTIN, MATTHIESSEN & PAINTER, 1997).



são: probabilidade e usualidade, cuja denominação é modalização e se adequam a proposições, ou seja, a declarações e perguntas; obrigação e inclinação, cuja denominação é modulação e se adequam a propostas, ou seja, a ofertas e comandos.

Finalmente, segundo Halliday e Matthiessen (2004) e Olioni (2010), a metafunção textual organiza a linguagem em uma unidade de sentido que permite averiguar de que forma se constrói o fluxo de informação em textos, a fim de se verificar que marcas da materialidade linguística são responsáveis por sinalizar o ponto de partida do locutor em relação à mensagem pretendida, bem como em que posição na oração são colocadas informações mais relevantes para o interlocutor, na expectativa de se vislumbrar e mapear um contínuo da informação veiculada (OLIONI, 2010). A oração constitui-se mensagem em um sistema organizado em torno do elemento Tema e do elemento Rema. Conforme expõem Ventura e Lima-Lopes (2002), a organização temática das orações é um fator muito significativo no desenvolvimento de um texto, o que garante a essas estruturas uma importante função para a construção da coesão.

### **3.2 Metafunção textual**

A metafunção textual permite-nos organizar nossos significados ideacionais e interpessoais “num todo linear e coerente e codificar significados de desenvolvimento textual e organização retórica” (GOUVEIA, 2009, p. 16). Segundo Halliday e Matthiessen (2004), entende-se que a oração parte de uma informação já conhecida pelo leitor/ouvinte (Dado) que flui em direção a algo novo (Novo) que é anunciado. Essa estruturação do texto incluindo elementos Dados e Novos é chamada de Estrutura da Informação. Concomitantemente a isso, ainda segundo Halliday e Matthiessen (2004), a mensagem pode ser analisada referindo-se a que elemento da realização léxico-gramatical é encontrado em posição inicial (Tema) orientando o restante da mensagem (Rema).

O conceito de Tema tem evoluído desde o início dos estudos referentes à LSF. (FRIES, 1995a, 1995b, 1997; THOMPSON 2004; 2007). A noção de Tema e Rema partiu do trabalho dos linguistas da Escola de Praga sobre a Perspectiva Funcional

da Sentença, mais tarde teorizado com algumas mudanças. Fries (1997) ressalta diferentes definições que Halliday construiu para o Tema, resumindo-as em “o ponto de partida da mensagem”, “o gancho no qual a mensagem está pendurada” ou “do que a mensagem se trata” e apontando que se localiza no início da mensagem, no caso da língua inglesa. Fries (1997) e Thompson (2007) entendem que, em alguns idiomas, o Tema pode não ser realizado em posição inicial, mas pode-se generalizar que línguas europeias/ocidentais tendem a tematizar em posição inicial.

Para um falante/escritor organizar o texto num todo coerente (GOUVEIA, 2009), há a necessidade de manter seu ouvinte/escritor ciente do caminho a ser percorrido, o que será possível por meio do uso de recursos linguísticos, usados pelo locutor, que sinalizam significados textuais – o caminho a percorrer do ponto de partida de uma oração, complexo oracional, parágrafo ou texto, até o final deste (a), informando ao ouvinte/leitor sua intenção comunicativa. Esta organização da mensagem é realizada por meio de dois sistemas que se complementam, apesar de serem distintos: a Estrutura Temática, com suas funções de Tema e Rema; a Estrutura de Informação, com as funções de informação Dada e informação Nova (OLIONI, 2010, p. 42).

Nesta pesquisa, o enfoque está na metafunção textual, observando-se a Organização Temática e a Estrutura de Informação, caracterizando-se pela Progressão Temática e, por conseguinte, o Fluxo de Informação por meio dos diferentes padrões encontrados de Método de Desenvolvimento de Textos (THOMPSON, 2007). Sendo assim, o que segue neste capítulo é a explanação de conceitos de Estruturas Temática e de Informação, Progressão Temática e Método de Desenvolvimento Textual.

### 3.2.1 Estrutura Temática

A Estrutura Temática opera no nível da oração, garantindo a esta seu caráter de mensagem. Halliday e Matthiessen (2004) explicam que o Tema é indicado pela posição inicial que ocupa na oração, portanto, ele é o elemento que funciona como o ponto de partida da mensagem. As demais informações correspondem ao elemento Rema. Assim, a principal função do Tema (T) é fornecer o pano de fundo para o Rema. Se mudarmos o elemento temático, podemos mudar a interpretação do

elemento Rema (R) e a significação da mensagem. Dessa forma, a Estrutura Temática é formada por Tema seguido de Rema (T → R), necessariamente nessa ordem. Analisar o sistema temático permite-nos verificar qual informação é colocada em proeminência na oração e entender o fluxo de informação que constrói o texto.

Barbara e Gouveia (2001) esclarecem que o Tema é um elemento coesivo que pode (ou não) ser expresso na sentença e mesmo que o Tema seja elíptico, ele pode ser recuperado pelo processo de coesão textual. Para Gouveia e Bárbara (2001), o Tema é aquilo que é de interesse da mensagem; é o que o falante/ escritor tem em mente ao iniciar a oração, mesmo que o Tema não corresponda a nenhuma realização morfológica.

Nos casos em que o Tema está expresso, o grupo que o representa é o primeiro elemento ideacional na oração, isto é, o constituinte que exerce também a função no sistema de transitividade, ao desempenhar um dos significados experienciais de Participante, Processo ou Circunstância, previamente explicado no início desse capítulo. A este constituinte da função experiencial dá-se a nomenclatura de Tema ideacional<sup>7</sup>, chamado também por Halliday (2004) de Tema Tópico. O princípio da estrutura temática consiste em mostrar que o Tema contém um elemento da função experiencial, o que significa dizer que o Tema na sentença termina justamente com o primeiro elemento do sistema de transitividade, como nos exemplos<sup>8</sup> (1), (2) e (3).

<b>1</b>	<b>Brian e Charlie</b>	<b>terminaram</b>	<b>a organização de suas coisas.</b>
Metafunção Textual	Tema Ideacional	Rema	
Metafunção experiencial	Participante	Processo	Participante

<sup>7</sup> Neste trabalho, optou-se por seguir a nomenclatura de Tema ideacional.

<sup>8</sup> Fonte: *fanfic* “O sem face” – capítulo 1 “Brian e Charlie, disponível em [www.socialspirit.com.br/fanfic/historia/fanfiction-originais-o-sem-face-2064831/capitulo1](http://www.socialspirit.com.br/fanfic/historia/fanfiction-originais-o-sem-face-2064831/capitulo1)

		<b>Sexta-feira,</b>	<b>o despertador</b>	<b>Tocou</b>	<b>no quarto.</b>
<b>2</b>	Metafunção Textual	Tema Ideacional	Rema		
	Metafunção experiencial	Circunstância	Participante	Processo	Circunstância
<b>3</b>		<b>(eles)</b>	<b>levantaram</b>	<b>a lanterna</b>	
	Metafunção Textual	Tema Ideacional	Rema		
	Metafunção experiencial	Participante em elipse	Processo	Participante	

Nos exemplos (1), (2) e (3), os Temas Ideacionais “Brian e Charlie” (1), “Sexta-feira” (2) e “eles” (3) são os primeiros elementos da oração que contêm significados representacionais, mesmo em elipse, como no exemplo (3). Esses elementos equivalem, no sistema de transitividade, ao Participante (1), à Circunstância (2) e ao participante em elipse (3), e todos eles servem de pano de fundo para o seguimento do texto, o Rema.

Para Halliday e Matthiessen (2004), quando a mensagem se organiza com uma estrutura “esperada” (ex: o Sujeito em posição Temática, ou a estrutura que se encontraria normalmente na referida posição no idioma em questão) em uma determinada posição, dizemos que é uma posição “Não marcada” (“*Unmarked*”). Se, ao contrário, a mensagem se organiza com uma estrutura “não esperada” em uma determinada posição, dizemos que é uma posição “Marcada” (“*Marked*”). Halliday e Matthiessen (2004) mencionam os termos “Marcado” e “Não marcado” principalmente para Temas, mas Fries (1997) os utiliza também para caracterizar a posição dos N-Remas, que serão tratados mais adiante neste capítulo. Casos de Tema não marcado ocorrem como no exemplo (1) e (3) – o Tema é um grupo nominal que exerce função de Sujeito na oração, como ele é esperado (sujeito + complemento) dizemos que é não-marcado. No caso de Tema marcado, ocorre como no exemplo (2) – O Tema não é o Sujeito da oração e/ou a oração encontra-se

na ordem indireta dos termos. No exemplo (2), a informação tematizada não equivale ao Sujeito da oração, sendo uma circunstância, por isso, Tema Ideacional marcado (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004).

Fries (1997) e Thompson (2007) discutem se o Tema se encerra no primeiro elemento ideacional, ou se abrange o Sujeito, como sustentam Martin et al (1997). Como o Sujeito não é uma categoria da metafunção textual, Fries (1997; 2002) e Thompson (2007) não adotam essa forma de categorização em seus trabalhos, assim como não o fazem Halliday e Matthiessen (2004), considerando-o apenas como um “*would-be Theme*”<sup>9</sup> (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p. 103), chamando-o de “Tema deslocado” (“*displaced Theme*”), pois, segundo os autores, o Sujeito localizado após o Tema Marcado somente poderia ser considerado Tema se o que se encontra em posição Temática estivesse em uma oração à parte. O termo Sujeito aqui se trata do Participante sobre o qual algo é comentado (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004). Trata-se de uma categoria da metafunção interpessoal da GSF (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004). Uma oração pode começar com algum outro elemento Ideacional, como uma Circunstância. Nesse caso, seria possível considerar essa Circunstância por si só o Tema (como no exemplo 2) (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004), ou estender o Tema até o Sujeito (MARTIN; MATHIESSEN; PAINTER 1997). Para essa pesquisa, trabalhamos na mesma perspectiva de Halliday & Matthiessen (2004, 2014).

É possível ainda a escolha de Temas diversos na organização de orações, que podem caracterizar diferenças temáticas, gerando mensagens distintas. Dessa forma, “a seleção de uma estrutura temática diferente altera o foco da oração de modo significativo, o que é relevante, portanto, na organização discursiva” (OLIONI, 2010, p. 52). Em outras palavras, a escolha do elemento posto em posição temática pelo falante/escritor orienta o ouvinte/leitor em sua localização frente à mensagem construída.

Ocorre que podemos começar uma oração com significados interpessoais indicando o tipo de interação entre os interlocutores ou a posição que cada um ocupa na interação. A este constituinte dá-se o nome de Tema Interpessoal. Este Tema inclui o uso de vocativos, que sinalizam a quem o falante/ escritor se dirige diretamente, de Adjuntos de comentários, que expressam julgamento de quem

---

<sup>9</sup> *Would be theme* é uma estrutura com potencial para ser tema, mas não o é de fato. Tem-se um Tema enfocado, mas não um Tema marcado. Ver mais em Halliday & Mathhiessen (2004, p. 85).

fala/escreve em relação à mensagem; de palavras ou orações interrogativas, usados para demandar informação. O exemplo (4)<sup>10</sup> mostra o funcionamento do Tema interpessoal.

<b>4</b>	<b>Flor,</b>	<b>desperta</b>	<b>-te</b>
Metafunção textual	Tema interpessoal	Tema ideacional	Rema

O exemplo (4) tem como ponto de partida um vocativo; o falante/escritor dessa mensagem optou por introduzi-la chamando diretamente o participante. O vocativo é o Tema interpessoal que vem seguido de um Tema Ideacional que é o processo material (despertar). Nos casos de haver mais de um tipo de Tema, chamamos de Temas múltiplos, comum quando há a presença de Temas interpessoais e/ou textuais junto dos Temas ideacionais.

Os Temas textuais aparecem quando os significados experienciais são precedidos por palavra ou grupo de palavras que têm a função de ligar uma mensagem à outra ou a um texto anterior. Os recursos que constituem Temas textuais são as conjunções (que ligam as orações), os pronomes relativos (que ligam ou encaixam uma oração a outra), os sequencializadores (que estabelecem um vínculo coesivo com o discurso anterior) e os continuativos (que indicam a relação com o discurso anterior) (FUZER; CABRAL, 2010). Seguem exemplos<sup>11</sup> de Tema textual.

<sup>10</sup> Fonte do exemplo (4): *Fanfic* “Romeu e Julieta no Jardim do Éden”, capítulo 1 “*Oneshot*”, disponível em <http://animespirit.com.br/fanfics/historia/fanfiction-livros-romeu-e-julieta-romeu-e-julieta-no-jardim-de-edem-322449>

<sup>11</sup>Fonte dos exemplos (5) e (6): *Fanfic* “*Memories*”, disponível em [www.scialspirit.com.br/fanfics/historia/fanfiction-originais-memories-21001](http://www.scialspirit.com.br/fanfics/historia/fanfiction-originais-memories-21001)

<b>5</b>	<b>Mas,</b>	<b>Audrey,</b>	<b> você</b>	<b>irá embora hoje?</b>
Metafunção Textual	Tema Textual	Tema Interpessoal	Tema Ideacional	Rema

No exemplo (5), o ponto de partida da mensagem é um Tema textual (adjunto conjuntivo) que estabelece coesão entre as orações. A mensagem realiza-se com Tema interpessoal (vocativo) “Audrey”, cuja função é chamar diretamente o participante. O Tema Ideacional (“você”) aparece em seguida, apresentando a seguinte sequência de Temas: TT + TInt. + T Id. seguidos de Rema.

Fries (1997; 2002) argumenta que o início da mensagem até o primeiro elemento ideacional da oração pode ser tratado como Tema e que o termo Rema se aplica a todo o restante da oração, de modo que o Novo em posição final fica sem um nome específico. Fries (1997) propõe chamá-lo de “N-Rema” (“N-*Rheme*”). Enquanto o Tema orienta a mensagem comunicada na oração, dizendo ao leitor como compreender o que se anuncia, o N-Rema é o cerne daquilo que de fato é anunciado. Uma mudança na escolha temática, assim, constrói um conteúdo do N-Rema diferente (FRIES 2002). Por exemplo: em um texto com uma estrutura de “solução de problema”, esperamos que a informação flua à medida que o texto segue da descrição do problema até a descrição da solução, de modo que o N-Rema deva contar a solução, ao passo que o Tema apresenta a caracterização do problema (FRIES, 2002). Em suma, o Tema “localiza” o leitor/ouvinte, enquanto o N-Rema anuncia a informação nova que se deseja que o leitor/ouvinte retenha (FRIES, 1997, 2002; THOMPSON, 2007), o que nos remete à noção de Estrutura da Informação, explorada na sequência deste capítulo.

Sobre Tema e Rema, o quadro a seguir apresenta o seguinte resumo:

Tema	Rema
<ul style="list-style-type: none"><li>• É o ponto de partida da mensagem expressa pela oração.</li><li>• Localiza e orienta a oração dentro de seu contexto.</li><li>• Funciona como orientador da informação que está por vir.</li><li>• Fornece um <i>framework</i> para o restante da oração.</li><li>• Estabelece um contexto (local) no qual a oração é interpretada.</li><li>• Tem motivação discursiva.</li><li>• Relaciona, de forma coerente, as orações no todo do texto.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Tudo o que vem na oração depois do Tema.</li><li>• Para onde a oração se movimenta depois do ponto de partida.</li><li>• Parte na qual o Tema é desenvolvido.</li></ul>

Quadro 3 - Resumo explicativo de Tema e Rema.  
Fonte: OLIONI (2010, p. 62)

### 3.2.2 Estrutura de Informação

A Estrutura de Informação diz respeito ao modo como o falante/escritor organiza a informação no seu processo de comunicação, conforme seus propósitos, para que a mensagem seja de fácil entendimento ao interlocutor ou, intencionalmente, cause confusão (OLIONI, 2010, p. 163). Diferentes escolhas Temáticas, com maior ou menor “marcação” (“*markedness*”) constroem Estruturas de Informação diferentes, conseqüentemente construindo Fluxos da Informação distintos. Se, no exemplo 2 (“sexta-feira, o despertador tocou no quarto”), a expressão “Sexta-feira” aparecesse no final da oração, ou seja, não fosse o tema da oração, então teríamos uma progressão temática distinta e o fluxo de informação não se daria da mesma maneira. Temos, então, um ponto de contato entre a



progressão temática e o fluxo de informação dentro da metafunção textual (FEITOSA, 2009).

A função de Informação Dada, na Estrutura de Informação, tem o intuito de comunicar algo ao interlocutor; o falante/escritor tende a apresentar, em primeiro lugar, algum elemento de conhecimento mútuo. Essa função geralmente (mas não necessariamente) aparece no início do enunciado e é expressa, usualmente, pelos seguintes elementos inerentemente dados: (a) os pronomes que se referem aos interlocutores; (b) elementos mencionados previamente no contexto linguístico, representados por nomes que sinalizam relação de, por elementos anafóricos e por elementos dêiticos. A Informação Dada é opcional, não necessariamente expressa na oração. Ela é apresentada pelo falante/escritor e recuperável pelo ouvinte/leitor no contexto, ou porque foi mencionada anteriormente, ou porque foi inserida no contexto de situação. Na oração, junto à Informação Dada aparece a Informação Nova. Fries (1995b) explica que Informação Nova é a ideia ainda desconhecida pelo ouvinte/leitor e, por sua vez, deve ser apresentada pelo falante/escritor como foco na mensagem. Ela é obrigatória, pois possui o maior valor na mensagem, estando, geralmente, localizada no fim da oração. A Informação Nova não é recuperável no contexto, justamente, por não ter sido mencionada anteriormente. Caso o falante/escritor já tenha expressado a mensagem previamente, ela será Nova se passar a adquirir um caráter inesperado (de ênfase contrastiva).

Em português, é comum a ordem não marcada, quando a Informação Dada antecede a Informação Nova, visto que é habitual se apresentar em primeiro lugar a informação de conhecimento compartilhado para, a seguir, ser apresentada a nova informação. Na maioria dos casos em ordem canônica, a Estrutura Temática coincide com a Estrutura de Informação, havendo as seguintes relações (OLIONI, 2010):

Tema/ Informação Dada + Rema/ Informação Nova
---

Mas o falante/escritor pode optar por iniciar a oração com a Informação Nova. Nos casos onde a Informação Nova coincidir com o Tema, esta será marcada pela ênfase e entonação da fala para indicar a apresentação dessa informação. Halliday (2004) explica que a variação Tema e Dado, na fala, é mais fácil de ocorrer que na

escrita, pois há esses recursos de marcação da Informação Nova como a entonação.

Olioni (2010) ressalta que Tema não é o mesmo que Dado, assim como Rema não é o mesmo que Novo. O Tema é aquilo que o falante/escritor escolhe como ponto de partida para a sua mensagem; Rema é todo o resto da oração que se origina a partir do primeiro elemento experiencial caracterizado como Tema pelo falante/escritor. Informação Dada é o que o falante/escritor já conhece e compartilha com o ouvinte/leitor; Informação Nova é o conhecimento a ser adquirido pelo ouvinte/leitor. Desse modo, Tema e Rema são orientados em relação ao falante/escritor, enquanto a Informação Dada e a Nova são orientados para o ouvinte/leitor, mas a decisão do que representa Dado e Novo é tomada pelo falante/escritor.

A estrutura de informação é a organização da mensagem em Dado e Novo, e o Fluxo da Informação é a progressão dessa estrutura, tendo-se um Novo retomado mais adiante como Dado. O Fluxo da Informação pode ajudar a compreender como se dão as cadeias coesivas de um texto e contribuir para apontar o modo de organização em si da mensagem. Nesse sentido, é fundamental o estudo dos tipos de Progressão Temática dos textos.

A seguir, apresentamos uma síntese sobre Estrutura Temática e Estrutura de Informação.

<b>Função</b>	<b>Descrição</b>
<b>Tema</b>	O que o falante/escritor escolhe como ponto de partida para a sua mensagem.
<b>Informação Dada</b>	O que o ouvinte/leitor já conhece; o conhecimento partilhado com o falante/escritor.
<b>Rema</b>	O resto da oração; tudo o que se origina depois do primeiro elemento experiencial caracterizado como Tema pelo falante/escritor.
<b>Informação Nova</b>	O conhecimento a ser adquirido pelo ouvinte/leitor e apresentado pelo falante/escritor.

Quadro 4 – Síntese: Estrutura Temática e Estrutura de Informação.  
Fonte: Olioni (2010)

Após a revisão dos elementos que constituem a metafunção textual, buscamos, a seguir, trazer uma explanação sobre a progressão temática, principalmente os postulados de Daneš (1974) e do método de desenvolvimento textual, de Fries (1997; 2002) e Thompson (2007).

### 3.2.3 Progressão Temática e Método de desenvolvimento textual

O estudo do Tema é relevante para além dos domínios da oração quando objetivamos entender a construção do texto como unidade de sentido, por meio do mapeamento das escolhas temáticas realizadas pelo falante/escritor ao longo das orações. A Progressão Temática (PT) é a sucessão de Temas oracionais ao longo do texto e, por meio dela, podemos verificar os movimentos que ocorrem nele, além de entender como se processa, em textos escritos, a organização da informação e a forma como o nível da informatividade do texto estabelece relação com as funções estruturais de Tema e Rema para a organização do fluxo discursivo (OLIONI, 2010).

Fries (1997; 2002) e Thompson (2007) fazem referência a Daneš (1974), que afirma que a escolha de Temas em um texto não é feita ao acaso, aleatoriamente, ou sem conexão com o texto. Daneš define que a escolha de Temas é padronizada e que é intuitivamente esperado que algum tipo de regularidade ou padrão governe a progressão do texto.

Assim, o autor define progressão temática (PT) como o recurso que se pretende entender a escolha e ordem dos termos das sentenças, sua concatenação mútua e hierárquica, bem como sua relação com os hipertemas, conceito elaborado mais adiante neste capítulo, das unidades do texto superior (parágrafos, capítulos, entre outros), para o texto como um todo e para a situação.

Daneš (1974) identifica três tipos de progressão temática que podem ser apontadas, de uma maneira simplificada, nos seguintes padrões: a PT linear simples, a PT constante ou contínua e a PT derivada.

**a) Progressão Temática Linear simples:** padrão linear de tematização de Temas – cada Rema é retomado no Tema do que é dito a seguir. Daneš (1974, p. 118) informa que esse padrão é o mais básico de Progressão Temática e pode ser representado como Rema > Tema. Veja-se o esquema e o exemplo a seguir.

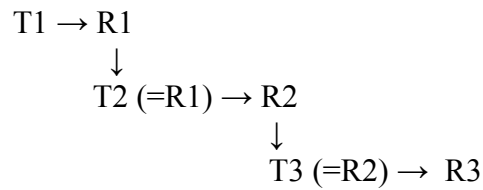


Figura 1 - Esquema de Progressão Temática Linear

O exemplo (6)<sup>12</sup> apresenta um esquema de PT linear. Observamos que o Novo (em negrito na 1ª oração) é retomado como Dado (em negrito na 2ª oração).

### Exemplo 6

	T1/ Dado	R1/ Novo
1ª oração	Eu	conheço <b>o alvo</b> .
2ª oração	<b>Ele</b>	está no Texas com a loira
	T2 (=R1)/ Dado	R2/ Novo

**b) Progressão Temática Constante ou Contínua:** padrão em que o mesmo Tema aparece em diversas orações, mas seguido cada momento de um Rema distinto. Pode ser simbolizado como Tema > Tema (DANEŠ, 1974, p. 118). O Tema pode ser retomado por pronomes, sinônimos, repetição ou por elipse, permanecendo inalterado (OLIONI, 2010).

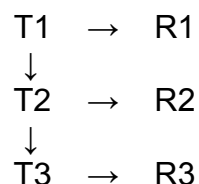


Figura 2 - Esquema de PT Constante ou Contínua

<sup>12</sup> Fonte do exemplo (6): *Fanfic* "Reencontro", de [Lady Strong, Ashley Morgan Black](http://fanfiction.com.br/historia/431870/Estrelas_De_Hollywood/capitulo/6), disponível em [http://fanfiction.com.br/historia/431870/Estrelas\\_De\\_Hollywood/capitulo/6](http://fanfiction.com.br/historia/431870/Estrelas_De_Hollywood/capitulo/6)

O exemplo (7)<sup>13</sup> apresenta um esquema de PT Constante ou Contínua.

### Exemplo 7

	Tema/ Dado	N-Rema
1ª oração	<b>Dona Audrey</b> ↓	estava na varanda de sua casa
2ª oração	<b>A avó da garotinha</b> ↓	contava histórias.
3ª oração	<b>Ela</b> ↓	suspirava
4ª oração	<b>e (ela)</b>	lembrava de sua juventude.
	Tema/ Dado	N-Rema

No exemplo 7, observamos que o Tema da 1ª oração é repetido por uma sinonímia na 2ª oração, por pronome na 3ª oração e por elipse na 4ª oração, constituindo o Dado dessas orações, enquanto que, para cada Tema, há um N-Rema distinto.

**c) Progressão Temática Derivada:** padrão formado pela derivação particular dos Temas a partir de um Hipertema (DANEŠ, 1974, p. 119). Hipertema é o termo usado por Daneš (1974) para se referir ao tema do parágrafo ou da seção do texto. Uma oração pode ser Tema de um parágrafo, ou um parágrafo pode ser Tema para um capítulo (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004). A partir desse conceito elaborado por Daneš.

<sup>13</sup>Fonte do exemplo (7): *Fanfic "Memories"*, disponível em [www.scialspirit.com.br/fanfics/historia/fanfiction-originais-memories-2100](http://www.scialspirit.com.br/fanfics/historia/fanfiction-originais-memories-2100)

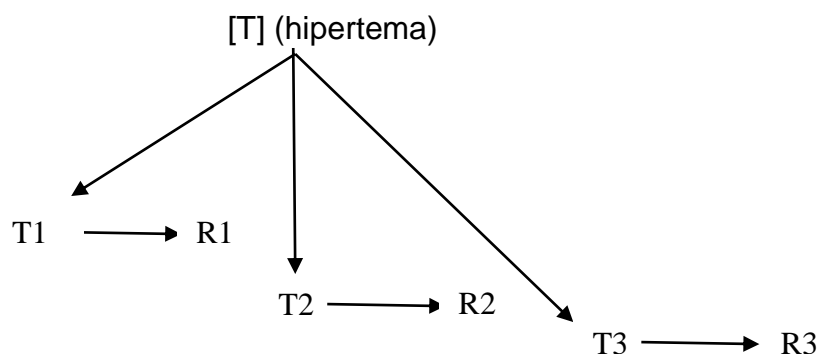


Figura 3 - Esquema de PT derivada

O exemplo (8)<sup>14</sup> apresenta uma sequência de PT derivada.

### Exemplo 8

	[T] hipertema/ Dado	N-Rema
1ª oração	<b>Rodolfo</b>	leva a casa nas costas.
2ª oração	A barriga	vai no chão.
3ª oração	A cabeça	vai no ar.
	Tema/ Dado	N-Rema

No exemplo 8, o Tema inicial é Rodolfo. Esse Tema é o hipertema que origina os outros Temas derivados que vão se desdobrando (a barriga de Rodolfo, a cabeça de Rodolfo) sem perder de vista o hipertema. Esse processo não gera estranhamento no leitor, pois ele lança mão de conhecimentos extralinguísticos para construir essa relação. Dessa forma, considerar esses conhecimentos como fator determinante para elaborar o sentido ao usar esse padrão de progressão temática (MARTIN; ROSE, 2003).

Tendo por base a noção de estrutura temática determinada contextualmente, Daneš (1974) trabalha na tradição da Escola de Praga que concebe progressão

<sup>14</sup>Fonte: JUNQUEIRA, Sônia. **O caracol viajante**. 2. ed. Ilustração Michele. São Paulo: Ática, 1985, 24 p. (Coleção Estrelinha II). Não foi encontrado um exemplo adequado para este tipo de PT no *corpus* desta pesquisa.

temática não pela ordem das palavras, mas pela conexão textual. O pesquisador considera que todas as orações num discurso são conectadas linguisticamente ao discurso precedente por meio dos três tipos de PTs supracitados (FUZER; BARBARA, 2014). Assim, para o Tema de Daneš (1974), o conceito de PT não se refere à ordem das palavras, mas à conexão textual.

Fries (1995) e Thompson (2007) notam que existe uma sobreposição da Progressão Temática com o Fluxo de Informação, chamando o agrupamento desses elementos de Método de Desenvolvimento (*Method of Development*). No exemplo 8 (“Rodolfo leva a casa nas costas. A barriga no chão. A cabeça vai no ar”), os Temas e N-Remas derivam do mesmo hipertema nesse contexto, o que aponta que a informação flui conforme o modo como o texto foi organizado. Assim, percebemos que há uma sobreposição dos conceitos - a Progressão Temática tem enfoque nos Temas e o fluxo de informação tem enfoque na retomada da informação de cada Novo em sucessivos Dados. O local onde cada elemento (Dado e Novo) é retomado, caracterizando o fluxo de informação, é mapeado pelo Padrão de Progressão Temática, a partir do qual se caracteriza, com esse conceito duplo sobreposto, o Método de Desenvolvimento Textual (FEITOSA, 2009, p. 46).

Conforme Fries (1997), os padrões de Progressão Temática podem variar de acordo com o texto e pode haver um hibridismo entre eles, ou padrões distintos em fragmentos diferentes de um mesmo texto, dependendo do que pretende comunicar. O autor (1997, p. 319) explica que o fato de o texto se encontrar em forma escrita o limita, restringindo o modo como a Progressão Temática ocorre.

Fatores podem influenciar os padrões de Progressão Temática utilizados num texto. Thompson (2007) afirma que o fato de o discurso ser planejado ou não limita os padrões de PT. Em um discurso não planejado, as escolhas Temáticas são feitas com base em cada momento; elas tendem a refletir os significados que emergem como proeminentes ao longo do texto, simplesmente porque aparecerão no Tema ocasionalmente, mas não necessariamente de maneira padronizada – isso se aplica, principalmente a conversas, em que não é apenas um indivíduo quem realiza as escolhas Temáticas, mas pode se aplicar também a textos escritos, como as *fanfictions*, que não construídas em um espaço que não privilegia o planejamento e a correção de textos, como em uma sala de aula, por exemplo. Entendemos, então, que um hibridismo é esperado, o que será discutido no capítulo de Análise e

Discussão de Dados.

Fries (1995b) define que diferentes padrões de Progressão Temática se correlacionam com diferentes gêneros textuais. A noção de PT diz respeito aos modos como os textos desenvolvem as ideias; mais precisamente, a PT se refere à origem dos Temas, modo como eles se relacionam a outros Temas e Remas e ao modo de organização do texto. Assim, por exemplo, um obituário pode usar Temas que se referem à pessoa que morreu, aos serviços, ao funeral, entre outros. Esses itens não são correlacionais, mas podem ser vistos como se relacionando à situação como um todo.

O autor (1995b) ainda esclarece que o conteúdo experiencial dos Temas se correlaciona com o que é percebido ser o método de desenvolvimento de um texto. Em outras palavras, há uma relação entre o conteúdo experiencial dos Temas e as interpretações realizadas pelo ouvinte/ leitor deste mesmo texto (dois textos podem expressar a mesma mensagem, mas eles desenvolverão ideias de modos diferentes, interferindo nas reações de seus ouvintes/leitores).

Fries (1995b) nota que o conteúdo experiencial dos Temas possui relação com os diferentes gêneros textuais. Este conteúdo é sensível aos gêneros, conforme Fries (1995b, p. 325), ou seja, tais significados não são distribuídos ao acaso em posições distintas nas orações. O exemplo destacado por Fries (1995b, p. 330) mostra os panfletos turísticos, cujas referências à localização espacial são comuns e, embora elas possam aparecer na posição de Rema, devem ter predominância no Tema, pois desempenham um papel de orientação para o leitor reconhecer a mensagem. O conteúdo experiencial dos Temas de um texto possui relação, também, com diferentes elementos genéricos da estrutura do texto. Como um texto se move do elemento Tema para o Rema, os significados expressos em cada um deles também mudam, bem como a linguagem usada em cada um desses elementos.

A progressão de Temas em um texto relaciona-se ao método de desenvolvimento e cabe ao falante/escritor sinalizar ao ouvinte/leitor, a partir de suas escolhas temáticas, o caminho a ser percorrido por este no decorrer do texto. O método de desenvolvimento de um texto é identificado, conforme Fries (1995b), pelo conteúdo experiencial dos Temas oracionais, ou seja, textos com um conteúdo experiencial referente a um único campo semântico possuem um método de desenvolvimento simples; textos com conteúdos experienciais variados possuem um



método de desenvolvimento complexo.

Sintetizando os conceitos trabalhados neste capítulo, reafirmamos que o modo como a mensagem se organiza pode ser analisado, à luz da LSF, segundo dois aspectos diferentes, quais sejam: i) a **Estrutura Temática** (observando-se o ponto de partida da mensagem (Tema)); e ii) a **Estrutura da Informação** (tendo-se o elemento Dado, já conhecido pelo leitor/ouvinte, contextualizando-o, e o elemento Novo, no qual se anuncia a informação à qual o falante deseja trazer o foco). A informação flui ao longo do texto, do Tema ao Rema, ao Tema seguinte e ao Rema seguinte, constituindo-se a **Progressão Temática**. O modo como a informação flui (de um Dado a um Novo, retomado em um Dado e assim sucessivamente) ao longo da Progressão Temática constitui o **Fluxo da Informação** (FRIES, 1997; 2002). Thompson (2007) chama de **Método de Desenvolvimento** o modo como a informação flui ao longo da Progressão Temática. Assim, tem-se o Fluxo da Informação realizado por meio de diferentes padrões de Progressão Temática, padrões esses descritos por Daneš (1974).

## 4 METODOLOGIA

Quando atentamos para estudos da linguagem, estamos diante de toda a gama de problemas teóricos e práticos que ela envolve, desde a concepção do termo e seus modos de abordagem até os fatos atinentes a sua natureza, diversidade, material de que se compõe, modalidades de uso e funções que exerce na vida social, além de levar em conta o funcionamento das instituições sociais envolvidas e os demais segmentos públicos e privados. Estamos, por isso, no campo da ciência factual, aplicada, que trata de objetos empíricos ou materiais, em constante efervescência. Não lidamos com entidades ideais, como o faz a ciência formal, que se utiliza de símbolos abstratos para a construção puramente teórica, com vistas à precisão conceitual. Em nosso caso, os achados científicos fundamentam-se na observação do real e precisam ser constantemente verificados e reformulados, porque as questões sociais assim o exigem (AGUIAR, 2007).

As pesquisas podem ser orientadas segundo dois tipos principais: pesquisa quantitativa e qualitativa. A pesquisa quantitativa segue um paradigma positivista, concebe os objetos de estudos sociais como os objetos físicos, objetivando a elaboração de padrões. A presente pesquisa ancora-se em dados quantitativos no intuito de responder a primeira hipótese deste estudo: as *fanfictions* fazem parte do grupo “histórias ficcionais” com base no esquema de Rose e Martin (2012). Para tanto, é preciso encontrarmos padrões na estrutura dos textos, o que explica a necessidade de uma pesquisa do tipo quantitativa.

Já a pesquisa qualitativa segue o paradigma fenomenológico, no qual se pressupõe que o objetivo nas ciências sociais deva fundamentar-se na compreensão mais do que na busca de padrões. Esta pesquisa apoia-se em dados qualitativos no sentido de entender a nossa segunda hipótese: nas *fanfictions*, quanto à análise linguística, os Remas contêm as informações mais relevantes do texto, e os Temas referem-se às informações Dadas e os mais frequentes são os Temas ideacionais não marcados, como se espera em discursos simples. Na pesquisa quantitativa, a realidade é tida como independente do pesquisador, trabalha-se com o método dedutivo – da teoria para os dados. Na pesquisa qualitativa, trilha-se o caminho inverso, partindo dos dados – método indutivo (AGUIAR, 2007).

No presente capítulo, apresentamos a metodologia que adotamos nesta pesquisa. O capítulo detalha o percurso pelo qual nosso trabalho passa, descrevendo as etapas deste estudo, e está dividido em três principais seções, a saber: 4.1. Universo de análise, 4.2. Seleção do *corpus* e 4.3. Procedimentos de análise dos dados.

#### 4.1 Universo de análise

A temática do nosso estudo está em conformidade com o que se propõe o projeto ao qual está vinculado: Núcleo de Estudos em Língua Portuguesa - NELP (CABRAL, 2010), coordenado pela orientadora desta pesquisa, Profa. Dr. Sara Regina Scotta Cabral. O Núcleo de Estudos em Língua Portuguesa (GAP 026308) é constituído de pesquisadores com um objetivo comum: realizar estudos que analisem e descrevam a Língua Portuguesa em contextos distintos. É o caso deste trabalho, que se preocupa em analisar o fluxo de informação e o modo de organização textual de textos ficcionais hipermidiáticos em *sites* brasileiros. Esse projeto é vinculado à linha de pesquisa "Linguagem no Contexto Social", bem como ao grupo de pesquisa "Linguagem como Prática Social" no CNPq. Um dos objetivos é depreender representações sociais em textos da língua portuguesa que instanciam gêneros da mídia, de modo a conduzir um processo de reflexão e operação da linguagem em uso em nossa cultura.

Este trabalho passa por dois processos de análise: o primeiro processo preocupa-se em analisar a estrutura composicional das *fanfictions* com base na esquematização de gêneros proposta por Martin e Rose (2008), o segundo processo preocupa-se em analisar o fluxo de informação de *fanfictions*, com base nos estudos de Fries (1995a, 1995b, 1994, 1997), Thompson (2004, 2007) e Halliday e Mathiessen (2004, 2014). Sobre cada processo de análise, explicaremos na seção dos Procedimentos de análise.

O *corpus* deste estudo foi coletado nos dois principais *websites* de publicação de *fanfictions* do Brasil, a saber: *Nyah! Fanfiction*, cujo domínio é *fanfiction.com.br*, e *Spirit*, cujo domínio na internet é *socialspirit.com.br*. Conforme *Nyah Fanfiction*, o *website* é uma rede social de histórias baseadas em livros, filmes, músicas, mangás,

games, séries de TV, entre outros gêneros e também são produções originais. As histórias postadas no *site* citado são criações originais ou ficções criadas por fãs. O *site* foi criado com o intuito de divulgar as séries originais, reunir seus fãs e proporcionar momentos de lazer através da leitura, assim como incentivar as pessoas a trabalharem seu lado criativo escrevendo suas próprias histórias. Infelizmente, as informações mais detalhadas do *Nyah Fanfiction*, como dados de postagem, não foram divulgadas pelos moderadores do *site*.

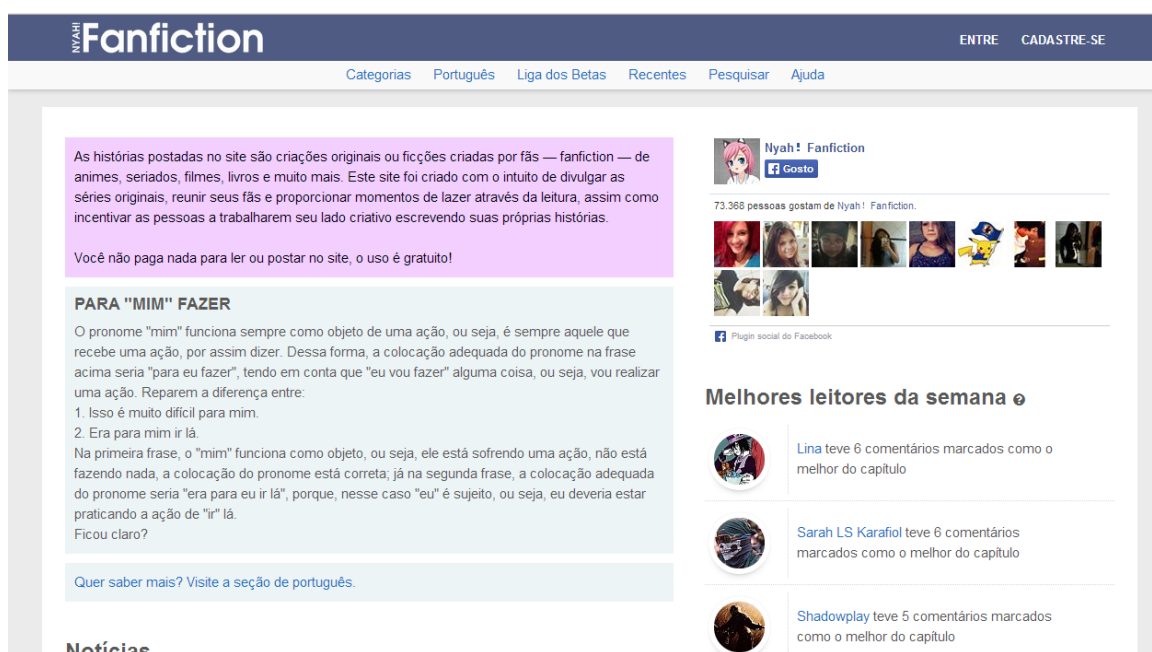


Figure 3 - Página principal do website Nyah! Fanfiction  
Fonte: <http://fanfiction.com.br/>

O *website Spirit* nasceu em 2001 e, desde então, o portal tem sido uma das referências no assunto e cresce a cada ano. O *Spirit* é uma rede social voltada para o público amante de animação japonesa, de mangás, livros, ídolos, revistas em quadrinhos, bandas de música e artistas, além de outros elementos relacionados à cultura mundial em geral. O portal é focado na composição de um ambiente social e dispõe de diversas ferramentas para que seus mais de 285 mil usuários interajam e troquem informações sobre seus assuntos de interesse, além de permitir que eles sejam capazes de divulgar seus próprios trabalhos e de criar laços de amizade entre si. O *site* é constantemente atualizado com novas funcionalidades e é adaptado a novos padrões de programação e de tecnologia, que visam a aperfeiçoar a sua estrutura.

Para compor esse cenário social e organizá-lo, o portal é subdividido em canais, que nada mais são do que zonas de interesses. Neles, os usuários podem postar seus trabalhos e comentar as produções dos outros, além de ampliarem seus conhecimentos sobre determinado assunto (há aulas de português por meio de dicas da língua postadas diariamente). Para manter a ordem nesse espaço de produção e de conhecimento, os administradores dos canais fiscalizam o conteúdo adicionado antes de ele ir ao ar. Para a compreensão mais exata da popularidade desse *website*, na data de 27 de janeiro de 2014, o *Spirit* contava com uma média diária de 500 novas histórias, 3.000 novos capítulos e 580 novos cadastros de usuários, totalizando mais de 110.000 histórias, 680.000 capítulos, 35.000 imagens, 19.000 letras de músicas e 285.000 usuários cadastrados. A seguir, para referências, seguem algumas estatísticas providas pelo *Google Analytics*<sup>15</sup>, do período entre 27/12/2013 e 26/01/2014:

Visitas: 6.735.810
Visitantes únicos: 939.711
Visualizações de página 59.007.927
Tempo médio no <i>site</i> : 00:24:49

Quadro 5- Dados do website Spirit

Entre os visitantes, o número de acessos mais expressivos vem de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais. Figura 4 - **Página principal do website Spirit** apresenta a imagem da página principal do *website Spirit*.

---

<sup>15</sup> *Google Analytics*: <https://www.google.com/analytics/>

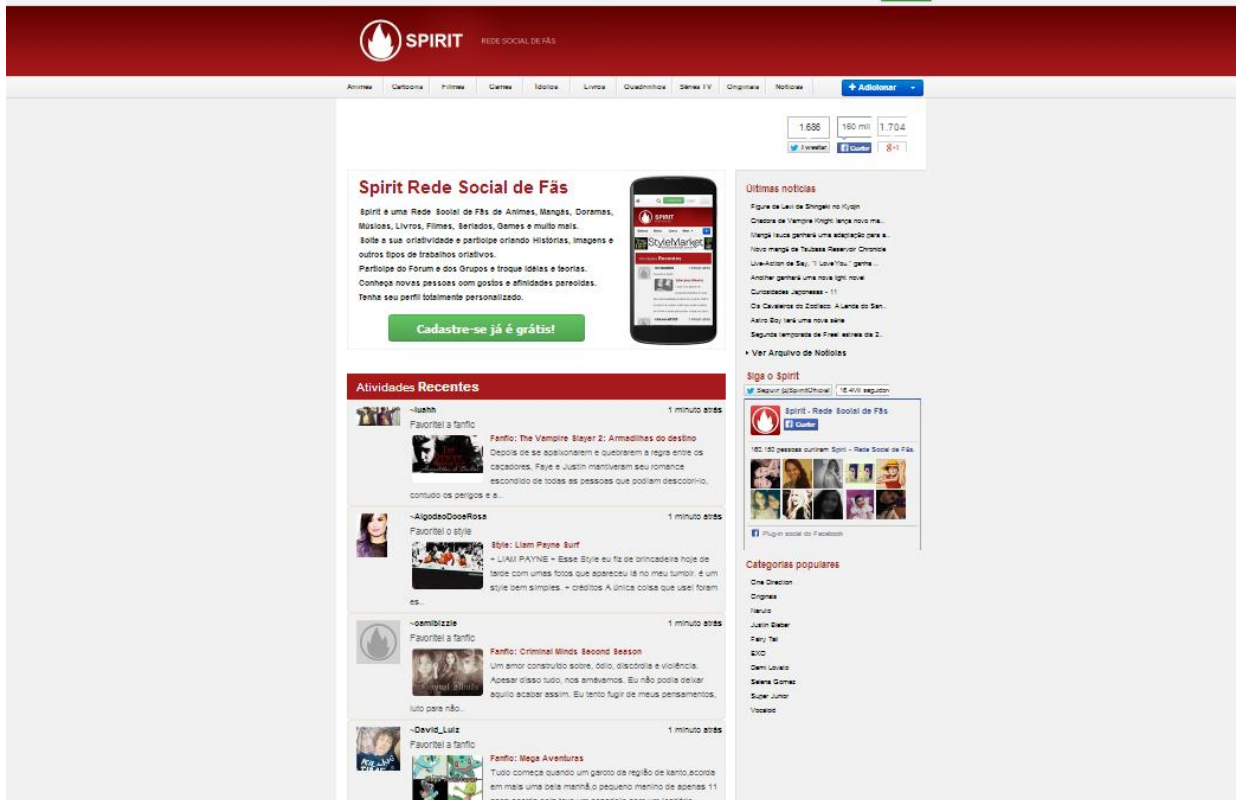


Figura 4 - Página principal do website Spirit  
 Fonte: <http://socialspirit.com.br/>

Dessa forma, a partir do contexto de ambos os *websites* supracitados, concentramo-nos em analisar os textos ficcionais postados neles. Com base nisso, ao selecionar o *corpus*, atentamos para os seguintes critérios:

- a) os textos deveriam ser publicados em Língua Portuguesa, já que o projeto NLP prevê a análise e descrição de fenômenos da língua portuguesa;
- b) Os textos deveriam estar publicados nos dois maiores *websites* da categoria do Brasil;
- c) Os textos deveriam ser publicados a partir do ano de 2010 (primeiro contato da pesquisadora com o gênero) até 2014 (término da presente pesquisa);
- d) Os textos deveriam ser os mais favoritos no mês (o mês está relacionado com o período escolhido pela pesquisadora para a coleta dos textos).

Após a delimitação do universo de análise, passamos, a seguir, à seleção do *corpus*.

## 4.2 Seleção do corpus

Os textos que compõem o *corpus* de análise desse estudo são definidos como *fanfiction*, e são todos publicados em língua portuguesa. Para a constituição do *corpus*, foram definidos os dois *sites* mais populares de *fanfiction* no Brasil, o *Spirit* e o *Nyah Fanfiction*. O número de exemplares para a análise variou conforme o processo de análise.

Para a análise da organização composicional, foram coletados 50 exemplares: vinte e cinco exemplares foram coletados no *website Spirit*, e os outros 25 textos, no *website Nyah Fanfiction* (Anexo 3). Esses exemplares foram coletados no período de publicação do ano de 2010 a 2014. Para este processo de análise, foi necessária a coleta de um *corpus* mais amplo, a fim de se encontrar em padrões recorrentes na estrutura dos textos e com relação aos propósitos comunicativos.

Para a análise Temática, a busca foi reduzida para quatro *fanfictions*, visto a dificuldade de fazer uma análise linguística detalhada em cada texto. Esses dados estão no Quadro 6 – Relação dos exemplars selecionados para análise textual.

Assim, o *corpus* divide-se em dois *subcorpus*: 50 *fanfictions* para a análise da organização composicional e 4 *fanfictions* para a análise Temática. Para facilitar a organização da análise, os textos foram arranjados por meio de códigos. Para fins de sistematização, a fim de identificá-las e para referi-las ao longo deste estudo, o código de cada texto inicia pela letra “F” (representativa de “*fanfiction*”) e é seguido do símbolo sustentado (#), que, por sua vez, é seguido do número da *fanfiction*. Numeramos as *fanfictions* para análise do fluxo de informação em ordem crescente (de 1 a 4), tendo como critério a data de publicação de cada texto, conforme pode ser observado no quadro a seguir.

<b>Código</b>	<b>Nome da <i>fanfiction</i></b>	<b>Período de coleta</b>	<b>Website/ link</b>	<b>Número de palavras</b>
[F#1]	Masquerade	Maio/ 2011	<i>Spirit</i> ( <a href="http://animespirit.com.br/fanfics/historia/fanfiction-filmes-o-fantasma-da-opera-masquerade-272069">http://animespirit.com.br/fanfics/historia/fanfiction-filmes-o-fantasma-da-opera-masquerade-272069</a> )	468
[F#2]	Romeu e Julieta no jardim do Éden	Novembro / 2011	<i>Spirit</i> ( <a href="http://animespirit.com.br/fanfics/historia/fanfiction-livros-romeu-e-julieta-romeu-e-julieta-no-jardim-de-eden-322449">http://animespirit.com.br/fanfics/historia/fanfiction-livros-romeu-e-julieta-romeu-e-julieta-no-jardim-de-eden-322449</a> )	223
[F#3]	Último suspiro	Março/ 2014	<i>Spirit</i> <a href="http://socialspirit.com.br/fanfics/historia/fanfiction-noragami-ultimo-suspiro-2916244/capitulo1">http://socialspirit.com.br/fanfics/historia/fanfiction-noragami-ultimo-suspiro-2916244/capitulo1</a>	215
[F#4]	Após a morte	Dezembro/ 2014	Nyah! Fanfiction <a href="http://fanfiction.com.br/imprimir/historia/489449/capitulo/1">fanfiction.com.br/imprimir/historia/489449/capitulo/1</a>	709
<b>Total : 1615</b>				

Quadro 6 – Relação dos exemplares selecionados para análise textual.

Após a explanação da seleção do *corpus* da pesquisa, é fundamental delinear o caminho percorrido para a sua análise. Para tanto, elucidamos os procedimentos de análise na seção a seguir.

### 4.3 Procedimentos de análise

A análise do *corpus* divide-se em duas etapas: a etapa de análise da organização composicional nos 50 exemplares, a análise contextual e a etapa de análise linguística em 4 exemplares. A primeira etapa refere-se à identificação das etapas e propósitos sociocomunicativos dos textos. A segunda etapa refere-se à descrição dos aspectos contextuais que circulam os textos em estudo; já a terceira etapa diz respeito ao caminho metodológico empregado para a análise temática, conforme descrito nas subseções a seguir.



#### 4.3.1 Análise da organização composicional

Os procedimentos de análise dos dados para esta etapa foram interpretativos e detalhados de modo a analisar elementos linguísticos concernentes às etapas e propósitos sociocomunicativos do gênero *fanfiction*.

Antes de tudo, analisamos as variáveis de registro – Campo, Relações e Modo, no intuito de delimitar o contexto de situação dos exemplars de *fanfictions*. Após isso, todos os textos foram lidos individualmente, todas as orações foram identificadas, as funções retóricas (etapas e fases) interpretadas e demarcadas manualmente. Em seguida, desenvolvemos uma análise cruzada por meio da qual foi possível comparar cada exemplar e identificar as fronteiras entre as etapas e o respectivo conteúdo retórico.

Logo, buscamos identificar expoentes linguísticos, como os exemplos de processos mais frequentes e de expressões avaliativas, que levaram a verificar os vários estágios dos textos, como sinalizadores da informação em cada um deles. A partir disso, elaboramos a atual descrição esquemática do gênero *fanfiction*, apresentada por meio de um exemplo de análise na seção de Análise e Discussão do Resultados. Ressaltamos, porém, que esta etapa de análise não é o objetivo nuclear deste estudo. Preocupamo-nos em mapear os estágios das *fanfictions* num intuito modesto de compreender melhor sua organização composicional para tratarmos com mais autonomia deste gênero.

Com o intuito de sistematizar a análise da organização composicional, apresentemos, no Quadro 8, as etapas acima descritas.

<b>Etapas da análise de organização composicional</b>	
1	Análise das variáveis de registro – Campo, Relações e Modo
2	Interpretação e demarcação dos estágios.
3	Comparação dos estágios de cada exemplar.
4	Identificação dos expoentes linguísticos sinalizadores de cada estágio.
5	Descrição esquemática do gênero <i>fanfiction</i>

Quadro 7 - Etapas que constituem a análise da organização composicional

#### 4.3.2 Análise da organização linguística

A análise linguística corresponde à trajetória percorrida na análise dos elementos linguísticos. Para efeitos de análise, com o intuito de se averiguar a pertinência da identificação do Tema e do tipo de Progressão Temática como elementos fundamentais da organização discursiva (FRIES, 1981, 1995a, 1995b, 1997) em cada estágio do texto (MARTIN; ROSE, 2008), procedemos da seguinte forma: segmentação no nível da oração, identificando suas orações constituintes e, em cada oração, as funções de Tema e Rema, Informação Dada e Informação Nova, construtos teóricos pertencentes à metafunção textual.

Quanto à Estrutura Temática, os seguintes passos foram adotados:

(a) cada oração independente foi analisada conforme o conceito funcional de Tema proposto por Halliday (1994) e Halliday e Mathiessen (2004, 2014);

(b) no caso de complexos oracionais, nas relações de parataxe, a análise temática de cada oração foi realizada isoladamente<sup>16</sup>;

(c) no caso de relações de hipotaxe em que a oração dominante preceder a oração dependente, estas não serão subdivididas por sua natureza estrutural..

Mapeados os Temas oracionais, foi identificada a forma como estes se apresentam no conjunto, segundo uma das três categorias propostas por Daneš (1974) para a Progressão Temática (PT contínua, PT linear ou PT derivada). Para proceder à análise das PTs nos textos, seguimos os seguintes critérios:

(1) estabelecimento de ligações entre o Tema Ideacional de uma oração e o Tema da(s) oração(ões) que a antecede(m); caso isso ocorra, a PT será classificada como PT Constante, pois o Tema da oração 1 e o Tema da oração 2 são o mesmo.

oração 1 (T1 → R1) + oração 2 (T1 → R2)
---

<sup>16</sup> Marcada nos quadros analíticos, no Anexo 2 - Quadros analíticos das *fanfictions* para análise de Tema e N-Rema, por meio de estrela (\*).

(2) Se a ligação entre o Tema Ideacional de uma oração ocorrer com o Rema da oração prévia, a PT será categorizada como Linear; o Tema da oração 2 será oriundo do Rema da oração 1:

oração 1 (T1 → R1) + oração 2 (T2 [R1] → R2)
--

(3) Se o Tema da oração não obedecer a nenhuma dessas tipologias, ele pode explicitamente se referir a um item do Hipertema do parágrafo, recebendo, então, a denominação de PT Derivada.

Identificados os Temas e os Remas oracionais, feito o mapeamento de todos os Temas de cada oração do texto e realizada a caracterização do tipo de Progressão Temática, o próximo passo foi a identificação do Método de Desenvolvimento do Texto (MDT). Nesta etapa, verificou-se o conteúdo experiencial dos Temas oracionais, ou seja, se o conjunto de Temas do texto remetia a um mesmo campo semântico – o que implica um único método de desenvolvimento para o texto –, ou se os conteúdos experienciais temáticos remetiam a mais de um campo semântico, o que significa a existência de um método de desenvolvimento complexo.

A etapa seguinte consiste na realização de um “esqueleto” do texto, a partir da seleção dos seus Temas, com seus respectivos conteúdos experienciais. Realizado isso, temos um esquema do texto, contendo o método de desenvolvimento e as informações mais significativas para o interesse do leitor, o que pode contribuir para a construção de um novo texto. Por fim, o último passo consiste nas considerações sobre semelhanças e diferenças encontradas na análise dos textos que compõem o *corpus*, de modo a se verificarem parâmetros que pudessem servir de base a outros estudos, fomentando as discussões sistêmicas sobre o assunto.

Com o intuito de sistematizar a análise linguística, apresentemos, no Quadro 8, as etapas acima descritas.

<b>Etapas da análise linguística</b>	
1	Identificação dos Temas e Remas oracionais.
2	Verificação dos padrões de progressão temática.
3	Constatação do método de desenvolvimento dos textos
4	Esqueleto dos textos quanto aos padrões de progressão temática em cada exemplar

Quadro 8 - Etapas que constituem a análise linguística

## 5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Serão discutidos, neste Capítulo, os resultados encontrados no *corpus* desta pesquisa sob as três óticas mencionadas nos capítulos de Revisão de Literatura e de Metodologia Proposta, quais sejam: a) estudos de aspectos descritivos de organização composicional do texto (MARTIN, ROSE, 2008); b) estudos sobre análise de contexto (HALLIDAY, HASAN, 1989); c) estudos sobre Fluxo da Informação (FRIES, 1995a, 1995b, 1994, 1997; THOMPSON, 2007). Os resultados serão sumarizadas nas Considerações Finais.

### 5.1 Análise da organização composicional da fanfictions

Até a constituição deste estudo, não encontramos nenhum trabalho referente ao estudo da organização dos estágios de *fanfiction*. Assim, coube a nós elaborarmos uma descrição esquemática inicial dos estágios e fases deste gênero, com base na análise de 50 exemplares. Encontramos três estágios principais recorrentes na maioria dos exemplares, descritos no Anexo 1 - Relação dos estágios presentes em cada *fanfiction*, e detalhados na sequência desta seção.

A fim de compreendermos melhor as 50 *fanfictions* em análise nesta etapa, faz-se importante reconhecermos o contexto onde os 50 exemplares foram produzidos pela análise das variáveis do registro Campo, Relações e Modo.

O Campo diz respeito aos textos de ficção, em cujos conteúdos predominam temas relacionados a adolescência, relacionamentos amorosos, conflitos familiares e escolares e homossexualidade. Elas são baseadas em obras cânones, como Romeu e Julieta, O Fantasma da Ópera, a chamada alta literatura, mas também em literatura comercial, tipo de narrativa malfadada que ainda tanto se critica entre os bancos escolares e universitários, mas que inspira milhares de jovens em sua leitura e escrita. A exemplo desses livros estão a saga Crepúsculo, Harry Potter, a coleção Diário de um Banana, entre outros.

Sobre as Relações, os participantes dessa interação são jovens autores, na sua maioria com faixa-etária entre 12 a 28 anos<sup>17</sup>, e leitores que mantêm contato por

---

<sup>17</sup> Foi possível levantar a faixa-etária dos escritores por meio de uma busca em seus perfis.

meio dos recursos disponíveis nos *sites* de “comentários” e compartilhamento de histórias. Apesar de não estarem em uma interação cara-a-cara, autores e leitores possuem uma relação de estreitamento uma vez que o *site* de *fanfictions* funciona como uma rede social de histórias e, por isso, os participantes dessa rede se conhecem entre si por meio de suas publicações.

Já o Modo apresenta-se em textos escritos em língua portuguesa, cuja extensão varia de 200 a 2000 palavras e são publicados em *sites* de *fanfictions* brasileiros na categoria *fanfic*. O papel exercido pela linguagem é constitutivo, pois a interação de ‘comunicar’ uma história é materializada por intermédio da linguagem escrita. A participação do leitor no processo de criação pode ser considerada semiativa, pois, mesmo que o meio gráfico não favoreça o diálogo direto entre os participantes (o leitor tem contato com o texto como produto), o leitor pode propor modificações no texto de acordo com suas dicas e comentários, utilizando a escrita colaborativa. A mensagem dos textos é transmitida aos possíveis destinatários por intermédio do meio escrito e do canal gráfico. Mesmo que esse canal sugira uma distância maior entre os participantes do que o fônico, o *site* permite a comunicação rápida entre produtor e leitor por meio do recurso “comentários”.

A fim de exemplificarmos como procedemos à análise das *fanfictions* que constituem o *corpus* da etapa de análise composicional, esta seção apresenta a análise detalhada da organização composicional de um dos exemplares em foco. O texto a seguir chama-se “Romeu e Julieta no jardim do Éden”<sup>18</sup> (F#2), uma recontextualização do clássico Romeu e Julieta, de William Shakespeare, misturando os fatos bíblicos sobre o Jardim do Éden. O texto foi publicado no domínio *spiritsocial.com.br*, na data de 25 de novembro de 2011, por Emdji<sup>19</sup>.

---

<sup>18</sup> Vale lembrar que esses textos não são produzidos em um ambiente de sala de aula, com a orientação de um profissional. Por esse motivo, explicam-se alguns equívocos de ordem linguística.

<sup>19</sup> Para a publicação dos textos, os autores usam codinomes. Não é possível o acesso aos nomes nos autores.

## Divisão do texto em estágios

<p><b>Estágio de Orientação</b></p> <p>Flor, desperta-te. O dia já amanhece tão lindo como tuas carícias e palavras de amor.</p> <p>Ajuda-a, puxando para si depois que ela desperta-se.</p> <p>- onde estamos, Romeu, meu tão belo e único amante?</p> <p>Observaram por um instante a paisagem tão natural, perfeita nos mínimos detalhes que nenhuma descrição seria possível para revelar-la.</p> <p>- no lugar onde os fiéis, humanos e nossos antepassados dizem ser o lugar onde nasceu a humanidade.</p> <p>- Ó, Romeu, estes ser então o jardim do Éden. O lugar tão falado chamado pelos fiéis como o paraíso?</p> <p>- Sim, minha bela Julieta. Creio eu não poder afirmar a nossa localização específica, mas as palavras que saem de seus lábios são finos, delicados e suculentos, parecem ser as mais claras.</p> <p>Mais um momento de silêncio.</p>
<p><b>Estágio de Avaliação</b></p> <p>- Creio eu – começou Romeu – que é porque somos o casal mais apaixonado que já existiu, minha princesa, tiramos nossas próprias vidas em sacrifício um do outro.</p> <p>Ficam em silêncio, olhos nos olhos. Romeu interrompe.</p> <p>- O que tanto pensas com tua mente gloriosa?</p> <p>- Nos últimos instantes de nossas vidas como mortais, e porque viemos para este lugar.</p> <p>- Romeu, Romeu, o que serias de mim sem ti, ó Romeu...</p> <p>- O que serias de minha vida sem vossa presença tão célebre, Julieta...</p> <p>O casal de amantes desfrutava de vossas paixões em paz, longe de um mundo que jamais compreenderá a força do verdadeiro amor.</p>

Quadro 9 - Divisão da *fanfiction* em estágios composicionais

## Divisão dos estágios da F#2 em fases e sua organização retórica.

Tabela 4 - Divisão da *fanfiction* em estágios e fases

<b>Estágio de Orientação</b>	<b>Processos mais frequentes</b>
<b>Fase 1:</b> apresentação dos personagens e suas características.	materiais, verbais e mentais
<b>Fase 2:</b> apresentação da localização espaço-temporal	
<b>Estágios de Avaliação</b>	
<b>Fase 1:</b> relato do evento 1, o suicídio	mentais, relacionais
<b>Fase 2:</b> desencadeamento de avaliações dos personagens em relação ao evento 1	
<b>Fase 3:</b> avaliação da situação atual dos personagens	

A Tabela 5 esquematiza o conteúdo de cada fase, em cada estágio da F#2, junto de seus elementos avaliativos e processos mais frequentes.

Tabela 5 - Divisão em estágios, fases e conteúdos da F#2

Orientação – O	Fases	Avaliação - A	Fases
O dia já <u>amanhece tão lindo</u> como tuas carícias e palavras de amor.	Apresenta a relação temporal (processo relacional atributivo)	Creio eu (...) que é porque somos o <u>casal mais apaixonado</u> que já existiu	Reação - apresenta reações emocionais (processo mental cognitivo)
Romeu, meu <u>tão belo</u> e único amante	Apresenta a personagem (elementos sintático avaliativo de apreciação – sublinhado)	tiramos nossas próprias vidas em sacrifício um do outro.	Reação – relata o evento (processo material)
Romeu, estes <u>ser</u> então o jardim do Éden. O lugar tão falado chamado pelos fiéis como o <u>paraíso</u>	apresenta relação espacial (processo relacional identificador - itálico)		

A F#2 inicia com o estágio de orientação, o qual possui duas fases que apresentam uma sequência de atividades, destacando as personagens (“Flor”, “Romeu”, “Julieta”) e suas características (“meu tão belo e único amante”, “minha bela”) e a localização espaço-temporal (“o dia já amanhece”, “a paisagem tão natural”, “jardim do Éden”) do texto. Na orientação, há elementos ideacionais e interpessoais que comprovam a natureza do estágio. Expressões de apreciação como “Flor”, “bela Julieta”, “Romeu, meu tão belo e único amante”, “lábios tão finos, delicados e suculentos” avaliam as personagens Julieta e Romeu e definem suas características bem como o tipo de relação entre eles. Esse tipo de avaliação permite ao leitor, já no primeiro estágio do texto, ser orientado sobre as características e definição das personagens. Outras avaliações são marcas importantes que definem o estágio de orientação, como “o dia já amanhece tão lindo como tuas carícias”, “paisagem tão natural e perfeita”, que sinalizam a descrição e caracterização dada pelo autor para o cenário da ficção, por meio da qual o leitor pode ir construindo o imaginário sobre o Jardim do Éden.

No estágio de orientação, predominam processos materiais, verbais e mentais. Os processos materiais “desperta-te”, “puxando” relacionados ao movimento entre Romeu e Julieta expressam valores do fazer e do acontecer e representam as atuais experiências destes participantes. Nesse caso, por meio destes processos,



percebemos que é Romeu quem ajuda Julieta no processo de despertar, voltar a consciência no paraíso. Os processos mentais “creio” tem como participante experienciador Romeu, o que indica que ele é a personagem que expressa valores do pensar e as representações das experiências de consciência. Já os processos verbais servem para trazer à interação das personagens fatores ditos por outros e que esclarecem onde as personagens estão. No trecho, “no lugar onde os fiéis, humanos, e antepassados **dizem** ser o lugar onde nasceu a humanidade” os personagens usam o “dito” de outros (fiéis, humanos e antepassados) para reconhecer o Jardim do Éden. O trecho “(...)o lugar tão falado **chamado** pelos fiéis como o paraíso” apresenta termos como “fiéis” e “paraíso” que denotam, por um conhecimento prévio da história judaico-cristã, que se trata do Jardim do Éden. Assim, tomando esses elementos, o autor ilustra os fatores necessários para projetar a história, garantindo a natureza do estágio de orientação, que é justamente, a de produzir o pano de fundo da narrativa. Dessa forma, os elementos expostos nesse estágio do texto orientam o leitor para questões como: quem são as personagens, onde e quando os eventos ocorreram. Todo o decorrer da leitura depende das informações descritas na orientação.

Há uma quebra no texto entre o estágio de orientação e o de avaliação sinalizado pela frase “Mais um momento de silêncio” e logo o segundo estágio, estágio de avaliação, traça a descrição do problema da história (“tiramos nossas próprias vidas em sacrifício um do outro”) e apresenta uma série de avaliações das personagens sobre o evento (suicídio). Há marcas linguísticas que sinalizam para a avaliação de Romeu e Julieta ao evento, como os processos mentais “creio” (“Creio eu somos o casal mais apaixonado”) e “pensas” (“o que tanto pensas com tua mente gloriosa?”). Neste estágio, por meio do processo mental “pensas” é ilustrado o clímax da narração que é, justamente, o fato refletido por Julieta (“Nos últimos instantes de nossas vidas como mortais e porque viemos parar neste lugar”); já, por meio do processo material (“tiramos”) é definido a ação da trama, que é o suicídio. O estágio de avaliação, em F#2, avalia, portanto, a situação atual das personagens, valida a relação e reconhece a intensidade, a grandeza do amor das personagens, sinalizando o fechamento da história.

Este exemplar (F#2) possui dois estágios (O + A) o que o caracteriza como um Episódio, detalhado mais adiante nesta seção. Quanto à análise dos demais

gêneros encontrados neste estudo (Narrativa e Relato), as tabelas a seguir representam um esquema de sua organização retórica. A Tabela 5 apresenta a organização retórica do gênero narrativa, junto de suas fases e os processos mais frequentes na construção de cada uma delas.

Tabela 6 - Organização retórica do gênero narrativa e os processos mais frequentes

<b>Estágio de Orientação</b>	<b>Processos mais frequentes</b>
<b>Fase 1:</b> contextualiza a ficção <b>Fase 2:</b> definição do cenário <b>Fase 3:</b> apresentação dos personagens e suas características <b>Fase 4:</b> apresentação da localização espaço-temporal	relacionais atributivos e identificadores, materiais e mentais
<b>Estágios de Complicação</b>	
<b>Fase 1:</b> problema	mentais, materiais e comportamentais
<b>Estágios de Avaliação</b>	
<b>Fase 1:</b> reação	mentais
<b>Estágios de Resolução</b>	
<b>Fase 1:</b> reelabora o cenário <b>Fase 2:</b> retoma o problema <b>Fase 3:</b> apresenta a solução	mentais, verbais, materiais, comportamentais

Para exemplificar a relação descrita na Tabela 6, apresentamos, na Tabela 7 um esquema exemplificativo dos estágios da *fanfiction* F#46<sup>20</sup>, pertencente ao gênero narrativa, com suas fases.

<sup>20</sup> Os dados desta *fanfiction* podem ser encontrados no Quadro 15 - Análise da F#4 Anexo 3 - Tabela das **50 *fanfictions* para análise da estrutura composicional**.

Tabela 7 - Exemplo dos estágios e fases do gênero narrativa

Orientação - O	Fases	Complicação - C	Fase	Avaliação - A	Fases	Resolução - R	Fases
Ela sempre <i>fora</i> a mais animada e ele <i>fora</i> um garoto solitário de poucas amizades, quieto.	Apresenta as personagens (processo relacional atributivo)	Foi quando ele se <i>deu conta</i> que a amava.	Problema (processo mental perceptivo)	Susuke <i>percebeu</i> que tinha alguém que pensava tanto nele	Reação - apresenta reações emocionais (processo mental perceptivo)	Ele <i>falou</i> : - “Eu gosto de você de um jeito namorável”	Solução (processo verbal)
Os dois <i>frequentavam</i> a mesma escola	delineia o cenário (processo material)			Ele <i>viu</i> que ela sempre estava lá.	Reação - apresenta reações emocionais (processo mental perceptivo)	Quando aquilo foi dito, ele apenas <i>encostou</i> seus lábios nos lábios da garota.	Reelaboração do cenário (processo material)
<i>Foi</i> no verão	apresenta relação temporal					<i>Selou</i> aquele momento único e a abraçou.	Mudança de atitude (processo material)

Na tabela 7, percebemos a presença dos cinco estágios principais na constituição do gênero narrativa (O + C + A + R) e, para cada um deles, os tipos de processos e expressões avaliativas que permitem, justamente, a construção do conteúdo retórico do estágio.

Para descrever o gênero Relato, a Tabela 7 apresenta a sua organização retórica, junto de suas fases e os processos mais frequentes na construção de cada uma delas.

Tabela 8 - Organização retórica do gênero relato

Estágio de Orientação	Processos mais frequentes
<b>Fase 1:</b> contextualiza a ficção <b>Fase 2:</b> delineia o cenário <b>Fase 3:</b> apresentação dos personagens e suas características <b>Fase 4:</b> apresentação da localização espaço-temporal	relacionais atributivos e identificadores, materiais ementais
<b>Estágios de Complicação</b>	
<b>Fase 1:</b> problema	mentais e materiais
<b>Estágios de Avaliação</b>	
<b>Fase 1:</b> Reação	mentais e comportamentais

Para exemplificar a relação descrita na Tabela 8, apresentamos, na Tabela 9, um esquema exemplificativo dos estágios da *fanfiction* F#8<sup>21</sup>, pertencente ao gênero relato, com suas fases.

Tabela 9 - Exemplo dos estágios e fases do gênero relato

Orientação - O	Fases	Complicação - C	Fase	Avaliação - A	Fases
Violet não era senão um nada	Apresenta as personagens (processo relacional atributivo)	Violet <i>tentou</i> se matar	Problema (processo material)	Depois disso, sua vida se <i>tornou</i> - um inferno	Reação - reelabora a personagem (processo material)
Ela <i>estava</i> morta	delineia o cenário (processo relacional identificador)			Naquela tarde, ambas <i>choraram</i>	Reação - apresenta reações emocionais (processo comportamental)
<i>Apagou</i> as luzes e <i>trancou</i> a porta do apartamento <u>sombrio</u> .	delineia o cenário (processo material – em itálico e elemento sintático avaliativo - sublinhado)				

Na Tabela 9, percebemos a presença dos três estágios principais na constituição do gênero relato (O + C + A) e, para cada um deles, os tipos de processos e expressões avaliativas que permitem, justamente, a construção do conteúdo retórico do estágio.

Dos 50 exemplares analisados<sup>22</sup>, em 41 deles não encontramos o estágio de resolução (R) para a complicação das tramas e em apenas 9 exemplares encontramos esse estágio. O Gráfico 1 mostra, numericamente, a relação do gêneros encontrados.

<sup>21</sup> Os dados desta *fanfiction* podem ser encontrados no Quadro 15 - Análise da F#4 Anexo 3 - Tabela das **50 fanfictions para análise da estrutura composicional**.

<sup>22</sup> É possível consultar a relação completa das 50 *fanfictions* analisadas e suas divisão em estágios no Anexo 1 - Relação dos estágios presentes em cada *fanfiction*

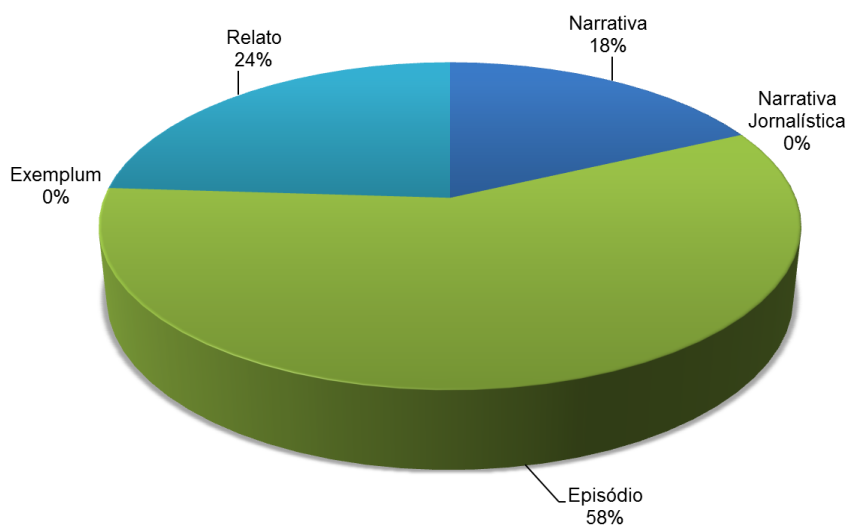


Gráfico 1 - Relação dos gêneros encontrados para as *fanfictions*

Como mostra o Gráfico 1, o gênero mais frequente foi o Episódio, cuja construção em estágios se deu por duas combinações: (O + C + A) e (O + A), conforme a categorização de gênero de Martin e Rose (2008) e Rose e Martin (2012). A combinação do Episódio e do gênero *Exemplum* pode confundir-se uma vez que são iguais, contudo o Episódio tem a função de partilhar emoções numa complicação não resolvida, como foi encontrado nos textos com essa combinação e o *Exemplum* tem o propósito de apreciar, julgar comportamentos. Consideramos a combinação Orientação e Avaliação (O + A) como Episódio, mesmo sem haver a Complicação (C), uma vez que as avaliações feitas nos textos com essa combinação têm a função de apresentar reações emocionais sobre os eventos das histórias.

O segundo gênero mais frequente foi o relato, cuja combinação se deu da seguinte maneira: Orientação e Rol de eventos (O + R.E.). Nesse gênero, essa combinação aponta para o padrão de gênero que tem o propósito de relatar uma série de eventos, sem partilhar reações emocionais ou definir uma complicação.

E o terceiro gênero encontrado foi a narrativa, cuja combinação é a seguinte: (O + C + A + R). Os exemplares deste gênero têm o propósito de resolver uma complicação e é esta característica que diferencia dos demais gêneros do conjunto das histórias ficcionais, como vimos na seção 2.2.

Feita a análise da organização composicional das *fanfictions*, numa tentativa modesta de se compreender sua composição, passamos para a análise principal

deste estudo, a análise do fluxo de informação. Para tanto, analisamos 4 exemplares de *fanfiction* sob duas etapas, a etapa de análise contextual e a etapa de análise linguística.

## 5.2 Análise do fluxo de informação da *fanfictions*

A preocupação em descrever a metafunção textual e o fluxo de informação de diferentes gêneros em língua português é recente. Estudos como de Ventura e Lima-Lopes (2002), Feitosa (2009), Olioni (2010) e Fuzer e Bárbara (2014) buscam descrever as funções do Tema e Rema oracionais e compreender melhor o fluxo de informações em diferentes gêneros (incluindo legendagem de filmes, notícias e resumos de áreas de atuação específicas).

Nesta seção, apresentamos como exemplares de *fanfiction*, escritos em língua portuguesa, estruturam suas orações em relação à sua Estrutura Temática e à sua Estrutura de Informação. Além disso, apresentamos as características comuns nestas produções com relação à Progressão Temática, constatando-se como esta, ao longo dos estágios composicionais do texto, tem influência sobre o fluxo de informação. Pretendemos, nessa seção, perceber de que forma se processa o modo de organização discursiva nessas narrativas ficcionais, a fim de que identifiquemos os mecanismos utilizados pelo locutor para induzir o leitor na apreensão do ponto de vista desejado sobre o assunto em cada estágio e no texto como um todo.

Como mencionado na seção de Metodologia, a análise passou pelos seguintes passos: a) identificação dos Temas e Remas oracionais; b) identificação dos padrões de progressão temática; c) verificação do método de desenvolvimento textual e d) esqueleto textual quanto aos padrões de progressão temática.

Como obtivemos uma recorrência maior do gênero Episódio (seção 5.1), nossa análise textual baseou-se apenas neste gênero, no intuito de mapearmos a estrutura temática e estrutura de informação neste gênero e entendermos o gênero Episódio como unidade de sentido.

A partir da realização dos procedimentos na análise dos quatro exemplares, alicerçada nas concepções teóricas discutidas, num trabalho de análise de cada

texto e de estabelecimento de relações e cruzamento de similaridades e caracterização de peculiaridades entre os quatro Episódios analisados, chegamos às considerações. As análises tabeladas dos quatro exemplares (F#1, F#2, F#3, F#4) estão, na íntegra, no Anexo 2 - Quadros analíticos das *fanfictions* para análise de Tema e N-Rema.

Nos episódios analisados, Os Temas convergem, na maioria dos casos, com a função de Sujeito no sistema de MODO e de participante no sistema de transitividade, servindo como ponto de partida para o locutor em relação à mensagem a ser apresentada – a oração como um todo. Os constituintes em posição temática nesses textos que relatam eventos tendem a representar um personagem ou um conjunto de personagens, como nos excertos da Tabela 9, onde os Temas em negrito representam personagens da história.

Tabela 10 - Exemplo de constituintes em posição temática que representam conjunto de personagens

	<b>Tema</b>	<b>Rema</b>
F#4	<b>A morte</b>	ria de mim.
	<b>Eu</b>	sentia isso

Nos casos de o Tema tópico não estar expresso linguisticamente, como temos nos exemplos da Tabela 10, ocorre elipse (marcado pelo parêntese). Nesses casos, os Temas foram recuperados pelo processo de coesão textual (Barbara e Gouveia, 2004). As línguas que permitem a omissão do Sujeito e do Predicador como elemento inicial, conforme Gouveia e Bárbara (2001), como o caso do português, espanhol e italiano, são chamadas de *pro-drop*, o que significa que, por meio do verbo, se reconhece a pessoa e o número. Muitas vezes a recorrência explícita do Sujeito pode parecer redundante. Os autores propõem uma alternativa para casos de omissão de Sujeito – a presença explícita do Sujeito em posição inicial e sua omissão com o verbo em posição inicial são Temas não marcados e outro elemento em posição inicial, como Circunstância ou um Sujeito proposto ao verbo, seria Tema marcado. Esta alternativa parece corresponder mais como solução da questão uma vez que usamos, principalmente, o Sujeito elíptico em orações contextualizadas ou em orações onde o Sujeito foi mencionado anteriormente.

Tabela 11 - Exemplo de Temas em elipse

F#3	Tema	Rema
	<b>(eu)</b>	queria tocá-los
	<b>(eu)</b>	queria sentir sua pele aveludada e sua calidez

T TX: Tema Textual / T ID: Tema Ideacional

Quando as orações, nos quatro Episódios analisados, passaram a ter Temas marcados, não provocaram ruptura temática. Os Temas marcados foram, na maioria, Temas Textuais sequencializadores, como exemplificados em negrito nos excertos da Tabela 11.

Tabela 12 - Exemplos de Temas Textuais sequencializadores

F#4	T Tx	T Id	Rema
	<b>Por um momento</b>	(eu)	não compreendi o que se passava comigo
	<b>Mas quando</b>	(eu)	vi Liesel em prantos deitada sob meu corpo
		(eu)	entendi que eu havia falecido

T TX: Tema Textual / T ID: Tema Ideacional

Os Temas Textuais sequencializadores, muito frequentes nas quatro *fanfictions* analisadas, servem para estabelecer vínculo coesivo com o discurso anterior.

A análise quantitativa dos elementos léxico-gramaticais em posição temática nos períodos das *fanfictions* analisadas evidencia, portanto, a predominância de Temas tópicos não marcados, realizados prioritariamente por grupos nominais com função de Participante no sistema de transitividade e de Sujeito no sistema de Modo, seguidos de Temas marcados com função de sequencializadores. Os números estão registrados no Quadro 10 - Relação quantitativa de Temas.

	Tema Textual	Tema Interpessoal	Tema Ideacional
<b>F#1</b>	25	0	57
<b>F#2</b>	2	3	24
<b>F#3</b>	4	0	18
<b>F#4</b>	16	1	46

Quadro 10 - Relação quantitativa de Temas



Como resultado, o ponto de partida da mensagem de cada oração na narração do evento tenderá a estar relacionado às personagens. Tende-se a ter sequências de orações com o mesmo tipo de Tema, isto é, cada oração apresenta o mesmo tipo de Tema que a anterior – Tema Contínuo ou Constante, como explicado na seção 3.2.3.

Com relação à Progressão Temática, predomina, nos quatro exemplares analisados, a PT Constante ou Contínua, havendo reiteração dos constituintes temáticos, que, pela própria repetição por elipses e/ou processos de sinonímia, heteronímia, indicam um alto nível de previsibilidade e um baixo nível de informatividade na correlação com Informação Dada. Dessa maneira, a informação em posição temática, responsável por orientar o leitor em relação à informação a seguir, contém, nas *fanfictions*, significados experienciais de pouca importância para o texto como um todo, sendo, portanto, pouco relevantes para o interlocutor.

No modelo da Gramática Sistêmico-Funcional (2004), estão subjacentes alguns dos conceitos de Daneš (1974) sobre progressão temática. De um modo geral, consideramos que a informação colocada na frase em posição temática tem uma função específica, a de orientação, e, conseqüentemente, a de constituição de um quadro para a interpretação do Rema da frase. Logo, a escolha temática é por si mesma portadora de significado. Basicamente, consideramos que normalmente a informação colocada nos Temas das orações de um texto, ou de um segmento textual como vimos na análise dos estágios, está estreitamente relacionada com aspectos mais gerais do texto e, dessa forma, contribui para a interpretação deste. O método de desenvolvimento textual é um aspecto — a noção semântica que diz respeito ao modo como é realizado o desenvolvimento (ou progressão) das ideias ao longo de um estágio textual. Consideramos, na perspectiva de Fries (1995a, 1995b), que a informação contida nos Temas das orações de um estágio textual é responsável pela progressão temática do texto e pela criação de um determinado método de desenvolvimento, o qual orienta a interpretação do respectivo estágio e pode afetar as reações do ouvinte/leitor ao mesmo.

O mapeamento dos Temas de cada oração ao longo do texto (Progressão Temática) revela o ponto de vista escolhido pelo locutor frente ao assunto do texto, ou seja, o posicionamento do escritor, ou, ainda, a apresentação das personagens do texto, e, a partir daí, a centralização das ações a partir destes. Dessa forma, o

conteúdo experiencial dos Temas nas *fanfictions* tem relação com a especificidade da narração, pois indica grupos que pertencem a um mesmo campo semântico, caracterizando tais textos como possuindo um único método de desenvolvimento. No caso dos exemplares analisados, cria-se um método de desenvolvimento em que a referência interpessoal funciona como um eixo organizador da progressão textual. Isso ocorre porque a escolha dos Temas oracionais prevaletentes relacionam-se às personagens em sua maioria, como podem exemplificar os excertos a seguir, cujas orações predominam Temas tópicos não marcados relacionados ao personagem (“eu”).

Tabela 13 - Exemplo de Temas de mesmo campo semântico

	TTx	T Id	Rema
F#4		(eu)	não passava de um espírito invisível aos olhos humanos.
		(eu)	descei até a garota que invadia meus sonhos à noite
	e	(eu)	comecei a gritar para ela, chamando-a pelo nome

T TX: Tema Textual / T ID: Tema Ideacional

Sobre o elemento Rema, referente à Estrutura Temática referem-se a tudo aquilo que não é o Tema e abrigam as Informações Novas, por isso chamados de N-Rema. O conjunto de N-Remas é o último constituinte oracional que contém a informação de maior interesse para o interlocutor e apresenta um alto nível de informatividade, isto é, concentra as informação de maior valor, aquelas que devem ser retidas pelo leitor e, em consequência, as mais relevantes do texto. São os N-Remas oracionais os responsáveis por sinalizar o ponto do texto, o foco da informação, onde o leitor deve se deter nas *fanfictions*, como exemplificam os excertos da F#2 a seguir.

Tabela 14 – Exemplos do conjunto de N-Rema

	Tema/ Dado	N-Rema
F#2	- Lugar	- <b>natural, perfeito, Jardim do Éden, paraíso</b>
	- Nós	- <b>últimos instantes de nossas vidas como mortais</b> - <b>tiramos nossas vidas</b>
	- Casal de amantes	- <b>desfrutava de vossas paixões</b>

Como mostra a Tabela 14, para cada elemento em posição temática, há elementos N-Rema que são as informações com maior grau de informatividade do texto. Para o Tema “Nós”, por exemplo, as informações Novas relacionadas a esse Tema consistem na definição do ato de suicídio (“últimos instantes de nossas vidas como mortais”, “tiramos nossas vidas”).

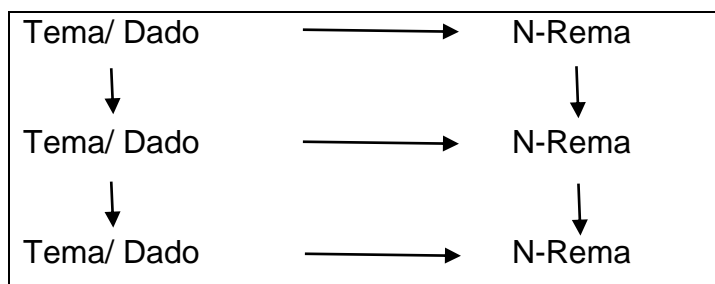
É possível, por meio do mapeamento dos Temas oracionais recorrentes e, por conta disso, o estabelecimento da Progressão Temática, associados aos N-Remas dos textos narrativos, construir um esqueleto como suporte do texto e, ao mesmo tempo, como possibilidade para a elaboração de uma síntese. Obtivemos, nos exemplars analisados, um padrão de PT Constante ou Contínua, como mostra a Tabela 14.

Tabela 15- Exemplo de PT Constante ou Contínua de F#1

	Tema/Dado	N-Rema
<b>F#1</b>	(eu) →	vejo-te em minhas lembranças.
	↓	
	(eu) →	não posso tocá-lo
	↓	
	(eu) →	não posso mais ouvir sua voz preenchendo a minha alma com sons e magia.
	T1 →	R1
	↓	
	T2 →	R2
	↓	
	T3 →	R3

Como proposto na metodologia, o esquema textual representado no Quadro 11 apresenta, de um lado os Temas Contínuos, que contêm conteúdos experienciais pertencentes a um mesmo campo semântico, havendo, pelas reiterações temáticas, alta previsibilidade; de outro lado, o esquema apresenta os N-Remas oracionais, constituintes finais das orações que concentram a Informação Nova, portanto portadores de alto nível de informatividade. Assim, o fluxo de informação nos textos analisados refere-se ao movimento da informação do ponto de partida, o Tema, ao

foco, o N-Rema, de cada oração ao longo do texto, para se configurar este como unidade de sentido.



Quadro 11 – Esquema textual do gênero Episódio

Por meio desta análise, é válido afirmar que os Temas oracionais são elementos participantes na configuração global do texto, da qual recebem marcas, orientam o ouvinte/leitor no processo de construção dos estágios do texto. Os Temas são relevantes para o reconhecimento dos estágios do texto na medida em o seu conteúdo molda a natureza dos estágios, como mostramos na análise que se percorreu. A compreensão da relação Tema e N-Rema é fundamental para se mapear um contínuo textual e entender o fluxo de informação dos textos.

Nesta seção, apresentamos como exemplares de *fanfiction*, escritos em língua portuguesa, estruturam suas orações em relação à sua Estrutura Temática e à sua Estrutura de Informação. Vismo que os Temas convergem para a função de Sujeito no sistema de MODO e de participante no sistema de transitividade, servindo como ponto de partida para o locutor em relação à mensagem a ser apresentada. Os N-Remas são os últimos constituintes oracionais que contêm a informação de maior interesse para o interlocutor e apresentam um alto nível de informatividade, ele são os responsáveis por sinalizar o ponto do texto. Além disso, apresentamos as características comuns nestas produções com relação à Progressão Temática, constatando-se como esta, ao longo dos estágios composicionais do texto, tem influência sobre o fluxo de informação. Concluímos que a PT predominante nos Episódios analisados foi a Constante ou Contínua e o fluxo de informação nos referidos textos refere-se ao movimento da informação do ponto de partida, o Tema, ao foco, o N-Rema, de cada oração ao longo do texto, produzindo um único método de desenvolvimento dos textos que faz referência interpessoal, ou seja, foca o conjunto de Temas nas personagens.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após concluir o percurso que nos propusemos realizar, cumpre-nos fazer um balanço do trabalho desenvolvido e avaliar a pertinência da análise temática para o estudo da estrutura do texto *fanfiction* que assinalam propriedades composicionais deste. Antes de tudo, buscamos uma definição das noções de Tema e de Rema e, a partir da explicitação das características comumente apresentadas em diversas propostas de definição destes conceitos, salientamos os aspectos em que estas se aproximam e apresentamos a nossa proposta de definição. Definimos o Tema oracional como o elemento que tem a função de servir de base ou fundação ao significado expresso na oração.

Um de nossos objetivos foi de compreender a estrutura composicional das *fanfictions* por meio da análise de seus estágios e de suas fases. Após a análise em 50 exemplares, admitimos que estes textos podem contemplar diferentes gêneros textuais, conforme a proposta de gêneros escolares defendida por Martin e Rose (2008) e Rose e Martin (2012), como a Narrativa, o Relato e o Episódio. Contudo, verificamos a recorrência do gênero textual Episódio, que são gêneros os quais não possuem o estágio de resolução da complicação o que nos levou a reconhecer que os autores de *fanfics* optam por não finalizar seus textos, deixando essa incumbência aos leitores. Isso é possível, pois a autoria das *fanfics* pode ser compartilhada, ou seja, um outro *factor* pode entrar no texto e continuá-lo, ou ainda, os leitores dão dicas de desfecho por meio do recurso “comentários”.

Por via desta análise, procuramos delimitar as unidades Tema-Rema, para que pudessemos alcançar nosso objetivo nuclear que foi de entender o fluxo de informação das *fanfictions*. Para isso, verificamos que as unidades funcionais Tema-Rema se manifestam principalmente ao nível da oração e que a fronteira entre o Tema e o Rema se situa imediatamente após o primeiro elemento frásico com uma função ideacional ou de representação. Procuramos, ainda, mostrar em que medida a noção de Tema, inicialmente equacionada ao nível da oração, pode fornecer elementos válidos para a análise de estruturas textuais. Verificamos que em cada estágio do texto é possível haver distintos conjuntos semânticos de Temas e N-Remas oracionais, o que é determinante na progressão textual dos estágios e, por conseguinte, da globalidade dos textos. Consideramos os Temas oracionais e a

análise do conjunto de N-Rema como elementos importantes para a análise de diversas dimensões acima da oração — designadamente a progressão e o desenvolvimento temáticos e remáticos e, de um modo geral, a construção da estrutura textual.

A construção do significado global de um texto obriga o ouvinte/leitor a uma integração sucessiva dos significados construídos progressivamente nos estágios e nas orações da superfície textual. Um texto é o resultado composicional de diversas unidades (estágios, fases e orações) que participam na sua configuração e que, logo, estão orientadas para o todo. É válido, portanto, presumir que os Temas e N-Remas oracionais, sendo elementos participantes na configuração global, da qual recebem marcas, orientem o ouvinte/leitor no processo de construção dos estágios textuais e, por conseguinte, do significado do todo textual.

A análise temática realizada neste estudo tem o mérito de contribuir para uma fundamentação linguística da estrutura textual das *fanfictions*. Os elementos temáticos, pelo tipo de significado que realizam, são potenciais marcadores da categoria composicional do texto. Estes elementos são bastante relevantes para a identificação ou o reconhecimento do estágio do texto na medida em que o seu conteúdo molda a natureza desses estágios textuais aos quais se encontram tipicamente associados, o que nos leva a entender que há, portanto, uma correlação entre a organização estrutural e o significado realizado local e sequencialmente. O significado construído ao nível local e sequencial reflete, por isso, a função estrutural do texto. Assim, a análise do tipo de significado construído ao nível oracional — e, em especial, pelo Tema — fornece elementos para o reconhecimento do estágio do texto e, por conseguinte, do texto como um todo texto.

A análise realizada neste estudo leva-nos a concluir que em posição temática se encontram muitos elementos que, quando analisados de forma relacional e integrada, constituem fortes marcas da organização estrutural. Estes elementos têm um papel determinante na orientação do processo de construção do significado uma vez que se encontram em posição temática. A sua presença em posição temática é o resultado das escolhas na organização e na orientação do processamento da mensagem. No mais, em qualquer atividade humana, é importante que os elementos de sinalização e orientação, para que cumpram melhor a sua função, sejam fornecidos adequadamente.

Limitamo-nos, aqui, a sugerir esta via de investigação. Os resultados da nossa análise fazem-nos crer que a análise temática se trata de um instrumento bastante útil. Estamos conscientes, no entanto, de algumas limitações deste trabalho: o reduzido número de textos —foi desaconselhável que procurássemos confrontar um grande número de *fanfictions*, e que tivéssemos a pretensão de um estudo exaustivo sobre sua estrutura. Por último, parece-nos conveniente estudos futuros que se sustentem, também, em investigações de Psicolinguística e de Psicologia Cognitiva, designadamente no que se refere ao modo como se processam a interpretação e a representação mental dos textos/discursos, no âmbito dos processos cognitivos que sustentam a construção de significado. Apesar destas limitações, parece-nos que este estudo se revela bastante adequado para o estudo das estruturas textuais em diferentes gêneros. A aplicação deste método de análise a *corpora* extensos e diversificados pode permitir uma consistente fundamentação linguística das propriedades das estruturas textuais e temáticas que os falantes atualizam constantemente nas suas interações verbais.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, V. T. As Letras em foco de pesquisa In: AGUIAR, V. T. & PEREIRA, V. W. (Org.) **Pesquisa em letras**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007. 136 p. < <http://www.pucrs.br/edipucrs/online/pesquisaemletras.pdf>>

AZZARI, E. F.; CUSTÓDIO, M. A. Fanfics, Google Docs... a produção textual colaborativa. In: ROJO, R. (Org.). **Escol@ conect@d@: os multiletramentos e as TICs**. São Paulo: Parábola, 2013. (Estratégia de Ensino, 40).

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 5 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARBARA, L. & C. GOUVEIA. **It is not there, but [it] is cohesive: the case of pronominal ellipsis of subject in Portuguese**. Direct Papers no. 46, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brazil, and AELSU, University of Liverpool, United Kingdom, 2001

\_\_\_\_\_. **Marked or Unmarked**, that is not the question. The question is: where's the Theme? *ILha do Desterro*, n.46, Florianópolis, 2004a, p.155-177.

BAZERMAN, C. **Shaping written knowledge: the genre and activity of the experimental article in science**. Madison, WI: University of Wisconsin Press, 1988.

\_\_\_\_\_. **Systems of genre and the enactment of social intentions**. In: A. Freedman & P. Medway. *Genre and the new rhetoric*. London: Taylor & Francis: 79-101, 1994.

BRASIL. Secretaria de Educação **Fundamental.Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília :MEC/SEF, 1998.

BHATIA, V. 1993. **Analysing genre: language use in professional settings**. London: Longman, 1993.

BLACK, Rebecca W. **Fanfiction Writing and the Construction of Space** . *E-Learning*. Volume 4, número 4, 2007. < [www.wwwords.co.uk/ELEA](http://www.wwwords.co.uk/ELEA)> Acesso em jun. 2013.

BLOOR, Thomas & BLOOR, Meriel. **The Functional Analysis of English: a Hallidayan Approach**. London: Edward Arnold, 1995.

BORTOLUZZI, V. I. **Que justiça é essa?** Aspectos teórico-metodológicos da investigação de representações discursivas da justiça em acórdãos de habeas corpus e cartas do leitor. Santa Maria: UFSM, 2008. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal de Santa Maria, 2008.

CABRAL, S. R. S. **Núcleo de estudos em Língua Portuguesa (NELP)**. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 2010. Projeto de Pesquisa (nº 026308).



\_\_\_\_\_, S. R. S. **A mídia e o Presidente**: um julgamento com base na teoria da valoração. Santa Maria: UFSM, 2008. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal de Santa Maria, 2007.

CARVALHO, G. Gênero como ação social em Miller e Bazerman: o conceito, uma sugestão metodológica e um exemplo de aplicação. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (org.). **Gênero**: teorias, métodos e debates. São Paulo: Parábola, 2005.

CHAPMAN, N. & CHAPMAN, J. **Digital Multimedia**. John Wiley & Sons, 2002

DANEŠ, Frantisek. Papers on Funcional Sentence Perspective and the organisation of the text. In: DANSES, Frantisek. **Papers on Functional Sentence Perspective**. The Hague: Mouton, 1974, pp. 106-128.

DEVITT, A. J. **Generalizing about genre**: New conceptions of na old concept. College Composition na Communication, 44/4:573-586, 1993. Disponível em <http://myweb.fsu.edu/jjm09f/WEPOFall2011/Amy%20J.%20Devitt%20Generalizing%20about%20Genre.pdf>. Acesso em 17 de maio de 2014, às 21 horas.

EGGINS, S., MARTIN J. R. **Genres and Registers of discourse**. In: Van Dijk, T. A. (org.) Discourse as structure and process:a multidisciplinary introduction. London, Sage: 1997.

FEITOSA, M. P. **Legendagem comercial e legendagem pirata**: um estudo comparado. Tese (Doutorado em Letras/Linguística Aplicada). Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2009.

FRIES, Peter H. **On the status of theme in English**: arguments from discourse. Forum linguisticum, 6: 1981, pp. 1-38.

FRIES, Peter H. **On theme, rheme and discourse goals**. In: Coulthard M. (ed.) Advances in written text analysis. Routledge, 1994.

\_\_\_\_\_. **A personal view of theme**. In Gadessy, M. (ed.) Thematic development in English texts. London: Pinter, 1995b, pp. 01-19.

\_\_\_\_\_. Themes, Methods of Development, and Texts. In: Hasan, Ruqaiay & Fries, Peter H. **On Subject and Theme**: a Discursive Functional Perspective. Amsterdam: John Benjamins, 1997, pp. 317-359.

\_\_\_\_\_. The Flow of Information in a Written English Text. In: Fries, Peter H., Michael Cummings, David Lockwood & William Spruiell. **Relations and Functions within and around Language**. London: Continuum, 2002.

\_\_\_\_\_; GREGORY, M. **Discourse in Society**: Systemic Functional Perspectives. Meaning and choice in Language: Studies for Michael Halliday. New Jersey: Ablex Publishing Corporation, 1995a.

FUZER, C.; BARABARA L. **Estratégias de progressão temática com temas tópicos não marcados em artigos científicos da Engenharia Civil**. Revista de

FUZER, C. **Linguagem e representação nos autos de um processo penal**: como operadores do Direito representam atores sociais em um Sistema de gêneros. Santa Maria: UFSM, 2008. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal de Santa Maria, 2008.

GOUVEIA, C. A. M. **Texto e gramática**: uma introdução à linguística sistêmico-funcional. *Matraga*, Rio de Janeiro. Volume 16, número 24, jan./jun. 2009. <  
<http://ww3.fl.ul.pt/pessoais/cgouveia/ja/6.pdf>> Acesso em jun. 2013.

\_\_\_\_\_. A escola como sistema de gêneros: conhecimento, aprendizagem e transversalidade. In Mateus, M. H. M. e L. Solla (eds.): **Ensino do Português como Língua Não Materna**: Estratégias, Materiais e Formação. Lisboa, ILTEC / Fundação Calouste Gulbenkian, 2013

\_\_\_\_\_; BARBARA L. **Marked or unmarked that is NOT the question, the question is: Where's the Theme?** Direct Papers no. 45, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brazil, and AELSU, University of Liverpool, United Kingdom, 2001.

HALL, S. **A identidade cultural na Pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

HALLIDAY, M. A. K. **An Introduction to Functional Grammar**. London: Arnold, 1987.

\_\_\_\_\_. **An introduction to Systemic Functional Grammar**. 2ª ed. London: Edward Arnold, 1994

\_\_\_\_\_; MATTHIESSEN, C. **An introduction to Systemic Functional Grammar**. London, UK: Arnold Publishing, 2004.

HALLIDAY M. A. K.; HASAN, R. **Language, context and text**: aspects of language in a social-semiotic perspective. Oxford: Oxford University Press, 1989.

HALLIDAY, M.A.K. Part. A. In:\_\_\_\_\_; HASAN, R. **Language, context and text**: aspects of language in a social-semiotic perspective. Oxford: Oxford University Press, 1989.

HASAN, R. Part B. In: HALLIDAY, M.A.K., HASAN, R. **Language, context and text**: aspects of language in a social-semiotic perspective. Oxford: Oxford University Press, 1989.

HEMAIS, B.; BIASI-RODRIGUES, B. A proposta sociorretórica de John Swales para o estudo de gêneros textuais. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (org.). **Gênero**: teorias, métodos e debates. São Paulo: Parábola, 2005.

JENKINS, Henry. **Textual Poachers** – television fans and participatory culture. New York: Routledge, 1992.

LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LIMA-HERNANDES, M.C. (Org.) **Domínios de Linguagem I: práticas pedagógicas**. São Paulo: Disal, 2002. pp. 45-55.

MARCUSCHI, L. A.. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In; Gêneros textuais e ensino. Rio de Janeiro: Lucena, 2003, p. 20-36

\_\_\_\_\_. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital In: MARCUSCHI, Luiz A.; XAVIER, Antônio C. (org). **Hipertexto e gêneros digitais**. 2 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005b.

\_\_\_\_\_. Gêneros Textuais: Definição e Funcionalidade: In DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Ana Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.). **Gêneros Textuais & Ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005a.

\_\_\_\_\_. **Cognição, linguagem e práticas interacionais**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

MARTIN, J. R. Process and Text: two aspects of human semiotics. In Benson, D. J.; Greaves, W. S (orgs). **Systemic perspective and structure**. Philadelphia; Amsterdam:John Benjamins Publishing Company, 1985.

MARTIN, J. R. **English text: systems and structure**. Philadelphia ; Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1992.

MARTIN, J. R; MATTHIESSEN, C. M. I. M., & PAINTER, C. **Working with functional grammar**. London: Arnold, 1997.

MARTIN, J.; ROSE, D. **Working With discourse: meaning beyond the clause**. London: Continuum, 2003.

MARTIN, J.; ROSE, D. **Genre Relations: mapping culture**. London: Equinox, 2008.

MARTINS, A C S. Interação e Discurso Eletrônico: práticas sociais e identitárias em aulas online. In: QUINTINO, J.M.C.; MUNIZ, M.I.A. (Org.). **Estudos Linguísticos**. Montes Claros: Faculdades Unidas do Norte de Minas - FUNORTE, 2005, p. 9-35.

MILLER, C. R. **Genre as social action**. In *Quarterly Journal of Speech*, 70, p. 151 – 167, 1984. Disponível em <http://www.english.illinois.edu/-people-/faculty/schaffner/teaching/fall2010/505/readings/Miller.Genre%20as%20Social%20Action.pdf>

MOTTA-ROTH, D. **O ensino de produção textual com base em atividades sociais e gêneros textuais**. *Revista Linguagem em (Dis)curso*. v. 6, n. 3, set. / dez. 2006, p.495-517.

\_\_\_\_\_. **Análise Crítica de Gêneros: contribuições para o ensino e a pesquisa de linguagem**. *Revista D.E.L.T.A.*, 24:2 (341-383), 2008.

\_\_\_\_\_. HEBERLE, V. M. O conceito de Estrutura Potencial de Gênero de Ruqaya Hasan. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (org.). **Gênero: teorias, métodos e debates**. São Paulo: Parábola, 2005.

\_\_\_\_\_. **Rethorical features and disciplinary cultures.** A genre-based study of academic book reviews in linguistics, chemistry and economics. Tese de doutorado. Florianópolis: PGI/ Universidade Federal de Santa Catarina, 1995. Disponível em [http://www.ufsm.br/desirremroth/algumas\\_publicacoes/DesireeRoyh.pdf](http://www.ufsm.br/desirremroth/algumas_publicacoes/DesireeRoyh.pdf). Acesso em 02 de março de 2014, 13: 43 mint.

OLIONI, R. C. **Tema E N-Rema:** a construção do fluxo de informação em textos narrativos sob uma perspectiva sistêmico-funcional. Porto Alegre: PUCRS, 2010. Tese (Doutorado em Letras). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2010.

RAMAL, A C. **Ler e escrever na cultura digital.** Porto Alegre: Revista Pátio, ano 4, no. 14, agosto-outubro 2000.

RODRIGUES, R. H. Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: a abordagem de Bakhtin. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (org.). **Gênero:** teorias, métodos e debates. São Paulo: Parábola, 2005.

ROJO, R; MOURA, E. **Multiletramentos na escola.** São Paulo: Parábola Editorial, 2012

ROSE, D., MARTIN, J. R. **Learning to Write, Reading to Learn – Genre, Knowledge and Pedagogy in the Sydney School,** London: Equinox, 2012.

SANTAELLA, L. **Matrizes da linguagem e pensamento – sonora, visual e verbal.** São Paulo: Iluminuras, 2001.

SOARES, M. **Letramento e alfabetização:** as muitas facetas. Disponível em: <http://www.anped.org.br/26/outrostextos/semagdasoares.doc> em 30/05/06.

SOUZA, P. R. de. **Comunicação Digital – Mistura de Modalidades Lingüísticas?** In: LIMA-HERNANDEZ, M. C. (Org.) *Domínios de Linguagem I: práticas pedagógicas.* São Paulo: Disal, 2002. Pp. 45 – 55.

SOUZA, R. A. O discurso oral, o discurso escrito e o discurso eletrônico. In: PAIVA, V. O. M., **Interação e aprendizagem em ambiente virtual,** Fale - UFMG, Belo Horizonte, 2001, p.15-36.

STAHL, M. M. **Formação de professores para uso das novas tecnologias de comunicação e informação.** In. CANDAU, V.M.(org.). *Magistério: Construção Cotidiana.* Petrópolis: Vozes, 1997.

SWALES, J.M. **Aspects of article introductions.** Birmigham, UK: The University of Aston, Language Studies Unit., 1981

\_\_\_\_\_. **Genre Analysis:** english in academic and research settings. Cambridge University Press, 1990.

THOMPSON, G. **Introducing funcional grammar.** London: Edward Arnold, 2004

\_\_\_\_\_. "Unfolding Theme: the development of clausal and textual perspectives on Theme". In: HASAN, R; MATTHIESSEN, C; WEBSTER, J. **Continuing Discourse on Language. A functional perspective. Volume 2.** Londres: Equinox, 2007, p. 671-696.

VARGAS, Maria Lucia Bandeira. **Do fã consumidor ao fã navegador-autor: o fenômeno fanfiction.** Passo Fundo, RS: PPGL/ UPF. Dissertação de mestrado. 2005.

VENTOLA, E. **The structure of social interaction:** a systemic approach to the systemics of service encounters. London: Frances Pinter, 1987.

VENTURA, C. S. M. & LIAMA-LOPES, R. E. (2002). **O Tema:** caracterização e realização em português. Direct Papers no. 47, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brazil, and AELSU, University of Liverpool, United Kingdom.

VIAN JR., O. **O planejamento de cursos instrumentais de produção oral com base em gêneros do discurso: mapeamento de experiências vividas e interpretações sobre um percurso.** São Paulo: PUC-SP, 2002. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2002.

\_\_\_\_\_; LIMA-LOPES, R.E. A perspectiva teleológica de Martin para a análise dos gêneros textuais. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (org.). **Gênero: teorias, métodos e debates.** São Paulo: Parábola, 2005.

### **Sites consultados**

[www.socialspirit.com.br](http://www.socialspirit.com.br)

[www.fanfiction.com.br](http://www.fanfiction.com.br)

## ANEXOS

Anexo 1 - Relação dos estágios presentes em cada fanfiction

Estágios dos textos do grupo Histórias ficcionais						
	Código	Orientação	Complicação	Avaliação	Resolução	Rol de eventos
<i>Fanfictions usadas para análise linguística</i>	F#1	X	X	X		
	F#2	X		X		
	F#3	X		X		
	F#4	X	X	X		
	F#5	X	X	X		
	F#6	X		X		
	F#7	X	X	X	X	
	#8	X				X
	F#9	X				X
	F#10	X	X	X		
	F#11	X			X	
	F#12	X	X	X		
	F#13	X	X	X	X	
	F#14	X	X	X		
	F#15	X			X	
	F#16	X	X	X		
	F#17	X	X	X		
	F#18	X				X
	F#19	X				X
	F#20	X	X	X	X	X

F#21	X	X	X	X	
F#22	X	X	X		
F#23	X				X
F#24	X		X		
F#25	X				X
F#26	X	X	X		
F#27	X				X
F#28	X				X
F#29	X	X	X		
F#30	X				X
F#31	X	X	X		
F#32	X		X		
F#33	X	X	X	X	
F#34	X				X
F#35	X	X	X		
F#36	X	X	X	X	
F#37	X				X
F#38	X	X	X		
F#39	X	X	X		
F#40	X	X	X	X	
F#41	X				X
F#42	X	X	X		
F#43	X		X		

F#44	X	X	X		
F#45	X		X		
F#46	X	X	X	X	
F#47	X		X		
F#48	X	X	X		
F#49	X		X		
F#50	X	X	X	X	
<b>Total</b>	<b>50</b>	<b>26</b>	<b>38</b>	<b>9</b>	<b>12</b>



Anexo 2 - Quadros analíticos das *fanfictions* para análise de Tema e N-Rema

Observações:

1. Os elementos em conchetes duplos ([ [ ]) marcam as orações encaixadas. Elas não serão subdivididas por sua natureza estrutural, como já mencionado na metodologia.

2. Os elementos com estrela (\*) são orações projetadas. Esta foram subdivididas e sua análise consta na linha abaixo da sua oração principal.

3. Os elementos **N-Rema** foram marcados em negrito.

F#1 - Fanfiction Masquerade

Postada em Maio de 2011, no domínio *Spirit*. Disponível em:

<<http://socialspirit.com.br/fanfics/historia/fanfiction-livros-romeu-e-julieta-romeu-e-julieta-no-jardim-de-eden-322449/capitulo1>>

Oração	Tema/ Dado			Rema - N-Rema
	T Tx	T Int	T Id	
<b>Estágio de Orientação</b>				
1.			O passado	jamais <b>morrerá...</b>
2.	E para		o meu desespero	tão pouco, voltará
Arrependimento? (Oração menor)				
3.			(Eu)	Não sei dizer
4.			Minha atitude	foi a mais racional a [[ser feita num momento como aquele]],
5.	mas		(eu)	vejo que o preço é ainda mais pesado [[do que eu imaginava.]]
6.	Ainda		(eu)	vejo seu rosto banhado pelas lágrimas em meus sonhos.
7.			(seu rosto)	sussurrando desesperado que me amava.
8.	Nesse momento		Eu	tento gritar,
9.	mas		a voz	não escapa da minha garganta.
<b>Estágio de Complicação</b>				
10.	E então		Eu	acordo, na cama macia e de lençóis alvos da <b>mansão Chagny</b> .
11.	E		você	<b>não está aqui</b>
<b>Estágio de Avaliação</b>				
12.	Então		Eu	me lembro da melodia que eu cantava pelos corredores da Opera Populaire...
13.			"Ele sempre	estará aqui, dentro da minha mente."
14.	E		Dói	tanto saber [[que isso verdade]],
15.			saber	[[que você estará apenas na minha mente.]]
16.			Você	se tornou um <b>Fantasma</b> de verdade na minha vida.
17.			(eu)	Vejo-te em minhas lembranças.
18.	mas		(eu)	não posso tocá-lo
19.			(eu)	não posso mais ouvir sua voz preenchendo a minha alma com sons e magia.
20.			Isso tudo	(aconteceu) por minha causa.
21.			Eu	– sou a responsável pelo meu sofrimento.

			unicamente eu	
22.			(Eu)	Deveria sentir raiva de você.
23.			(Eu)	Deveria culpa-lo
24.	mas		(eu)	não posso mentir para mim mesma...
25.	Bem no fundo da minha alma,		Eu	sei...
26.			Você	<b>saiu da minha vida para me proteger.</b>
27.			(eu)	Já perdi as contas de quantas vezes
28.			(eu)	acordei durante a
29.			(eu)	chorando em silêncio.
30.	apenas		esse	maldito silêncio.
31.			(eu)	Acho [[que eu mesma o faria (cantar)
32.	se		O Raoul	não tivesse me proibido de cantar,
33.			Minha voz	pertence ao meu Anjo,
34.	e		(minha voz)	(pertence) ninguém mais.
35.			Será que você	Está bem?
36.	E por onde		(você)	Anda?
37.	Em momento de loucura,		(eu)	imagino que você esta aqui, [[ escondido nos enormes e solitários corredores da mansão.]]
38.	Mas quando		(eu)	olho meu reflexo no espelho do toucador,
39.			(eu)	não encontro nenhuma máscara branca refletida ali.
40.			(eu)	(encontro) Somente minha própria palidez, atenuada durante os anos que se passaram.
41.			(eu)	<b>Estou cumprindo meu papel de esposa.</b>
42.			<b>Gustave</b>	é inteligente
43.	E		(Gustave)	está crescendo forte e saudável.
44.			(eu)	Participo radiando elegância na temporada de festas em Londres,
45.	E mesmo		(eu)	não tendo sangue nobre
46.			(eu)	aparento levar tudo na naturalidade.
47.			Raoul	nunca teve
48.	e		(Raoul)	<b>Nem terá motivos para se envergonhar de mim...</b>
49.	mas		Eu	Tenho.
50.			(eu)	Me sinto a pior das mulheres por beijá-lo pensando nos lábios de outro.
51.			(eu)	(Me sinto pior) Por não ser capaz de entregar meu coração em uma bandeja de prata para ele.
52.	E principalmente		(eu)	(me sinto pior) por ver meu querido Gustave crescendo sem saber da verdade sobre sua origem.
53.			(eu)	Sinto vergonha da máscara [[que uso todos os dias da minha vida.]]
54.			<b>A máscara</b>	da feliz e realizada <b>Viscondessa de Chagny.</b>
55.	Mas		(eu)	fiz o que precisava ser feito,
56.			(eu)	não tenho o direito de me arrepender por isso.

57.	Mesmo		(eu)	sabendo que sempre me sentirei apenas meio real.
Total	25	0	57	

Quadro 12 - Análise da F#1

F#2 - Fanfiction Romeu e Julieta no Jardim do Éden

Postada em Novembro de 2011, no domínio *Spirit*. Disponível em: <<http://socialspirit.com.br/fanfics/historia/fanfiction-livros-romeu-e-julieta-romeu-e-julieta-no-jardim-de-eden-322449/capitulo1>>

Oração	Tema/ Dado			Rema - N-Rema
	T Tx	T Int	T Id	
<b>Estágio de Orientação</b>				
1.		Flor,	desperta	-te
2.			<b>O dia</b>	já está tão lindo como tuas carícias e palavras de amor
3.			(Romeu)	ajuda-a [[ puxando-a para si]]
4.			Ela	desperta-se
5.			<b>Onde</b>	nós estamos, Romeu, meu belo e único amante?
6.			(Eles)	observaram por um instante a paisagem tão natural, perfeita nos mínimos detalhes [[que nenhuma descrição seria possível revelar-la]]
7.			No lugar	onde os fiéis, humanos e nossos ancestrais dizem ser //o lugar onde nasceu a humanidade.//*
8.			*O lugar	onde nasceu a humanidade
9.		O Romeu	Estes	ser então o <b>jardim do Éden</b> ?
10.			O lugar	tão falado [[chamado pelos fiéis como o paraíso]]?
Sim, minha bela Julieta (Oração menor)				
11.			Creio	eu //não poder afirmar a nossa localização específica//*
12.			*(Eu)	não poder afirmar a nossa localização específica
13.			As palavras [[que saem de seus lábios tão finos, delicados e suculentos]]	parecem ser as mais claras
14.			(Eles)	ficaram em silêncio, olhos nos olhos
15.			Romeu	interrompe
16.	O que tanto		(tu)	pensas com tua mente gloriosa?
17.			(Eu)	(penso) <b>nos últimos instantes de nossas vidas como mortais</b>
18.	E porque		(nós)	viemos parar neste lugar
Mais um momento de silêncio (Oração menor)				
<b>Estágio de Avaliação</b>				
19.			Creio	eu
20.	Porque		(nós)	somos o casal mais apaixonado [[que já existiu]]

21.				
22.			(Nós)	<b>tiramos nossas próprias vidas em sacrifício um do outro</b>
23.		Romeu	O que	serias de mim sem ti, ó Romeu
24.			O que	serias de minha vida sem vossa presença tão célebre, Julieta..
25.			O casal de amantes	desfrutava de vossas paixões, longe de um mundo [[que jamais compreenderá a força do verdadeiro amor]]
Total	2	3	24	

Quadro 13 - Análise da F#2

### F#3 - Fanfiction Último Suspiro

Postada em Dezembro de 2014, no domínio *Spirit*. Disponível em: <http://socialspirit.com.br/fanfics/historia/fanfiction-noragami-ultimo-suspiro-2916244/capitulo1>

Oração	Tema/ Dado			Rema - N-Rema
	T Tx	T Int	T Id	
<b>Estágio de Orientação</b>				
1.			(ela)	era tão <b>meiga e doce</b>
2.			Seus cabelos	Eram castanhos escuros, quase como plumas em tamanha suavidade
3.			(eu)	queria tocá-los
4.			(Eu)	queria sentir sua pele aveludada e sua calidez
5.			A sua voz	soava tranquila
6.	como		anjos	entoando a música dos deuses
7.			Iki Hiyori	era seu nome
8.			A garota	Com quem desejei [[viver o resto de minha vida]]
9.			é	inevitável que //seu corpo mundano, fraco não suportaria meu estilo de vida //
10.			Seu corpo mundano, fraco	não suportaria meu estilo de vida
11.	afinal		A imortalidade	<b>não é feita para humanos</b>
12.			(eu)	estive com ela <b>até o fim de sua despedida</b> solitária
13.			(ela)	Me proporcionou o <b>dia mais feliz</b> [[que pude estar]]
14.			A primeira garota humana que me salvou, a menina que me fez diferente, a mulher que com quem me apaixonei	Deu-me meu primeiro beijo proibido
15.			As palavras ternas que me levavam a loucura	só tinham intenção de me conformar

Estágio de Avaliação				
16.	mas		a solidez da mensagem	concretizou <b>meu maior medo</b> [[que é <b>perder alguém que amo</b> ]]
17.			seu rosto	empalideceu
18.	e		sua alma	<b>descansou</b> levando com seu último suspiro o maior presente que os deuses poderiam criar: <b>a vida de Iki Hiyori</b>
Total	4	0	18	

Quadro 14 - Análise da F#3

#### F#4 - Fanfiction “Após a morte”

Postada em Março de 2014 no domínio *Nyah! Fanfiction*. Disponível em: [fanfiction.com.br/imprimir/historia/489449/capitulo/1](http://fanfiction.com.br/imprimir/historia/489449/capitulo/1)

Oração	Tema/ Dado			N-Rema
	T Tx	T Int	T Id	
<b>Estágio de Orientação</b>				
1.			(Eu)	Não percebi //o que ocorreu depois [[que a <b>bomba caiu na cidade</b> ]]//*
2.			*O que	ocorreu depois [[que a bomba caiu na cidade]]//*
3.	Apenas		(eu)	me senti estranho, [[sendo esmagado e depois sufocado]]
4.	depois		uma calmaria	me preencheu
5.	E de repente		(eu)	me vi flutuando, [[vendo //as pessoas saírem de sua proteção para o ar livre//]]*
6.			*As pessoas	saírem de sua proteção para o ar livre//
7.			Elas	eram minúsculas
8.			(elas)	me lembravam formiguinhas [[andando de um lado para o outro]]
9.	Por um momento		(eu)	não compreendi //o que se passava comigo//*
10.			*O que	se passava comigo
11.	Mas quando		(eu)	vi //Liesel em prantos// //deitada sob meu corpo//*
12.			*Liesel	<b>em prantos</b>
13.			*Liesel	<b>deitada sob meu corpo</b>
14.			(eu)	entendi [[que eu havia <b>falecido</b> ]]
15.			(Eu)	não conseguia acreditar //no que acabara de acontecer//*
16.	*No que			acabara de acontecer
17.	Como assim		Eu	não estava mais vivo?
18.			Eu	me encontrava totalmente assustado
19.			(eu)	Desejava voltar para meu pequeno e frágil corpo, //abrir os olhos e abraçar Liesel//* // dizer-lhe para cessar o choro//*
20.			*(eu)	(desejava) abrir os olhos e abraçar Liesel
21.			*(eu)	(desejava) dizer-lhe para cessar o choro
22.	pois		Eu	estava ali, ao seu lado, vivo...
23.	Contudo,		Eu	não podia.

24.			(eu)	Não passava de um <b>espírito invisível</b> aos olhos humanos.
25.			(eu)	desci até a garota que invadia meus sonhos à noite
26.	e		(eu)	comecei a gritar para ela, [[chamando-a pelo nome]]
27.			Eu	não aceitaria a morte
28.	Não		Era	minha hora
29.			(Eu)	ainda tinha muito o que fazer.
30.			Eu	a vi se levantar
31.	E		(eu)	(a vi) gritar aos sete ventos meu nome
32.	Depois		(ela)	<b>depositou um leve beijo</b> nos meus lábios sujos e desprovidos de vida
33.			Ela	ficou ali, ao lado do meu corpo por um longo tempo
34.			A morte	<b>ria</b> de mim
35.			Eu	sentia isso
36.			(eu)	Fiquei ali [[parado ao lado de minha amada]]
<b>Estágio de Complicação</b>				
37.		Subitamente	(eu)	<b>vejo uma luz branca descendo da imensidão azul</b>
<b>Estágio de Avaliação</b>				
38.			( A luz)	Convidava-me a aproximar
39.	mas		Eu	<b>Recusava assustado</b>
40.	então		Dentro da luz	<b>Sai um ser com aparência humana</b>
41.			Aquilo	me trazia uma paz e inexplicável
42.			A criatura estranha	<b>me chamou</b>
43.			O anjo	<b>estendeu as mãos para mim</b>
44.	mas		Eu	ainda estava confuso
45.			Eu	<b>eu dei minhas mãos</b> segurando as dele
46.			(eu)	<b>Abri um enorme sorriso</b>
Total	16	1	46	

Quadro 15 - Análise da F#4

Anexo 3 - Tabela das 50 *fanfictions* para análise da estrutura composicional

Tabela 16 - Relação das 50 *fanfictions*

Relação das 50 <i>fanfictions</i>			
F#1.	Masquerade	Spirit	<a href="http://animespirit.com.br/fanfics/historia/fanfiction-filmes-o-fantasma-da-opera-masquerade-272069">http://animespirit.com.br/fanfics/historia/fanfiction-filmes-o-fantasma-da-opera-masquerade-272069</a>
F#2.	Romeu e Julieta no jardim do Éden	Spirit	<a href="http://animespirit.com.br/fanfics/historia/fanfiction-livros-romeu-e-julieta-romeu-e-julieta-no-jardim-de-eden-322449">http://animespirit.com.br/fanfics/historia/fanfiction-livros-romeu-e-julieta-romeu-e-julieta-no-jardim-de-eden-322449</a>
F#3.	Último suspiro	Spirit	<a href="http://socialspirit.com.br/fanfics/historia/fanfiction-noragami-ultimo-suspiro-2916244/capitulo1">http://socialspirit.com.br/fanfics/historia/fanfiction-noragami-ultimo-suspiro-2916244/capitulo1</a>
F#4.	Após a morte	Nyah! Fanfiction	<a href="http://fanfiction.com.br/imprimir/historia/489449/capitulo/1">fanfiction.com.br/imprimir/historia/489449/capitulo/1</a>
F#5.	Diário de um Nerd – Manual de sobrevivência do Nerd	Nyah! Fanfiction	<a href="http://fanfiction.com.br/historia/170315/Diario_De_Um_Nerd">http://fanfiction.com.br/historia/170315/Diario_De_Um_Nerd</a>
F#6.	Bem Vindo Ao Meu Quarto!	Nyah! Fanfiction	<a href="http://fanfiction.com.br/imprimir/historia/355955/">fanfiction.com.br/imprimir/historia/355955/</a>
F#7.	Frankfurt	Nyah! Fanfiction	<a href="http://fanfiction.com.br/historia/522763/Frankfurt/">http://fanfiction.com.br/historia/522763/Frankfurt/</a>
F#8.	Sensei	Nyah! Fanfiction	<a href="http://fanfiction.com.br/historia/522064/Sensei/">http://fanfiction.com.br/historia/522064/Sensei/</a>
F#9.	Lados Opostos	Nyah! Fanfiction	<a href="http://fanfiction.com.br/imprimir/historia/527175/">fanfiction.com.br/imprimir/historia/527175/</a>
F#10.	Da Vida	Nyah! Fanfiction	<a href="http://fanfiction.com.br/historia/522210/Da_vida/">http://fanfiction.com.br/historia/522210/Da_vida/</a>
F#11.	A Guerra dos Opostos	Nyah! Fanfiction	<a href="http://fanfiction.com.br/imprimir/historia/322333/">fanfiction.com.br/imprimir/historia/322333/</a>
F#12.	Sonhos nunca morrem!	Nyah! Fanfiction	<a href="http://fanfiction.com.br/imprimir/historia/568952/capitulo/1">fanfiction.com.br/imprimir/historia/568952/capitulo/1</a>

F#13.	Orgulho e preconceito	Nyah! Fanfiction	<a href="http://fanfiction.com.br/imprimir/historia/483861/capitulo/1">fanfiction.com.br/imprimir/historia/483861/capitulo/1</a>
F#14.	O livro branco	Nyah! Fanfiction	<a href="http://fanfiction.com.br/historia/206559/O_Livro_Branco/capitulo/1/">http://fanfiction.com.br/historia/206559/O_Livro_Branco/capitulo/1/</a>
F#15.	Perda de marfim	Nyah! Fanfiction	<a href="http://fanfiction.com.br/imprimir/historia/388687/capitulo/1">fanfiction.com.br/imprimir/historia/388687/capitulo/1</a>
F#16.	O ladrão de raios – Os campistas assistem ao filme	Nyah! Fanfiction	<a href="http://fanfiction.com.br/imprimir/historia/361385/">fanfiction.com.br/imprimir/historia/361385/</a>
F#17.	Trying To Reach You	Nyah! Fanfiction	<a href="https://fanfiction.com.br/imprimir/historia/330364/capitulo/1">https://fanfiction.com.br/imprimir/historia/330364/capitulo/1</a>
F#18.	O labirinto da salvação	Nyah! Fanfiction	<a href="http://fanfiction.com.br/imprimir/historia/113699/capitulo/1">fanfiction.com.br/imprimir/historia/113699/capitulo/1</a>
F#19.	La Dama y el Paraguas e outras histórias de morte	Nyah! Fanfiction	<a href="http://fanfiction.com.br/imprimir/historia/527045/capitulo/1">fanfiction.com.br/imprimir/historia/527045/capitulo/1</a>
F#20.	Rapariga do Norte	Nyah! Fanfiction	<a href="http://fanfiction.com.br/imprimir/historia/524740/capitulo/1">fanfiction.com.br/imprimir/historia/524740/capitulo/1</a>
F#21.	Um caderno chamado Diário	Nyah! Fanfiction	<a href="http://fanfiction.com.br/historia/505605/Um_caderno_chamado_Diario/capitulo/1/">http://fanfiction.com.br/historia/505605/Um_caderno_chamado_Diario/capitulo/1/</a>
F#22.	Bloqueio de Escritor	Nyah! Fanfiction	<a href="http://fanfiction.com.br/historia/525966/Bloqueio_de_Escritor/capitulo/1/">http://fanfiction.com.br/historia/525966/Bloqueio_de_Escritor/capitulo/1/</a>
F#23.	Home	Nyah! Fanfiction	<a href="http://fanfiction.com.br/historia/433598/Home/capitulo/1/">http://fanfiction.com.br/historia/433598/Home/capitulo/1/</a>
F#24.	À Ilha do Fundão	Nyah! Fanfiction	<a href="http://fanfiction.com.br/historia/526346/A_Ilha_do_Fundao/capitulo/1/">http://fanfiction.com.br/historia/526346/A_Ilha_do_Fundao/capitulo/1/</a>
F#25.	60 days with her	Spirit	<a href="http://socialspirit.com.br/fanfics/historia/fanfiction-christian-collins-60-days-with-her-2494411">http://socialspirit.com.br/fanfics/historia/fanfiction-christian-collins-60-days-with-her-2494411</a>
F#26.	Secret Love – Dia do show	Spirit	<a href="http://socialspirit.com.br/fanfics/historia/fanfiction-miley-cyrus-secret-love-2922132/capitulo2">http://socialspirit.com.br/fanfics/historia/fanfiction-miley-cyrus-secret-love-2922132/capitulo2</a>



F#27.	Páginas de um livro queimado	Spirit	<a href="http://socialspirit.com.br/fanfics/historia/fanfiction-amor-doce-paginas-de-um-livro-queimado-821116/capitulo1">http://socialspirit.com.br/fanfics/historia/fanfiction-amor-doce-paginas-de-um-livro-queimado-821116/capitulo1</a>
F#28.	Um pequeno pedaço do paraíso	Spirit	<a href="http://socialspirit.com.br/fanfics/historia/fanfiction-avenged-sevenfold-um-pequeno-pedaco-do-paraíso-1208813/capitulo1">http://socialspirit.com.br/fanfics/historia/fanfiction-avenged-sevenfold-um-pequeno-pedaco-do-paraíso-1208813/capitulo1</a>
F#29.	Love	Spirit	<a href="http://socialspirit.com.br/fanfics/historia/fanfiction-em-familia-love-2912587/capitulo1">http://socialspirit.com.br/fanfics/historia/fanfiction-em-familia-love-2912587/capitulo1</a>
F#30.	The Love	Spirit	<a href="http://socialspirit.com.br/fanfics/historia/fanfiction-one-direction-the-love-2948066/capitulo1">http://socialspirit.com.br/fanfics/historia/fanfiction-one-direction-the-love-2948066/capitulo1</a>
F#31.	Do not cry	Spirit	<a href="http://socialspirit.com.br/fanfics/historia/fanfiction-originais-do-not-cry-2948086/capitulo1">http://socialspirit.com.br/fanfics/historia/fanfiction-originais-do-not-cry-2948086/capitulo1</a>
F#32.	O despertar	Spirit	<a href="http://socialspirit.com.br/fanfics/historia/fanfiction-justin-bieber-o-despertar-2940991/capitulo1">http://socialspirit.com.br/fanfics/historia/fanfiction-justin-bieber-o-despertar-2940991/capitulo1</a>
F#33.	More than this	Spirit	<a href="http://socialspirit.com.br/fanfics/historia/fanfiction-magcon-more-than-this-2387733/capitulo1">http://socialspirit.com.br/fanfics/historia/fanfiction-magcon-more-than-this-2387733/capitulo1</a>
F#34.	Como amar alguém em uma semana	Spirit	<a href="http://socialspirit.com.br/fanfics/historia/fanfiction-originais-como-amar-alguem-em-uma-semana-2940215/capitulo1">http://socialspirit.com.br/fanfics/historia/fanfiction-originais-como-amar-alguem-em-uma-semana-2940215/capitulo1</a>
F#35.	Esperança	Spirit	<a href="http://socialspirit.com.br/fanfics/historia/fanfiction-originais-esperanca-2948245/capitulo1">http://socialspirit.com.br/fanfics/historia/fanfiction-originais-esperanca-2948245/capitulo1</a>
F#36.	Uzumaki Denari	Spirit	<a href="http://socialspirit.com.br/fanfics/historia/fanfiction-naruto-uzumaki-denari-2025907/capitulo1">http://socialspirit.com.br/fanfics/historia/fanfiction-naruto-uzumaki-denari-2025907/capitulo1</a>
F#37.	Um amor para toda a vida	Spirit	<a href="http://socialspirit.com.br/fanfics/historia/fanfiction-harry-potter-um-amor-para-toda-a-vida-2910689/capitulo1">http://socialspirit.com.br/fanfics/historia/fanfiction-harry-potter-um-amor-para-toda-a-vida-2910689/capitulo1</a>
F#38.	Memórias de amor	Spirit	<a href="http://socialspirit.com.br/fanfics/historia/fanfiction-originais-memorias-do-amor-2556937/capitulo1">http://socialspirit.com.br/fanfics/historia/fanfiction-originais-memorias-do-amor-2556937/capitulo1</a>
F#39.	Para além da vida	Spirit	<a href="http://socialspirit.com.br/fanfics/historia/fanfiction-originais-para-alem-da-vida-2926483">http://socialspirit.com.br/fanfics/historia/fanfiction-originais-para-alem-da-vida-2926483</a>
F#40.	Escola Konoha Shinobi	Spirit	<a href="http://socialspirit.com.br/fanfics/historia/fanfiction-bleach-escola-konoha-shinobi-2918307/capitulo1">http://socialspirit.com.br/fanfics/historia/fanfiction-bleach-escola-konoha-shinobi-2918307/capitulo1</a>

F#41.	Mente doentia	Spirit	<a href="http://socialspirit.com.br/fanfics/historia/fanfiction-naruto-mente-perversa-2915961/capitulo1">http://socialspirit.com.br/fanfics/historia/fanfiction-naruto-mente-perversa-2915961/capitulo1</a>
F#42.	Romeu X Romeu	Spirit	<a href="http://socialspirit.com.br/fanfics/historia/fanfiction-the-gazette-romeu-x-romeu-2915773/capitulo1">http://socialspirit.com.br/fanfics/historia/fanfiction-the-gazette-romeu-x-romeu-2915773/capitulo1</a>
F#43.	Mãos misteriosas	Spirit	<a href="http://socialspirit.com.br/fanfics/historia/fanfiction-originais-maos-misteriosas-2914767/capitulo1">http://socialspirit.com.br/fanfics/historia/fanfiction-originais-maos-misteriosas-2914767/capitulo1</a>
F#44.	Paixão secreta	Spirit	<a href="http://socialspirit.com.br/fanfics/historia/fanfiction-ashley-benson-paixao-secreta-2911220/capitulo1">http://socialspirit.com.br/fanfics/historia/fanfiction-ashley-benson-paixao-secreta-2911220/capitulo1</a>
F#45.	Moments	Spirit	<a href="http://socialspirit.com.br/fanfics/historia/fanfiction-one-direction-moments-2910612/capitulo1">http://socialspirit.com.br/fanfics/historia/fanfiction-one-direction-moments-2910612/capitulo1</a>
F#46.	De repente amor	Spirit	<a href="http://socialspirit.com.br/fanfics/historia/fanfiction-naruto-de-repente-amor-2910475/capitulo1">http://socialspirit.com.br/fanfics/historia/fanfiction-naruto-de-repente-amor-2910475/capitulo1</a>
F#47.	Apenas uma noite	Spirit	<a href="http://socialspirit.com.br/fanfics/historia/fanfiction-naruto-apenas-uma-noite-2910385/capitulo1">http://socialspirit.com.br/fanfics/historia/fanfiction-naruto-apenas-uma-noite-2910385/capitulo1</a>
F#48.	I need you know James	Spirit	<a href="http://socialspirit.com.br/fanfics/historia/fanfiction-avenged-sevenfold-i-need-you-to-know-james-2908556/capitulo1">http://socialspirit.com.br/fanfics/historia/fanfiction-avenged-sevenfold-i-need-you-to-know-james-2908556/capitulo1</a>
F#49.	Meu doce primeiro amor	Spirit	<a href="http://socialspirit.com.br/fanfics/historia/fanfiction-originais-meu-doce-primeiro-amor-2908481/capitulo1">http://socialspirit.com.br/fanfics/historia/fanfiction-originais-meu-doce-primeiro-amor-2908481/capitulo1</a>
F#50.	Um presente de natal inesperado	Spirit	<a href="http://socialspirit.com.br/fanfics/historia/fanfiction-liga-da-justica-um-presente-de-natal-inesperado-2908468/capitulo1">http://socialspirit.com.br/fanfics/historia/fanfiction-liga-da-justica-um-presente-de-natal-inesperado-2908468/capitulo1</a>